

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

SOFIA MARTINS PERES ANTUNES

Quando tudo nos é estranho para onde vamos?
A inserção de imigrantes portugueses no movimento associativo português da cidade de São
Paulo

São Paulo

2017

SOFIA MARTINS PERES ANTUNES

Quando tudo nos é estranho para onde vamos?
A inserção de imigrantes portugueses no movimento associativo português da cidade de
São Paulo
(Versão Corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e do Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Parodi Svartman

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Antunes, Sofia Martins Peres.

Quando tudo nos é estranho para onde vamos? A inserção de imigrantes portugueses no movimento associativo português da cidade de São Paulo/
Sofia Martins Peres Antunes; Orientador Bernardo Parodi Svartman. -- São Paulo, 2017.

168 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Movimento Associativo 2. Enraizamento 3. Narrativas 4. Migração 5. Sofrimento Social 6. Simone Weil

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Antunes, Sofia Martins Peres

Título: Quando tudo nos é estranho para onde vamos? A inserção de imigrantes portugueses no movimento associativo português da cidade de São Paulo

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Aprovado em: __ / __ / __

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

Sem a presença viva de Thiago e Lúcia esse processo de amadurecimento, escrita, encontros e descobertas não existiriam.

À ele todo meu amor. Um relacionamento que perdura mesmo sob o teto da rotina com sorrisos largos e abraços apertados, num trajeto que nos transforma, nos une.

À Lúcia pelo poder transformador do seu trabalho. Por me fazer sentir, crescer e amar. A ela eu devo o voltar de minhas lembranças, a construção de uma memória e o desatar dos nós entre os meus.

Para me lembrar eu precisei de vocês. Despertam o meu melhor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus, por ser quem são. Eles um pouco de mim e eu um pouco deles. Iremos juntos perpetuar a nossa marca, lapidada pelo tempo e pelas oportunidades, mas unidos na ideia de família, em seus sucessos e insucessos.

Às minhas amigas lindas que tanto me ensinam! Umas mais próximas outras nem tanto. Que os risos e a espontaneidade permaneçam intactos pela vida a fora. Um brinde eterno a nós!

À Ivy Lima que também se encontra na categoria das amigas lindas, mas que requer um adendo especial. Essa “uspiana”, mesmo recente em minha vida, produziu-me um efeito profundo. Resgatou em mim a amizade da rotina da escola, dos tempos lentos, das tardes chuvosas e dos encontros banais.

Ao meu orientador Bernardo Parodi Svartman por me acompanhar nesse processo e marcar um momento muito feliz de minha vida.

À José Agnaldo, Gustavo Massola e Renato Tardivo pelo cuidado disponibilizado na leitura desta dissertação. Um processo de implicação e carinho comigo e com o ensino.

À Eclea Bosi! Suas palavras abriram caminhos. Levo-te comigo com muito respeito e admiração.

Àqueles que, por vezes, não aparecem, mas são indispensáveis para que esse percurso se consolide com sucesso. Toda luz para os bastidores! Minha gratidão à Selma, Nalva, Rosângela, aos bibliotecários da Casa de Portugal, da Biblioteca Mario de Andrade e da Biblioteca Dante Moreira Leite.

Ao Instituto de Psicologia e ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e do Trabalho pela oportunidade concedida.

Ao Hospital Beneficência Portuguesa da cidade de São Paulo pela parceria e por propiciar um campo fértil de observação e trabalho.

Por último, mas em hipótese alguma menos importante, aos meus depoentes. Cada vez que me recordo de vocês meu coração se enche de graça. Guardarei sempre comigo a grandeza de José, a vivacidade de Antônio, a docilidade de Feslisbela, a ternura de Armindo e a fibra de Rui. Juntos somos mais fortes. Que sorte a minha poder ouvi-los. Obrigada!

O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias.

João Ubaldo Ribeiro

RESUMO

Antunes, S. M. P. (2017). *Quando tudo nos é estranho para onde vamos? A inserção de imigrantes portugueses no movimento associativo português da cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta dissertação é uma pesquisa qualitativa em Psicologia Social. Seu objetivo concentrou-se em investigar se a inserção de imigrantes portugueses, em espaços associativos lusitanos da cidade de São Paulo, pode ser visto como uma tentativa destes de resistirem aos processos de desenraizamento, ocasionados pela ruptura proveniente do ato de emigrar de seu país de origem. O método escolhido pautou-se na análise das histórias de vida transmitidas pelas narrativas orais. Desse modo, embarcamos nas vicissitudes da vida de seis portugueses, nascidos nas décadas de 1920 e 1930 e percorremos três tempos de suas biografias: tempos da infância, período de mudança e, por último, a vida no Brasil. O conceito de enraizamento e de desenraizamento, que rege o aporte teórico da pesquisa, foi extraído da obra da filósofa francesa Simone Weil, difundida no Brasil pela psicóloga social Éclea Bosi. Ademais, ao longo desta dissertação, dialogamos com estudiosos de diversos campos de conhecimento, como sociólogos, historiadores, filósofos e psicólogos, a fim de refletir a respeito da hipótese desta pesquisa, a saber se a participação em uma organização coletiva pode ser considerada um ponto favorável para que o sofrimento da ruptura biográfica não esfacele a memória do passado, preservando os vínculos e as lembranças destes portugueses. Por fim, apontamos que estas organizações foram criadas e mantidas como formas de enfrentar o sofrimento psicossocial gerado pela emigração. Constatamos que a inserção dos seis idosos portugueses nas entidades estudadas foi considerada como um movimento de ir ao encontro do familiar. Concluímos que, ao articular nesses espaços experiências do passado que os impulsionaram para o futuro, provendo ancoramento por meio do respaldo identitário, cultural e memorialístico, estes tiveram, novamente, a oportunidade de se re-enraizar.

Palavras – chave: Movimento Associativo. Enraizamento. Narrativas. Migração. Sofrimento Social. Simone Weil.

ABSTRACT

Antunes, S. M. P. (2017). *When everything is strange to us where do we go? The insertion of Portuguese immigrants into the Portuguese associative movement in the city of São Paulo*. Master Thesis, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This master thesis is a qualitative research in Social Psychology. Its aim was to investigate whether the insertion of Portuguese immigrants into Lusitanian associative spaces in the city of São Paulo can be seen as an attempt by these to resist the uprooting processes caused by the rupture resulting from the emigration of their country of origin. The method chosen was based on the analysis of the life histories transmitted by the oral narratives. In this way, we embark on the vicissitudes of the life of six Portuguese, born in the 1920s and 1930s and go through three times of their biographies: childhood times, the period of change and, finally, life in Brazil. The concept of rooting and rootlessness, which governs the theoretical contribution of the research, was extracted from the work of the French philosopher Simone Weil, spread in Brazil by the social psychologist Éclea Bosi. Furthermore, throughout this dissertation, we have dialogues with researchers from different fields of knowledge, such as sociologists, historians, philosophers and psychologists, in order to reflect on the hypothesis of this research, to know if the participation in a collective organization can be considered a favorable point for what the suffering of the biographical rupture does not exclude the memory of the past, preserving the ties and the memories of these Portuguese. Finally, we point out that these organizations were created and maintained as ways of facing the psychosocial suffering generated by emigration. We found that the inclusion of the six Portuguese elderly in the studied entities was considered as a movement to meet the familiar. We conclude that by articulating in these spaces past experiences that propelled them into the future, providing anchoring through the support of identity, culture and memorialism, they again had the opportunity to re-rooted.

Key-words: Associative Movement. Rooting. Narratives. Migration. Social suffering.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS: DA EXPLORAÇÃO À CONSOLIDAÇÃO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA E SUAS RESSONÂNCIAS NO BRASIL.....	20
3 HISTÓRIAS.....	28
3.1 Beneficência Portuguesa da cidade de São Paulo.....	28
3.2 Clube Português de São Paulo.....	31
3.3 Casa de Portugal.....	32
3.4 Associação Portuguesa de Desportos.....	34
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE SOFRIMENTO E MEMÓRIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO.....	37
5 O QUE NOS LEVA A CONTAR?.....	56
6 MEMÓRIAS.....	61
6.1 José.....	61
6.2 Antônio.....	73
6.3 Felisbela.....	80
6.4 Violeta.....	91
6.5 Armindo.....	102
6.6 Rui.....	109
7. DIMENSÕES DA MEMÓRIA DO SER IMIGRANTE.....	123
7.1 As raízes da emigração.....	123
7.2 Memória política.....	130
7.3 Sofrimento social migratório.....	138
7.4 O aporte da comunidade.....	146
8 ALÉM DE IMIGRANTE, O VELHO: A DUPLA CONDIÇÃO DO DESENRAIZAR- SE.....	155
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS.....	165

APRESENTAÇÃO

As questões que serão abordadas nesta pesquisa surgiram em decorrência de um percurso profissional iniciado dentro da psicologia clínica hospitalar. Em 2012, fui contratada para atuar no ambulatório multidisciplinar destinado aos associados do Hospital Beneficência Portuguesa da cidade de São Paulo. Foram os questionamentos e encantos advindos dessa experiência que me levaram a construção deste estudo.

Logo que iniciei o trabalho ambulatorial, entrei em contato com a biografia do local e notei que o associado desta instituição estava inserido numa história fundada em 1859, quando dois imigrantes portugueses tiveram a iniciativa de consolidar uma organização associativa beneficente que auxiliasse outros patrícios e a eles mesmos, que vindos de Portugal em busca de melhores condições de vida, estavam entregues à sorte.

Para tal intento, fizeram uma reunião com a colônia portuguesa no propósito de apresentar a ideia e logo houve grande adesão. Construíram em conjunto um estatuto, e os membros desta jovem organização, assim como de outras com este formato, foram denominados de associados. Estes contribuía pagando mensalidades quando a condição financeira permitia e, posteriormente, comprando títulos vitalícios de saúde. Nos dias de hoje, o Hospital Beneficência Portuguesa da cidade de São Paulo conta com cerca de 3.200 associados, portugueses e descendentes, em sua maioria.

Atualmente, o serviço de saúde brasileiro insere seus usuários em três categorias: aqueles provenientes do Sistema Único de Saúde, os conveniados e/ou os particulares. Dessa forma, a compreensão da categoria de associado no hospital supracitado exige um aprofundamento histórico nas questões sobre imigração e sobre a formação da cidade de São Paulo.

Infelizmente, muitos reduzem a bela trajetória colaborativa dessa associação nomeando-a como o “Hospital dos Ermírio de Moraes”. É claro que não podemos desconsiderar que José Ermírio de Moraes, na década de 50, foi o primeiro sócio não português a ser eleito presidente da instituição e que desde então sua família está à frente deste cargo. Sabemos, também, que suas empresas estiveram atreladas a fortes contestações a respeito das consequências do trabalho na saúde de seus operários, mas não podemos negligenciar o passado dessa entidade

que antecede a esse sobrenome, abarcando a vida e a história de outras centenas de famílias, de diferentes classes sociais, que participam de uma coletividade permeada por mais de 150 anos.

Foi nos corredores da instituição que pude me abrir para a escuta e observação do saudosismo destes associados por terem suas memórias atreladas à cultura portuguesa, sendo o hospital mais que um espaço físico, já que é portador da potencialidade do encontro entre iguais, daqueles que preservam e semeiam as lembranças de Portugal e de seus antepassados lusitanos.

Num primeiro momento, acreditei que o associado do hospital estabelecesse relação de carinho e afeição, exclusivamente com essa instituição, seja pela história da entidade atrelada ao movimento de cooperação, seja pela memória familiar que o lugar desperta, visto que carrega uma biografia portuguesa colaborativa bastante intensa. No entanto, observei que a conexão desses portugueses ultrapassava a história da instituição e se abria para algo ainda maior: uma história de vida permeada por forte apreço com tudo que se refere ao seu país de origem, inclusive como membros de outras organizações portuguesas.

Portugal é o ponto de partida da vida da maioria dessas pessoas, assim como é o espaço primeiro na construção de raízes sociais, afetivas e culturais¹ dos portugueses que aqui vieram se instalar. Desse modo, a Beneficência Portuguesa é apenas uma parte deste contexto, pois outros espaços também abrigam e concretizam uma memória coletiva compartilhada. Destacam-se assim, além da própria Beneficência Portuguesa, a Casa de Portugal, o Clube Português e a Associação Portuguesa de Desportos².

Era e ainda é muito comum em meu dia a dia me deparar com conversas entre eles, sobre o pai que ajudou a construir tal entidade, sobre o marido que veio de Portugal e começou a vida de modo tão difícil, a mãe que costurou os lençóis utilizados nas camas do hospital da Rua Maestro Cardim, a neta que já dá indícios da repetição da avó quando, mais uma vez, esta demonstra todo seu carinho pelo hospital e por ele ser tão português quanto seu próprio Portugal. A própria senhora, por exemplo, contando as peripécias sobre os primeiros anos no Brasil após ter vindo de Portugal sozinha, o senhor tão chateado pelo fato da instituição não ser como antigamente, quando ainda eram vivos seus colegas também associados, e assim por

¹ Cultura, entendida aqui, como um sistema de símbolos compartilhados pelos quais se interpreta a realidade e que oferece sentido na vida dos participantes deste meio. O indivíduo não somente recebe a cultura dos seus antepassados como é responsável, também, por incorporar novos elementos que a renovam (Santos, 2004).

² Destaco ao leitor que estas instituições eram e são formadas por portugueses e mantidas pelos mesmos, por seus descendentes ou pelos simpatizantes da causa, os quais eram e são chamados de associados.

diante. Lembranças que abraçam lembranças quando encontram no tempo uma brecha para a conversa entre aqueles que vivem a parceria de uma tradição.

Eu, que sempre tive uma grande facilidade de me desprender de coisas e pessoas, quando me deparei com a trajetória desse movimento associativo, acabei sendo instigada a refletir sobre a importância da inserção dessas pessoas nas entidades estudadas e da fidelidade desse vínculo. Custei a compreender o que havia de tão especial em participar de uma coletividade que se perpetuava por tantos anos, ainda mais observando que nos dias de hoje estes associados não vivenciam a união de antigamente: se antes eram unidos pelos objetivos em comum, hoje experimentam uma redução dos encontros e da convivência. Porém, quanto mais me aprofundava nesta pesquisa, mais me sentia movida pelo poder do laço afetivo, do laço social e da memória.

Diante disto, perguntei-me sobre qual o sentido para esses imigrantes de participarem dessas coletividades portuguesas e de que maneira essa participação pode interferir ou não no processo de inserção deles numa nova cultura e em seus processos de re-enraizamento.

1 INTRODUÇÃO

Falar de imigração é um tema caro ao Brasil. País colonizado, de herança rural e escravocrata, tardou em estabelecer uma cultura de direitos e, quando o fez, não deixou de reproduzir segregações próximas do que outrora existiu no Brasil Colônia, como a discriminação pela cor da pele ou pela classe social. Assim, o olhar positivo ao imigrante estava diretamente relacionado na imagem do homem branco europeu, praticante da religião católica e pouco questionador. Já para aqueles que não correspondiam às características mencionadas, restou a constatação de que, talvez, o povo brasileiro não fosse tão acolhedor, como desde 1808 a imprensa brasileira buscou difundir (Cf. Campos, 2015).

Por outro lado, abordar, em especial, a imigração portuguesa requer uma atenção mais cuidadosa. Basta a leitura do livro de Alfredo Bosi “A dialética da colonização” (1992) e do livro de Darcy Ribeiro “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil” (2015) para concluir que o tema não nos é inocente, visto que vários teóricos, desde sempre, levantam embates calorosos em torno das contribuições ou malefícios advindos da colonização lusitana no Brasil, conforme aponta Venâncio (2000).

Sem dúvida, a colonização portuguesa deixou marcas irreversíveis como veremos adiante, mas o Brasil surgiu como nação preferencial de um enorme contingente de lusitanos, como possibilidade de fazer fortuna agregada aos benefícios da familiaridade e proximidade cultural oriundas da colonização. O destino nem precisava de publicidades, pois houve épocas que aldeias inteiras emigraram para cá, fazendo da oralidade o maior recurso de divulgação da promessa brasileira.

Não por coincidência, houve um período da História onde os cidadãos portugueses residentes no Brasil eram vistos com grande antipatia, tornando-se representantes de todos os aspectos negativos da formação brasileira. Por isso mesmo, o estudo da imigração portuguesa corre o risco, dessa forma, de estar sujeito constantemente a estigmatizações prévias.

Sabe-se que a presença portuguesa sempre foi alvo de contradições, ora despertando um movimento de imitação do “ser português” e em consequência do “ser europeu”, ora gerando repulsa e rejeição, ocasionando uma intensa lusofobia.

É interessante observar que, mesmo nos dias atuais, há certo menosprezo em abordar a imigração portuguesa, a não ser que sejam tratados os aspectos negativos dessa vinda, fato que não se nota de maneira tão significativa com imigrantes de outras nacionalidades. Ainda hoje, os portugueses são considerados por muitos como herdeiros da colonização e, de fato, sabemos que pela premissa da pele branca, quase em sua maioria, e, por serem europeus, tiveram mais oportunidades em comparação aos negros ou mulatos que aqui lutavam pela sobrevivência física e social, por exemplo.

Entretanto, seria o sofrimento dessas pessoas menor e menos importante do que de outros? Não seriam eles, imigrantes portugueses, em muitos casos, também vítimas de um sistema autoritário e desigual? Como diferenciar dominados de dominadores? Penso ser bastante delicado, a priori, caracterizá-los como os tais herdeiros, pois toda construção de identidade cristalizada abre margem para uma redução das problemáticas e a ampliação do ódio entre povos.

Embora essa dissertação não se coloque no objetivo de esclarecer tais questões, estas indagações atravessaram a pesquisa e não poderiam deixar de ser apresentadas, ainda mais sobre um tema que necessita de certa ponderação ao ser discutido. Aliás, não esqueçamos que “a história humana é apenas a história da escravização que torna os homens, tanto opressores quanto oprimidos, simples joguetes dos instrumentos de dominação que eles mesmos fabricam” (Weil, 1996, p. 311).

Percorrendo dois séculos da representação do imigrante pela imprensa, Gustavo Campos (2015) desmistifica a ideia da hospitalidade brasileira tão difundida entre os meios de comunicação. O jornalista menciona o imigrante como um grande bode expiatório, principalmente se agir sobre ele o corte de classe. Campos (2015, p. 528), pontua o imigrante

não como ser humano, mas como “braços”. Não migram, são “importados”. Devem ser parte de uma “multidão trabalhadora”, mas nunca “perturbadores da ordem”. Devem ser “morigerados” e “industriosos” mas se reivindicam direitos, são classificados como “agitadores” e “anarquistas”. Devem ser “assimiláveis”, sob o risco de suas comunidades se tornarem indesejáveis “quistos étnicos”.

O que se observa por parte da imprensa brasileira em praticamente todo século XIX é uma constante aversão à chegada de portugueses. Em jornais da época, estes eram caracterizados como exploradores, pouco higiênicos, fisicamente grotescos, ignorantes e os

principais responsáveis pelo desemprego nacional. Chegaram ao ponto de celebrar acontecimentos trágicos, tal quando noticiaram com certa satisfação, o naufrago de um navio de imigrantes portugueses que trazia consigo cerca de quase 1.300 lusitanos (Campos, 2015, p. 108).

O autor, ainda, colabora com esta pesquisa quando menciona sobre o associativismo como uma ferramenta de preservação social por parte da comunidade de imigrantes, seja qual for a nacionalidade. E, conclui que por todo esse tempo, a História fez e faz da presença do imigrante ora um bem, ora um mal, dependendo dos interesses dos governantes e das elites. Como quando os portugueses dos Açores eram vistos com maus olhos pelos demais, em especial, pelos denominados nacionalistas. Ou hoje, quando observamos os cidadãos advindos do Haiti e da Bolívia, que colocam frente a frente aquilo que, durante toda a História do Brasil, constantemente as classes dominantes brasileiras rechaçaram: o negro e o índio.

Fausto (1991) traz uma informação muito relevante quando aponta a ausência de estudos sobre a existência das organizações associativas formadas pelos imigrantes. Os pesquisadores, segundo o autor, dão preferência a investigação da classe operária imigrante e sua participação em outro modo de organização: dos sindicatos.

Diante desta conjuntura, acredito que esta dissertação se localiza justamente na falta apontada por Boris Fausto e ressalto ao leitor que esta pesquisa não se situa nem especificamente como um estudo sobre imigração, nem como um estudo vasto da memória coletiva, mas tem por objetivo principal compreender se o engajamento e a participação dos imigrantes portugueses, vinculados em algumas entidades associativas da cidade de São Paulo, podem ser vistos como uma tentativa destes de resistirem aos processos de desenraizamento ocasionados pela ruptura, fruto da emigração de seu país de origem.

Na medida em que surgiam questões a respeito da história destas entidades colaborativas e dos tais associados, percorria um caminho interno que começou a valorizar as relações afetivas e acabei me deparando com a potencialidade enraizadora que é possível encontrar nos vínculos associativos, nos antepassados e nas tradições.

Sendo assim, não por acaso, este trabalho possui como método a escuta das histórias de vida de pessoas idosas. Diferentes de um adulto que têm no relembrar uma prática sem grande relevância, o indivíduo velho toma essa ação como um trabalho árduo de restauração de fatos, costurando-os aos sentimentos esmaecidos pelas décadas (Bosi, 1994).

Os associados que compartilharam conosco suas trajetórias de vida foram portugueses nascidos nas décadas de 20 e 30, mas cada qual emigrou de Portugal por questões específicas e em anos diferentes. Eles foram incitados a um trabalho de rememoração abarcando três diretrizes norteadoras: tempos da infância, período de mudança e, por último, a vida no Brasil.

É importante também levarmos em conta que o “grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época” (Bosi, 2003, p. 19). Contudo, existem dois pontos que unem José, Antônio, Felisbela, Violeta, Armindo e Rui: a busca por um local mais próspero e seguro de se viver, em função das condições econômicas, políticas e/ou familiares que enfrentavam em Portugal, e o fato de terem ingressado em entidades portuguesas associativas quando chegaram ao Brasil.

Ressalto que por toda a dissertação, as histórias narradas pelos seis depoentes serão prioritárias. Entretanto, e muito em função do meu convívio diário com outros imigrantes portugueses, todos idosos, no ambulatório dos associados do Hospital Beneficência Portuguesa da cidade de São Paulo, me permitirei trazer essas experiências e evocar outros nomes, além dos depoentes, no intuito de enriquecer o que está sendo tratado nesta pesquisa.

Dessa forma e com o propósito de tornar este trabalho uma oportunidade desses associados falarem de suas lembranças, pretendi possibilitar um retorno aos acontecimentos de suas vidas e dos grupos aos quais pertenceram mediante o recurso da história oral, constituída pelas narrativas. O ato de narrar, em vias de extinção em tempos da ampliação da razão e das inovações tecnológicas desvela o universo do mágico, do poder das palavras e do encanto da escuta.

O avanço da informação, para Benjamin (2012), contribuiu para o declínio das narrativas por se tratar de uma forma de comunicação imediata, compreensível por si e em si, caminhando para propósitos diferentes. As narrativas conservavam seu efeito em transmitir histórias, retirando-as, muitas vezes, de situações rotineiras e evitando explicações prontas, permitindo que o leitor fosse livre no ato interpretativo de acordo com sua perspectiva, atingindo uma amplitude que falta à informação.

No entanto, mesmo sendo possível encontrar diversos escritos históricos em atas ou periódicos sobre as quatro organizações associativas que serão estudadas, isso parece que “não dá conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (Bosi, 2003, p. 15). Muito provavelmente por que

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramento. (Benjamin, 2012, p. 220)

Com a dissipação das experiências coletivas e da tradição partilhada em decorrência do advento do modo de produção capitalista, viu-se um aumento de espaço fornecido à informação em detrimento da prática de narrar. A sociedade carente de bases referenciais, pois não conseguia mais se pautar no alicerce da comunidade, encontrou sustentação nas informações prontas. A imprensa, neste momento, passou a deter um papel de relevância como instrumento comunicador na explicação dos acontecimentos e como modo de controle (Benjamin, 2012).

Assim, observo que a sabedoria saiu de cena para dar lugar a um tipo de apreensão testada e comprovada, rompendo com a tradição das histórias contadas de geração em geração e do conhecimento adquirido por meio da experiência de vida.

Logo, acredito que para melhor compreendermos as questões ligadas às experiências de enraizamento e de desenraizamento desses imigrantes lusitanos, devemos ir além e considerar a história singular e coletiva dos personagens que integram essas instituições. Para tal, por meio do ato individual da recordação, que não deixa de ser coletivo, adentraremos na memória daqueles que participam e se relacionam com essa história.

Contudo, o leitor pode estar se perguntando a serviço de que realizar tal pesquisa. E é inviável não recorrermos ao prefácio de Marilena Chauí presente no livro “Memória e Sociedade” (Bosi, 1994), no qual a filósofa toma os escritos de Ecléa Bosi “nem como uma ideia, nem como uma coisa, mas como um campo de pensamento” (Chauí, 1994, p. 21), favorecendo os caminhos para a troca como fator fundamental na produção de conhecimento e nos aproximando daquilo que Benjamin (2012) apontou como intercâmbio de experiências, fato pouco a pouco esquecido em nossa sociedade atual.

Penso ser possível nos reinserirmos numa sociedade na qual o corpo languageiro, seja ele velho ou novo, se restitui de sua importância para tornar-se ação no mundo. Só assim difundiremos um campo de pensamento onde todos possam usufruir, numa sociedade criativa, crítica e intuitiva, por meio da troca, da palavra e das memórias.

Nos depoimentos presentes nesta dissertação, o particular e o coletivo se encontram, devido aos testemunhos vivos. Longe de oferecer um ponto final a essa história, busco aqui uma produção de reticências na história de vida de tais associados e, conseqüentemente, na história da comunidade portuguesa na cidade de São Paulo, bem como seus desdobramentos na formação social desses cidadãos.

Diante do exposto, a hipótese norteadora desta dissertação se respalda em pensar que o elo comunitário, a participação em uma organização coletiva, pode ser considerado um ponto favorável para que o sofrimento da ruptura biográfica não esfaçele a memória do passado, preservando os vínculos e as lembranças destes portugueses. Desse modo, a inserção seria uma forma de enfrentar o sofrimento psicossocial gerado pela emigração.

Pressupomos, ainda, que esse movimento associativo, representado pelas mais diversas entidades, aparenta ter sustentado a memória, a identidade e, ainda, exerceram forte influência de amparo para seus membros.

Para ir ao encontro com as proposições levantadas, o suporte teórico norteador desta pesquisa se concentrará no conceito de enraizamento e de desenraizamento da obra da filósofa francesa Simone Weil. Também utilizarei a construção teórica de psicólogos, historiadores, sociólogos e outros filósofos, por considerar essas áreas essenciais no entendimento dos fenômenos abordados em Psicologia Social, seja tratando-se de imigração, de memória ou de sofrimento social.

2 DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS: DA EXPLORAÇÃO À CONSOLIDAÇÃO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA E SUAS RESSONÂNCIAS NO BRASIL

Para entendermos um pouco mais sobre a imigração portuguesa no Brasil não podemos deixar de considerar a História de nosso próprio país. O processo de colonização iniciado em 1500, fruto da expansão marítima portuguesa, propiciou um novo rumo para a história daquele território, inexplorado aos olhos do homem europeu, mas que já era a morada de toda uma diversificada população indígena drasticamente reduzida ao longo da colonização e, posteriormente, ao longo da história do Brasil.

A Revolução Mercantil ocorrida na Europa no final da Idade Média, pautada principalmente numa nova tecnologia oceânica objetivando o aumento do poder comercial, ativou o poderio ibérico, em especial o lusitano. Assim, o comércio passou a não mais se limitar ao eixo econômico do mar Mediterrâneo, permitindo um novo modelo econômico: o Mercantilismo.

Este, por sua vez, deu impulso a uma nova classe social, a burguesia, bem como a expansão ultramarina e ao metalismo, que consistia em medir a riqueza de um país pela quantidade de metais preciosos acumulados.

Logo, qualquer terra encontrada contendo recursos a serem explorados tornava-se alvo de lucro e poder para as nações dominantes. Entretanto, tais expedições exploratórias eram revestidas de caráter benevolente, definindo-se “como expansores da cristandade católica sobre os povos existentes e por existir no além-mar” (Ribeiro, 2015, p. 32).

Inseridos nesta lógica e aportados em solo indígena, no território que hoje denominamos Brasil, não tardou para que os portugueses usurpassem de toda forma aquele povo e os bens daquele local, escravizando corpos e alienando almas.

Segundo o antropólogo e escritor Darcy Ribeiro (2015), se inicialmente os portugueses eram vistos como enviados do Deus Sol e auxiliados pelos próprios índios a extraírem o Pau-Brasil sob o encantamento de quinquilharias, logo passaram a representar o desalento de toda a nação indígena.

Para o autor, houve uma violência e espoliação das etnias indígenas que abarcou 4 níveis: no biótico, visto que todo homem além-mar trazia consigo enfermidades e variações bacteriológicas nunca antes existentes naquela povoação; no ecológico, pela desapropriação do terreno como solo indígena em paralelo com a exploração da fauna e flora local; no econômico e social, onde a escravidão foi o maior representante desse aspecto concomitante com a instauração de um modelo econômico que corrompeu os valores indígenas; e, por fim, no étnico cultural, proveniente da imposição de uma nova cultura e da mistura entre índios, negros e europeus, originando uma etnia predominante e, ao longo dos anos, cada vez mais afastada das raízes indígenas: o Brasileiro.

Estudiosos portugueses, implicados na compreensão da emigração portuguesa para a América do Sul, entre eles Arroteia (1983), Serrão (1982) e Simões (1934), afirmam que a ida de portugueses para demais localidades sempre foi uma constante em decorrência das várias colonizações realizadas. Esse processo de posse e proveito teve seu início com a fixação de colonos no recém-descoberto arquipélago de Madeira e, posteriormente, o mesmo ocorreu com outros locais, incluindo o Brasil.

Segundo o historiador Boris Fausto (2013), há muita discussão sobre a casualidade da chegada dos portugueses, já que tudo indica que eles direcionavam-se às Índias, mas em detrimento de correntes marítimas acabaram por ancorar no litoral brasileiro. De todo modo, o autor salienta que essa controvérsia deve-se mais a uma curiosidade do que necessariamente evoca entendimentos sobre os processos históricos.

Os portugueses que aqui colonizaram organizaram-se em capitânicas hereditárias destinadas aos donatários, entre eles nenhum representante da grande nobreza, visto que os negócios com a Índia eram mais atrativos para a coroa. Dessa forma, os primeiros portugueses que aqui se instalaram não eram tão nobres, apontando que o Brasil ainda era um território pouco atraente para a metrópole (Simões, 1934; Arroteia, 1983; Fausto, 2013).

Desde a ocupação portuguesa do Brasil em 1500 até meados de 1700, notou-se números pouco expressivos da entrada desses cidadãos na colônia, como indicam os dados oficiais do IBGE (Venâncio, 2000). No entanto, Serrão (1982), Rocha-Trindade (1995) e Fausto (2013) mencionam a primeira grande corrente “migratória” de portugueses para o Brasil a partir de 1700, em virtude do início da exploração de ouro e diamante no Brasil. Fato este que, atrelado

ao momento econômico e social de Portugal, culminou na vinda de muitos cidadãos portugueses, em especial do Norte do país, na crença de encontrar melhores condições de vida.

Marcílio (2014), em um rico trabalho sobre o povoamento e a população da cidade de São Paulo, destaca que a descoberta do ouro, na região das Minas Gerais, mudou definitivamente a história desta pequena cidade. Uma vez que estava estrategicamente localizada nessa rota, acabou sendo o ponto principal de partida e chegada no processo da exploração do minério. Até então bem menos favorecida em relação a algumas outras cidades litorâneas do Nordeste, enriquecidas pela exportação do açúcar, São Paulo vivenciou um aumento populacional significativo e começou a tomar formas e organização mais definidas no decorrer do século XVIII.

O Brasil colônia, de um modo geral, antes acostumado a exportar os mais variados produtos, necessitava agora comprar mercadorias para suprir a população que cresceu consideravelmente com a vinda desse novo contingente de homens dispostos a enriquecer através do ouro. Porém, se houve um declínio da atividade açucareira no Brasil, foi apenas uma questão de tempo que o mesmo ocorresse com a mineração.

Em 1808, um século após o início da extração de ouro, a família real portuguesa, encurralada entre permanecer amiga da poderosa Inglaterra ou ver seu país invadido pelas tropas napoleônicas, optou pela fuga de Portugal com sua comitiva e mudou-se para o Rio de Janeiro com o auxílio dos ingleses. Por conveniência, abriu os portos do Brasil para países aliados, inclusive para a própria Inglaterra, que sofria o Bloqueio Continental imposto por Napoleão, até então soberano em quase todo território europeu, autorizando a implantação de indústrias em território nacional.

Nesta época, muitos portugueses acompanharam a corte e também vieram para o Brasil, que passou a ser o centro administrativo de todo o Império Português. Este importante evento fez do Rio de Janeiro um local de grande vivacidade cultural e intelectual europeia, tendo sua população dobrada nesse período (Fausto, 2013).

A partir deste momento, inaugurou-se um fluxo imigratório permanente e de grandes desdobramentos futuros para a colônia e sua população. Cumpre dizer que além dos portugueses, outros poucos imigrantes já estavam aportados no Rio de Janeiro, como alguns espanhóis, franceses e ingleses.

Darcy Ribeiro (2015, p. 117-118) pontua a vinda da família real com um tom bastante crítico em relação aos lusitanos:

Significativa ainda foi a influência da segunda invasão portuguesa. De um dia para o outro quase 20 mil portugueses, fugindo das tropas de Napoleão, aportam à Bahia e ao Rio. O sábio rei sabia bem que o reino prestante estava aqui. Assim é que, vendo Portugal invadido por Napoleão, veio ter aqui, tangendo sua mãe louca. Trouxe consigo o melhor da burocracia portuguesa. Foi um imenso empreendimento naval em que milhares de portugueses desembestaram para o Brasil, disputando lugares a tapa nas naus inglesas convocadas para a operação.

Boris Fausto (2013) frisa que embora o Brasil passasse por essas recentes modificações, a coroa não deixou de ser portuguesa e continuou viabilizando os interesses de sua própria população, mesmo estando em território brasileiro. Assim, os cargos mais altos eram ocupados por portugueses, os impostos aumentavam cada vez mais e o Brasil ficava com o objetivo de suprir a demanda em dobro.

Diante deste panorama, não tardou para que os cidadãos brasileiros se manifestassem por meio de revoltas, demonstrando seu descontentamento e pressionando a coroa com o intuito de criar um país independente. Além do mais, as questões políticas suscitadas após 1808, entre nacionalistas e portugueses, repercutiram significativamente, originando hostilidades entre os dois grupos, refletidas por meio de apelidos depreciativos aos portugueses, como “marinheiros, pés de chumbo, marotos, caramurus, que em represália, chamavam os brasileiros de cabras” (Fausto, 2013, p. 140), era possível, inclusive, presenciar embates físicos.

O Brasil, em 1822, tornou-se independente, configurando-se como um Estado diferente de Portugal e, sob o rigor do conceito e dos termos oficiais, foi quando realmente os portugueses passam a ser imigrantes. Contudo, como assinala Fausto (2013), havia um clamor por um governante nascido no Brasil. Sendo assim, a sucessão de Dom Pedro I para Dom Pedro II trouxe a possibilidade de novos ares para o povo brasileiro, suavizando os tumultos e as brigas entre ambas as nacionalidades.

Depois de escravizarem os índios, os grupos dominantes brasileiros encontraram no negro uma fonte mais resistente e em consequência mais rentável de exploração braçal e esta vinha sendo a mão de obra utilizada até então. Todavia, a forte influência inglesa na coroa portuguesa, inclusive para por fim à escravidão, foi um motivo de preocupação na antiga sociedade colonial.

Com base nisso, as condições internas do próprio Brasil, com a já mencionada independência, atrelada a Lei do Ventre Livre, em 1871, a Lei dos Sexagenários, em 1885, e, finalmente, a Lei Áurea, em 1888, culminaram com o fim da escravidão, levando o governo a por em prática providências para substituir a mão de obra escrava nas plantações de café e algodão, que eram as principais atividades econômicas do país (Rocha-Trindade, 1995).

Segundo Fausto (2013) o que se observou, a partir de 1850, foi a quase inexistência da entrada de escravos no país pelas vias legais e a manutenção do escravismo perdia sua legitimidade em solo brasileiro. Fatores que não impediram o comércio escravocrata clandestino. De todo modo, a solução encontrada mediante este cenário, por parte das autoridades, foi de subsidiar a importação de mão de obra europeia, tornando este fato outro grande momento da vinda não somente de portugueses, mas das demais nacionalidades.

Não podemos deixar de mencionar que a oportunidade de trabalho fez “nascer” o imigrante no Brasil, como a História nos indica, e o quão frequente era encontrá-los vivendo nas mesmas condições dos antigos escravos. Nos primeiros anos deste novo fluxo imigratório brasileiro era comum os novos trabalhadores serem comandados ainda por um feitor, num trabalho exaustivo em que o corpo encontrava abrigo para o descanso nas antigas senzalas e no calor ralo de uma esteira fina (Serrão, 1982; Arroteia 1983).

Cumprе ressaltar, segundo Campos (2015), que além de substituir a mão de obra escrava, o imigrante teria como papel ocupar áreas desabitadas do território brasileiro e proporcionar, com seu estilo europeu, uma “melhoria da raça” (p. 38), já que a preocupação com o embranquecimento da população era uma realidade.

A historiadora Sônia Maria de Freitas (2006), estudiosa de assuntos relacionados à imigração e à História oral, em um dos poucos trabalhos que abordam o imigrante português em São Paulo, afirma que embora o Brasil tenha recebido uma grande diversidade de estrangeiros, aproximadamente 80% dos instalados no Estado de São Paulo entre 1870 a 1939 eram naturais de apenas quatro países: Itália, Portugal, Espanha e Japão.

Para a autora, os principais fatores de incentivo para a vinda dos portugueses nas últimas décadas do século XIX foram

a adoção do trabalho livre e assalariado, a abolição da escravidão em 1888 e o estabelecimento de uma política imigratória que consistia no pagamento das despesas de viagem pelo governo brasileiro (...) Além dos já citados, outros fatores contribuíram para imigração, como a

possibilidade de poupar e comprar terras e o uso da mesma língua, o que facilitava a comunicação, e a obtenção de trabalho, como o de vendedor, condutor de bonde, sapateiro, caixeiro e negociante. Sobretudo a imigração foi um empreendimento da iniciativa privada, na medida que os cafeicultores necessitavam de mão de obra. (2006, p. 59)

Já Venâncio (2000) aponta que no período de 1850 até 1930 houve uma imigração portuguesa em massa, configurando-se, principalmente, pela população da região Norte de Portugal, em especial a província do Minho. Esses pequenos produtores rurais, quase em sua maioria, sem o estudo regular das escolas, buscavam no Brasil prosperar, talvez este fato esteja relacionado ao estereótipo de “burros”³ atribuído ao português em solo brasileiro, anedota de mal gosto, que perdurou por muitos anos.

Conforme refere Freitas (2006), os estudos sobre imigração portuguesa começaram de fato a surgir no Brasil apenas por volta da década de 90, ganhando maiores repercussões com os trabalhos de Eulália Lahmeyer Lobo.

Eulália Lobo é considerada a primeira mulher a defender uma tese de doutorado em História, intitulada “Administração colonial luso-espanhola nas Américas” (1980). Nesta pesquisa, a autora buscou realizar um estudo comparativo entre a administração centralizada espanhola e a descentralizada portuguesa, visando analisar a formação das futuras nações do Novo Mundo (Freitas, 2006).

Estimada por ser umas das pioneiras da historiografia brasileira, Lobo (2001) nos chama a atenção para a escassez de estudos brasileiros sobre a emigração de portugueses ao Brasil. Embora estes estudos tenham significativa importância econômica, social e política em nossa

³ Certo dia, no Hospital Beneficência Portuguesa, fui abordada por uma senhora que imigrou ao Brasil na década de 50, curiosa com minha pesquisa de mestrado. Conversamos um pouco e a mesma relata: “O que mais me surpreendeu quando cheguei era que pra todo lugar que olhava português era burro, só contavam piadas de português burro, se era qualquer coisa de português era sinônimo de burro. Era moda na época, como hoje se fala de baiano. Sabe que ainda pensei em chegar aqui e continuar estudando, mas eu tinha e tenho um problema com a língua portuguesa. Deve ser dislexia ou alguma coisa parecida, tenho muito problema com ler e escrever, então português era burro, tudo era burro, falei: imagina! Eu com essa minha deficiência, eu vou entrar numa escola, não vou não, vou ser chacota e fiquei na minha, mas eu tenho essa mágoa. Engraçado, tenho uma mágoa tão grande disso aí, pois é muito ruim, pra mim ficou uma marca pesada. Me afetou, mexeu muito comigo”.

terra, a maioria deles aponta para uma visão negativa do imigrante lusitano, ao contrário do que ocorreu com os demais estrangeiros.

Para a autora, a vida política portuguesa foi marcada por uma série de crises desde 1910, com a Proclamação da República, incluindo os anos posteriores a 1926, quando a democracia é derrubada por meio de um golpe militar. Antônio de Oliveira Salazar, professor de direito, assumiu a presidência do conselho em 1932, permanecendo no poder por 36 anos, até 1968 quando faleceu, sendo substituído por outro general.

Nos primeiros anos de liderança, Salazar realizou uma recuperação econômica significativa no país, nos primeiros anos de liderança. Contudo esse cenário otimista e favorável não se manteve no decorrer do seu governo. Conforme aponta Lobo (2001), houve um déficit na vida da população com a redução do número de escolas primárias nas aldeias, o currículo escolar foi limitado apenas ao ensino de ler, escrever e contar. Além do mais, várias universidades foram fechadas com o intuito de conter despesas e a nação foi onerada com as guerras coloniais e as restrições à industrialização. Estima-se que a diminuição dos salários de trabalhadores rurais caiu cerca de 30%, ocasionando condições de vida extremamente difíceis e insalubres, causando o desemprego.

Foram períodos sombrios para a classe operária e para o campesinato. A população do norte de Portugal, em sua maioria produtores rurais, tinham dificuldade em conseguir crédito e, portanto, ficavam sem muitas alternativas. Migrar para a cidade grande ou emigrar para o Brasil acabavam por ser uma saída.

No entanto, o processo imigratório brasileiro a partir da década de 30, com a ascensão de Getúlio Vargas no poder e sua opção pela valorização do trabalhador nacional, passou por um período de declínio. Havia restrição da entrada de estrangeiros, desembocando na redução do fluxo imigratório. Diversas leis foram criadas com o intuito de proibir e coibir o imigrante, inclusive de expressar sua própria língua em público. Estrangeiros foram perseguidos, inclusive os próprios portugueses (Serrão, 1982; Venâncio, 2000; Pascal, 2004; Fausto, 2013).

A legislação getulista estabeleceu cotas para a imigração e limitou os direitos dos estrangeiros. Eles eram

proibidos de votar, de ser funcionários públicos e leiloeiros, de explorar a pesca e indústrias correlatas, a navegação de cabotagem, de exercer os ofícios de tradutor público, intérprete comercial, classificador de produtos agrícolas, pecuários e de matérias-primas, armador,

comandante de navios nacionais, prático de barras, portos, rios e lagos e as profissões liberais, exceto quando o estrangeiro viesse do contexto de reciprocidade internacional. (Lobo, 2001, p. 176)

Apenas os portugueses naturalizados adquiriam um pouco mais de liberdade e respeito. Entretanto, em paralelo a este movimento, foi possível abrir exceções às restrições impostas quando tratava-se de estrangeiros de origem portuguesa. Privilégio concedido pela aproximação cultural e religiosa, diferente, por exemplo, dos alemães. Afinal, para Getúlio era necessário selecionar imigrantes que se adaptassem ao país para desenvolver uma pátria unificadora.

O processo de queda e retomada da corrente imigratória em direção ao Brasil esteve longe de ser linear. No intervalo das décadas de 30 até 50, houve um declínio da entrada de lusitanos no Brasil, por motivos internos na política brasileira e lusitana. Durante este intervalo, o qual, em parte, também compreende o período da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), segundo Serrão (1982) e Lobo (2001), a suspensão de viagens atlânticas foi outro fator que contribuiu para a diminuição no fluxo imigratório legalizado.

A entrada de portugueses no Brasil foi retomada no pós-guerra, quando Portugal vivenciou uma crise econômica e política que foi ainda mais fortalecida nos fins da década de 1960 e início da de 1970, quando ocorreu a eclosão dos movimentos de guerrilha nas colônias da África, provocando conflitos políticos internos em Portugal. Esses fatos, associados às perspectivas abertas pelo “milagre econômico” brasileiro, alimentaram uma retomada da imigração para o Brasil. No referido período, a comunidade lusitana no Brasil aumentou de 247 mil para 410 mil indivíduos (Venâncio, 2000; Lobo, 2001).

No período mais recente, o Brasil, tomado por crises políticas e econômicas, fomentou sua população a tentar uma nova vida nos países estrangeiros, configurando-se como um país “emigrante”. Inaugura-se, assim, um fluxo imigratório inverso.

Logo, observa-se um grande volume de brasileiros vivendo em Portugal, cerca de 150 mil brasileiros no ano de 2010, quantia bastante contrastante quando se sabe que em 1970 havia pouco mais de três milhares. Isso faz com que Portugal seja considerado o país mais procurado pelos brasileiros dentre os pertencentes à União Europeia (Nunam e Peixoto, 2012).

3 HISTÓRIAS

Com o propósito de apresentar ao leitor as quatro organizações associativas recorrentes na biografia de nossos depoentes, se faz necessário uma breve exposição histórica sobre elas, para que em seguida possamos nos distanciar dos fatos e adentrar nas memórias dos imigrantes portugueses associados.

Nota-se que era bastante comum os imigrantes lusos, abastados ou não, se vincularem a mais de uma destas associações. Não raro, encontramos diversos portugueses participando da fundação e consolidação de mais de uma entidade, além de contribuírem financeiramente com a maioria delas, seja com quantias esporádicas ou mediante mensalidades de sócio.

3.1 Beneficência Portuguesa da cidade de São Paulo

A história desta instituição começa anteriormente ao período que coincide com a imigração em massa para o Brasil. Iniciava-se o ano de 1859, na então imperial cidade de São Paulo, com sua constância característica. A cidade cochilava nos limites formados pelo Anhangabaú, Tamanduateí e Morro da Força e tilintava de hora em hora ao som dos sinos das igrejas de São Bento, do Pátio do Colégio de São Francisco e do convento do Carmo. Quando não, apenas eram os estudantes de direito a caminho do antigo Largo do Capim, atual Largo São Francisco, que espantavam a monotonia da cidade (Ferreira, 1959).

Foi na mente de um dos portugueses mais simples da época, Luiz Semeão Ferreira Viana, que ocorreu o pensamento de criar uma associação que socorresse os portugueses mais necessitados. Nos seus 18 anos de idade

Essa idéia germinou em sua mente de moço,... a comunicou ao seu companheiro de trabalho, outro moço também ainda quase criança, Joaquim Rodrigues Salazar (...) e, porque ambos não julgassem com forças bastantes para levarem ávante a sua idéia, procuraram em commum outro companheiro, Miguel Gonçalves dos Reis, que já possuía uma pequena casa para venda de fumos, no Pateo do Collegio, actual Largo do Palacio, e, acceite, por este o plano exposto por

aqueles dois companheiros, deliberaram, os três, pôr hombros à empreza, e levál-a a effeito⁴. (Nobre, 1919a, p. 13)

De acordo com Nobre (1919a), foi então que em 16 de setembro de 1859 a lista de nomes a serem inscritos para compor a Associação Beneficente foi aberta e em menos de 15 dias já contava com 168 membros associados, entre eles havia 19 senhoras. A primeira reunião, assim como uma grande parte da história da ainda prematura Associação, foi noticiada pelo Correio Paulistano.

Uma vez definido o caráter beneficente⁵, a Sociedade obtinha renda através de mensalidades pagas por estes associados, que tinham isso por tarefa, mas também por princípios, já que visavam a expansão da ideia pleiteando a inclusão de cada vez mais sócios. Isto com o intuito de prosperar e consolidar uma assistência, médica em especial, mais sólida aos seus colegas portugueses e a quem necessitasse desta em demasia (Cf. Ferreira, 1959).

Após quase duas décadas que sucederam as supracitadas 168 adesões, a Sociedade já contava com pouco mais de 620 associados e possuía boa estrutura financeira para oficializar a sua iniciativa principal com a inauguração de um modesto hospital. Durante os anos que se seguiram a esta construção, foram incontáveis as contribuições destas pessoas, assim como de simpatizantes da causa, para auxiliar os portugueses e os mais necessitados por meio daquilo que tinham de mais precioso: o trabalho. Iniciava-se, então, a doação de serviços médicos, jurídicos, contábeis, arquetônicos, além de ferros, tijolos, azulejos, mão de obra, lençóis, serviços de costura, transporte, quantias significativas em dinheiro e o que mais fosse necessário. Em 20 de agosto de 1876, o “Hospital de São Joaquim” se mostrou um sonho possível (Nobre, 1919b).

⁴ A grafia original foi mantida respeitando a escrita da época.

⁵ Os associados estabeleceram “seu modo prático de contribuir consistindo em: a) Procurar ocupação e trabalho se por falta de valimento o não puder conseguir; b) Prestar alimentos e socorro a aqueles que por falta de trabalho não obterem subsistência; c) Ministar aos enfermos necessitados, os auxílios necessários para seu restabelecimento; d) Dar sepultura aos que falecerem sem recursos e para este caso bastará a declaração de dois sócios; e) Auxiliar aqueles sócios, que por graves enfermidades, ou por circunstancias alheias a sua vontade tiverem de sair da província ou do país sem possuírem meios para custear o transporte; f) Nenhum benefício será concedido ao sócio que contar com menos de um ano da data da sua admissão excepto porém o caso de desastre ou de morte em extrema pobreza” (Nobre, 1919a, p. 33).

O hospital já não correspondia aos padrões de seus serviços e ao capital acumulado pela administração. Em 1936, já tinham passado por diversos episódios marcantes como a febre amarela e a gripe espanhola, então, na década de 50, houve a construção de um novo hospital. Pela primeira vez na história da Associação, em 1951, um sócio não português foi eleito, era o pernambucano José Ermírio de Moraes, então genro do português Pereira Inácio⁶.

A associação, atualmente, conta com cerca de 3.200 associados, e por sua importância na antiga São Paulo chegou a receber a visita de Dom Pedro II, em 1886. Hoje este número representa apenas uma pequena porcentagem de atendimentos, se compararmos com atendimentos anuais de quase 1,5 milhão de pacientes, dimensão esta que se configurou como realidade e faz da iniciativa dos colegas imigrantes um dos maiores complexos hospitalares da América Latina.

Desde a ideia primeva da associação, se passaram mais de 150 anos, o que tornou inviável o hospital se manter apenas com os associados e atendimentos particulares. A necessidade financeira e o esteio filantrópico fizeram com que fosse aberto atendimento ao público mediante ao compromisso do governo em assumir o custo desses novos pacientes pela via do INPS, em 1967, hoje o Sistema Único de Saúde e, mais recentemente, aos convênios médicos.

Deste modo, os associados desta instituição gradativamente tiveram que dividir seu espaço e atenção com pacientes particulares, do serviço de saúde pública e conveniados. Frente a isso, concomitante ao aumento populacional e ao baixo retorno financeiro a longo prazo dos associados⁷, eles foram sendo descaracterizados como prioritários, destituídos de sua importância, não sendo reconhecidos em seu passado histórico.

⁶ Ao contrário do que muitos conhecem, Pereira Inácio emigrou de Portugal para o Brasil junto com seus pais quando tinha apenas 10 anos. Aqui trabalhou como sapateiro, mas sempre estudando quando possível. Mais moço e no ramo de algodão, fundou uma empresa de óleo de algodão que aos poucos o fez prosperar, adquiriu outras empresas, inclusive a Votorantim, sendo comprada posteriormente pelo seu genro, o engenheiro José Ermírio de Moraes.

⁷ A princípio, os associados pagavam mensalidades, mas com o passar dos anos foi ofertado a eles a possibilidade de comprarem títulos vitalícios de saúde por quantias significativas em dinheiro, os quais davam e dão direito a qualquer assistência médica até o falecimento. Entretanto, foi um negócio que não se sustentou, pois o valor gasto pelos associados ultrapassou rapidamente a quantia paga por eles. Desse modo, administrativamente acabaram se tornando um custo ao hospital.

A medida institucional encontrada para inseri-los novamente em uma boa assistência foi a criação de um ambulatório multidisciplinar em 2012. E foi a partir deste momento que a minha história e as minhas memórias cruzam-se com a dos associados.

3.2 Clube Português de São Paulo

Próximo ao Teatro Municipal da cidade de São Paulo, na Avenida São João, surgia em julho de 1920 o Clube Português. O Comendador Pereira Inácio, foi o primeiro presidente do clube e o engenheiro e arquiteto Ricardo Severo foi o orador da festa de inauguração. Assim, mais uma vez e como de costume, a presença de vários portugueses foi fundamental para a concretização desta entidade.

Segundo Neves (2000), o intento dos idealizadores era constituir uma entidade que reunisse não somente os portugueses, mas também os seus descendentes e os amigos brasileiros. Desse modo, o objetivo de maior relevância desta entidade concentrava-se nos encontros da família luso-brasileira, nas festas comemorativas de datas importantes para a cultura portuguesa e nos momentos recreativos com a Sala dos Bilhares, por exemplo.

Em 1926, o Clube foi transferido para frente do prédio dos Correios, mas permaneceu fiel aos seus ideais, caracterizando-se como uma agremiação de cunho sócio-recreativo e voltado para as artes. Além do mais, a entidade continha um grupo de coral, um núcleo de teatro e um rancho folclórico, que logo estreou numa celebração promovida em dezembro de 1920, mas o grande êxito ficou por conta da inauguração da Biblioteca, em julho de 1929 (Neves, 2010).

A Biblioteca do Clube Português de São Paulo possuiu um papel importante no desenvolvimento da cultura na cidade, não somente pelo seu rico acervo, mas por ter sido transformada em um ponto de encontro entre os membros, exaltando a leitura e fomentando a reflexão. O acervo desta dispõe de, aproximadamente, 18.000 volumes das melhores obras de escritores brasileiros e portugueses (Castellani, 1975).

Já em meados da década de 30, ocorreu o lançamento da Revista Portuguesa dirigida por Severo, reunindo diversos escritores. No periódico, conforme aponta Neves (2010), foram divulgados trabalhos literários, artísticos, históricos e científicos de alguns dos mais destacados intelectuais da década. Posteriormente, o Clube, bem como seu jornal, precisou ter seu nome

alterado para “Portugália” em função da ilegalidade que Vargas deu às associações estrangeiras. Frente a esse cenário, encontraram na alteração da nomenclatura um modo de manter suas atividades esquivando-se dos possíveis contratempos que poderia ocorrer frente às proibições.

Cumprir dizer que rapidamente, após sua fundação, o Clube se tornou um lugar de expressão artística e intelectual. É lembrado até hoje por seus salões suntuosos e por dependências de belíssimo gosto, permanecendo em frente dos Correios até meados da década de 60, quando não se sabe ao certo por qual razão, foi transferido para outra localidade, no bairro das Perdizes, no final da década de 60 (Neves, 2000).

No momento presente, a entidade conta com um corpo associativo, mas segundo informações obtidas no site da entidade⁸, o Clube precisou se adaptar a uma nova realidade, conciliando as questões econômicas e preparando-se para novos empreendimentos na área cultural, preservando os objetivos de seus fundadores. Dessa maneira oferece seu espaço para eventos diversos, como formaturas, leilões, bodas, Bar Mitzvah, confraternizações sociais e empresariais.

3.3 Casa de Portugal

A cidade de São Paulo na década de 30 já acomodava uma grande variedade de associações portuguesas, em geral cada qual condizente com uma região específica de onde provinham seus membros portugueses.

Diante desta percepção, Ricardo Severo, português muito respeitado e admirado pela colônia, idealizava uma entidade que abrangesse todos os outros centros comunitários, numa concepção de “Casa Mãe da colônia”, visando fortificar a comunidade portuguesa lusitana que vinha se fragmentando pelo regionalismo (Simões, 1934; Verdasca, 1993).

Segundo Ricardo Severo (1937), já se ouvia menções sobre a ideia da Casa de Portugal em meados 1892, visto que haviam muitos portugueses dispersos e carentes do convívio com a cultura portuguesa. Entretanto, as correntes filosóficas e políticas nacionalistas inviabilizavam

⁸ Sua Biblioteca encontra-se fechada por tempo indeterminado, o que acarretou dificuldade de construir esta história com uma maior riqueza de detalhes oficiais.

o projeto de ser desenvolvido. Somente após a inauguração da Câmara do Comércio em 1912, foi possível abrir um novo debate para a consolidação da Casa, posto que a Câmara possuía uma função muito mais técnica do que, propriamente, social ou cultural.

Mesmo com a influência de portugueses de renome da época, como o próprio Severo, Pereira Inácio, Abílio Brenha da Fontoura, entre outros, a adesão a essa empreitada não foi unânime. Em função disso, em julho de 1935, apenas cinco dirigentes de determinadas associações lusitanas se reuniram para formular uma convocação para que os demais pudessem participar de uma assembleia no mesmo mês.

Diversos obstáculos políticos internos da instituição e externos tiveram de ser enfrentados até a consolidação da entidade, como em 1938, com a campanha de nacionalização de Vargas, conforme aponta Verdasca (1993). Em cinco anos de fundação, a casa já contava com cinco presidentes, mostrando períodos de instabilidade.

O primeiro presidente da entidade foi o filólogo Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, professor da novata Universidade de São Paulo. No início, a Casa Mãe estabelecia-se na sede do Centro do Minho, na Rua São Bento. Em 1940, a casa passou a ter uma nova estrutura interna de funcionamento, contando com cerca de 3.000 sócios, os quais representavam 70 cidades diferentes. Neste período e no aguardo da consolidação de um espaço próprio, a entidade utilizava o espaço do Clube Português para festividades em geral.

Em 1951, com projeto assinado por Ricardo Severo e após significativa ajuda financeira por parte de seus associados, a construção da sede se iniciava na Avenida Liberdade. Entre os portugueses que desembolsaram significativa quantia para a edificação, destaca-se Valentin dos Santos Diniz, na época dono da doceria Pão de Açúcar (Verdasca, 1993).

Nas palavras de Severo, a Casa de Portugal seria

Uma casa de aspecto tradicional, caracteristicamente portuguesa no seu plano geral, nas suas partes e na sua arquitectura. Terá um grande pátio central ou pátios, à maneira dos quinteiros ou eidos, em que vos falei, para recreações ao ar livre, e um grande salão para as reuniões e festas da colônia. Nos corpos do edifício terão acomodação: em primeiro lugar salas de aula para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, aritmética, contabilidade, geografia, história, literatura portuguesa e brasileira, idiomas estrangeiros, técnica comercial; em segundo lugar salas para exposições, biblioteca e leitura, consulado (...) será a Escola e ao mesmo um centro. Terá uma porta tão ampla que por ela caibam quantos portugueses haja na colônia. (1937, p. 5)

A Casa de Portugal, localizada no bairro da Liberdade, foi inaugurada em 1955 abrigando diversos eventos da cultura portuguesa e solenidades beneficentes. Ao longo dos anos, foi incorporada à organização uma significativa Biblioteca, aberta em 1957 e, posteriormente, o grupo folclórico, datado de 1997. Mesmo não tendo alcançado seu objetivo de consolidar um local único, abrangendo todas as outras associações portuguesas, a Casa foi por muitos anos um ponto de encontro social e cultural para a comunidade lusitana.

Suas principais finalidades inicialmente foram a de auxiliar social e juridicamente os imigrantes e, mais adiante, teve como função específica o incentivo à recreação e cultura, preservando o idioma e os costumes da antiga terra. Seus bailes eram constantes, reunindo os mais variados portugueses (as) e seus simpatizantes, bem como as ceias de Natal, a Festa da Cereja, Festivais nacionais e internacionais de folclore, shows, entre outros (Verdasca, 1993).

Atualmente, a instituição conta com cerca de 1.000 associados. Estes, através de uma parceria, podem ter descontos de quase 50% no Hospital Beneficência Portuguesa caso não sejam sócios da instituição hospitalar. A Casa, por muito tempo, abrigou o consulado, mas no presente se ocupa da realização de jantares, muitos com intuito filantrópico em prol do Lar da Provedoria da Comunidade Portuguesa da cidade de São Paulo, o qual abriga idosos, em geral portugueses ou descendentes com poucos recursos financeiros e familiares. Além disso, dispõe de um espaço administrativo importante para cidadãos portugueses que possuem interesse em investir no Brasil e são detentores de uma biblioteca com 12.000 volumes.

3.4 Associação Portuguesa de Desportos

Em 1920, pouquíssimo tempo após a fundação do Clube Português, a Lusa, como carinhosamente é conhecida, foi fundada. Era mês de agosto quando ocorreu a fusão de cinco times paulistanos ligados à colônia: Lusíadas, Lusitanos, 5 de outubro, Marquês de Pombal e Portugal Marinhense. Nas palavras de Orlando Duarte (2000), a Lusa surgiu da saudade que todo imigrante possui de Portugal e nada melhor que o esporte para enfrentar isso.

Neste mesmo ano, o time já era aceito na Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), entretanto eles somente aceitavam oito times na 1º divisão, cujas vagas já estavam todas preenchidas. O novato time encontrou como alternativa se fundir com a Associação

Atlética do Mackenzie, um dos mais antigos clubes da cidade de São Paulo, que estava cada vez mais em decadência. Assim, o Mackenzie, que corria o risco de extinção, continuaria existindo na Portuguesa e a Portuguesa, por sua vez, conseguiria disputar o campeonato inserindo-se na 1^o divisão (Duarte, 2000).

Conforme o autor nos aponta, entre os primeiros associados encontram-se Ricardo Severo e Pereira Inácio, e o problema de sede foi temporariamente resolvido pela Câmara Portuguesa de Comércio que cedia seu salão nobre para realizar reuniões semanais.

Contudo, nem só de futebol viveu a Associação, inicialmente o tênis de mesa e a sueca tornaram-se modalidades bastante concorridas e, posteriormente, quando a entidade já possuía estrutura física de treinamento, outras práticas ganharam relevância. Entre elas, destacam-se o bilhar, hóquei feminino e masculino, patinação artística, Boxe, Ciclismo, Atletismo, Bocha, Judô, futebol masculino e feminino, entre outras.

Em seu primeiro ano de formação, o time de futebol treinava na Rua 25 de março, mas o espaço carecia de reformas nada viáveis frente à situação financeira do clube e a solução para esse impasse partiu do auxílio de seus membros e três portugueses se propuseram a executar a reforma sem nada cobrar. Nesse entremeio, os treinos ocorriam no campo do Corinthians (Duarte, 2000).

Em 1923, a Lusa se desligou do parceiro Mackenzie e passou a oficializar o nome de Associação Portuguesa de Desportos. Gradativamente, a entidade foi crescendo e, de acordo com a necessidade, foi comprando terrenos e os trocando para que comportasse a expansão. Quando necessário, faziam parcerias, como a realizada com a Cia. Antarctica Paulista para a construção da arquibancada quando estavam instalados no Cambuci.

As Festas Juninas nesta época também começaram a ganhar forma, tendo bons rendimentos e consolidando-se como um evento tradicional da entidade, ainda mais com a criação em 1935 do grupo de Danças Regionais da Portuguesa.

Neste momento da história, a Portuguesa contava com 4 mil associados, mas já na década de 40, as dificuldades financeiras assombravam o clube e, mais uma vez, continuaria firme a vontade dos integrantes lusos, que ajudavam o clube doando quantias em dinheiro ou matéria-prima necessária.

Em meados dos anos 50, a diretoria buscou um local para a construção da sua sede definitiva em parceria com a prefeitura. Após avaliarem terrenos na Vila Mariana, Mooca e Vila Guilherme, a diretoria optou pela aquisição do Canindé, pois este já detinha estruturas pertinentes, em razão de ter sido sede de outros dois clubes anteriormente.

Aos poucos foram feitas melhorias e ampliações no campo, construção de piscinas e ginásio, adquirindo uma adesão de 5.239 sócios no total, foi um momento de grande euforia para a Associação de Desportos. Em 1962, assinaram um contrato com patrocinadores e com o arquiteto Vilanova Artigas, que já havia projetado o Estádio do Morumbi, porém a parceria com Artigas não se consolidou.

A diretoria, na finalidade de levantar fundos, lançou entre 1969 a 1971 uma proposta de empréstimo por parte de seus sócios e simpatizantes no valor de 10 cruzeiros ao mês por dois anos, através de um carnê. Após esse período estabelecido, o associado poderia retirar a quantia fazendo um resgate do valor. Como benefício, era possível ter livre ingresso nas festividades do clube. Tais celebrações receberam figuras ilustres como Amália Rodrigues, Roberto Carlos, Roberto Leal⁹, entre outros.

Esta decisão, segundo o então presidente, seria a redenção do clube e a construção definitiva de seu estádio e demais dependências. Assim, seus membros cientes da importância dessa contribuição acabavam por pagar o carnê integralmente viabilizando um recurso mais imediato em prol da associação (Duarte, 2000).

Nos dias de hoje, o Canindé abriga uma das maiores agremiações fundada por portugueses fora da pátria, mas como muitas, também, possui diversas dificuldades financeiras e hoje conta com o auxílio impreterível dos membros que a compõe, sendo estes ainda detentores de uma tradição e familiaridade com a cultura portuguesa.

Recentemente, a instituição, mais especificamente, o time de futebol, contou com a ajuda inusitada das panificadoras e comerciantes. Esses empresários, na ausência de patrocinadores, se responsabilizaram em assumir as despesas de cada jogador, na justificativa de que a portuguesa é um patrimônio e que não se pode deixá-la acabar, pois o sangue que corre na veia é o português. E assim o time pode continuar jogando.

⁹ Autor do Hino da Portuguesa.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE SOFRIMENTO E MEMÓRIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO

Proponho um exercício mental: pense que em breve será preciso partir, partir para um local onde nunca esteve. Uma longa viagem será necessária, pois este local não se encontra tão perto assim. Será preciso atravessar o oceano!

Isso poderia ser considerado uma grande aventura, porém o retorno poderá demorar décadas, se é que ele vai existir. Neste momento, ir é também deixar, um deixar definitivo.

Deixam-se os amigos, a escola, os vizinhos, a família. Deixam-se os objetos de valor afetivo e aqueles comprados com a rotina do trabalho. As recordações da sua história terão de ser levadas na memória, pois a mala já se encheu e a casa não entra na mala, nem as brincadeiras, nem os sonhos. Tomara que sua memória seja boa.

*

Em “O Retorno” (2012), romance de Dulce Maria Cardoso, o adolescente Rui acreditou que aquele ia ser um bom ano, mas logo notou que aos poucos todos partiam e o que lhe sobrava era o silêncio gritante da angústia e do medo, ora ou outra interrompido pelos tiros. A presença dos amigos e das pessoas comuns agora é encontrada apenas nas lembranças de um tempo passado. E logo será o momento dele também deixar a Angola.

Milucha, irmã de Rui, tentou escolher qual fotonovela colocaria na mala, sem sucesso. Teria o pai coragem de sacrificar a cadela Pirata? O que pensar da mãe de Rui? Esta parece nunca ter superado a saída da metrópole, um lugar de lindas mulheres com seus brincos de pitanga. Cor, vida e beleza substituída por remédios que acalmam demônios. A mulher de duas terras, sem viver em nenhuma. Agora terá ela que deixar pela segunda vez todo seu álbum de fotos e outras miudezas que guardara com tanto esmero.

No fim o que lhes resta é um amontoado de esperança junto com um amontoado de pessoas num pequeno hotel cedido pelo governo português, sem a certeza da presença do pai,

filas de comida, a demora infinita de uma casa e um futuro incerto. Rui não encontrou brincos de pitangas, nem cerejas grandes. E nós constatamos que ele é mais um retornando da descolonização.

*

Ao som projetado de Schubert sentimos a impossibilidade de não se afetar profundamente com a história de Clarice no livro de Luíze Valente, "Uma Praça em Antuérpia" (2015). Portuguesa oriunda do interior, vê sua vida atravessada pela guerra e pela sombra cruel dos governos totalitários quando conhece Theodor, judeu não praticante, que com receios dos avanços do antissemitismo, migra para Portugal.

O célebre pianista impulsionado pelos ideais comunistas e percebendo o mundo de fazer de conta criado e mantido por Salazar, passa a ser perseguido pela polícia portuguesa e foge.

Em meio a militância na Espanha de Franco e percebendo a cegueira que tomou conta da Inglaterra e da França para os avanços de Hitler, deu-se conta que não havia mais sentido lutar sem a presença da amada Clarice. Assim, impossibilitado de exercer a profissão de concertista por ser judeu e com o braço lesionado após um período de trabalho com diamantes na Bélgica, busca Clarice grávida e seguem juntos em busca de paz na Antuérpia.

Em Portugal, Olívia, irmã gêmea de Clarice, vive a ruptura da partida da irmã, a quem nunca havia se separado e do marido, Antônio, que mesmo tendo passado longe da política viu com receios as ideias de progresso de Salazar e rumou sozinho para o Brasil, na tentativa de consolidar negócios em terras mais livres.

As perdas sucessivas que vão acontecendo na vida dos personagens vão sendo naturalizadas. A desgraça e o sofrimento tomam conta de todas as cenas, marcadas por separações dolorosas e forçadas em decorrência dos desdobramentos políticos e econômicos. Transformados em ratos, Clarice, Theodor e o pequeno Bernardo dependem da compaixão do cônsul português em Bourdeux, que desafiando ordens de Salazar emite milhares de visto, facilitando a fuga dessas pessoas para Portugal.

Destruídos em todas as formas de ser, o que resta a Clarice é uma única foto de sua família e a impensável surpresa aos oitenta e poucos anos de vida.

*

Essas histórias exemplificam que sofrimento não tem lado, ele pode estar por toda parte e entre todos nós. Estes podem muito bem representar personagens de uma história real. Um migrante que chega a uma terra estrangeira é uma pessoa atravessada pelos cortes sociais, culturais e psicológicos, até que com um bocado de sorte seja possível restituir uma vida digna, com espaços de participação, de relacionamento com o passado e com a abertura de esperanças futuras. Constituindo, em minha opinião, o tripé da salvação.

O filósofo e sociólogo Alfred Schutz traz a problemática da cultura quando nos coloca os obstáculos que imperam na integração do estrangeiro em um novo grupo social com condutas próprias e modos de vida já estabelecidos. O estrangeiro, para Schutz, configura-se como sendo “um indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser aceito ou ao menos tolerado pelo grupo ao qual ele se aproxima” (1944/2010, p. 118). Distante da lógica cultural, com os hábitos interrompidos, o migrante configura-se como sendo este intruso vivenciando típica crise.

A destituição desses elementos tão costumeiros do dia a dia, muitas vezes feitos de modo automático, requer do recém-chegado a realização de novas leituras, num trabalho contínuo e complexo de traduzir os elementos desse novo meio. Apto apenas a compartilhar o presente e o futuro, sem uma construção compartilhada do passado, será sempre visto por esse novo grupo “como um homem sem história” (Schutz, p. 122).

A socióloga Maria Beatriz Rocha-Trindade (1995) reitera o assunto quando considera o itinerário do migrante muito mais do que o deslocamento de um espaço geográfico. Traz a concepção de uma geografia humana na qual esse percurso é um movimento social, implicando em um novo projeto de vida, contendo a tentativa de entrosamento.

Segundo a autora (1995), a vinda do imigrante português, em especial, é bastante permeada pelo desejo de regresso, mas na medida em que ele consegue encadear alguns

processos de socialização com a nova cultura, como a inserção no campo do trabalho, a inclusão dos códigos gestuais e orais próprios da comunidade que o acolhe e a vida que se consolida, cria-se uma atmosfera que acaba por dificultar essa tomada de decisão.

Conforme esse indivíduo vai tornando-se mais familiarizado com o local que agora reside e passa a adquirir um suporte maior de referenciais, retornar ao país de origem de modo definitivo pode despertar sentimentos bastante antagônicos, visto que pode ser vivenciado como um novo processo de emigração.

No caso de nossos depoentes e dos demais portugueses que aportaram no Brasil como um todo, embora o idioma e certos compartilhamentos de costumes fosse um facilitador, a presença em um novo país gerava dificuldades de inserção em uma sociedade ferida pelas marcas da exploração em seu passado histórico, bem como dificuldades de adaptação a uma nova rede de crenças, comportamentos e linguagem.

Rocha-Trindade (1995) ainda nos alerta para outros aspectos dolorosos da esperança de “fazer a América”. Em qualquer que tenha sido a época, houve diversos casos de maus tratos, péssimas condições de vida, miséria, doenças e opressões. Fatores que aludem para uma possível compreensão do surgimento de um forte movimento associativo dos portugueses no Brasil, com o intuito de amparar os patrícios mais desafortunados e vítimas do destino.

Para a autora (1995, p. 41)

Deixar seu próprio país por tempo longo ou indeterminado representa, em geral, uma experiência radical e frequentemente traumática, de rotura com o quotidiano conhecido, em favor de um novo espaço geográfico, social e cultural; de um novo emprego, quiçá de uma nova profissão. A decisão de partir afecta não só o emigrante, mas toda a sua família alargada, e no caso de já ele próprio ter constituído uma, o seu cônjuge, descendentes e outros dependentes. É natural, assim, que as razões que aconselham ou obrigam a partir não se restrinjam ao foro individual, mas tenham uma provável incidência colectiva.

Constata-se assim que entre o momento da partida e o da chegada há mais que um trajeto a percorrer. Há uma cisão na história de vida, nota-se um rompimento com a continuidade do quotidiano, dando lugar a uma divisão entre os acontecimentos passados e futuros, a partir do ato de emigrar. Há o imperativo de desvencilhar-se e correr o risco de se deparar com uma situação ainda pior do que a anterior.

No Brasil, a partir do século XIX, iniciou-se a criação de entidades, a princípio de caráter beneficente ou de socorro mútuo, objetivando respaldar os mais necessitados. É nesta época que foram fundadas as Sociedades Benéficas da cidade de São Paulo e de Santos, em 1859. Posteriormente, já no século XX, surgiram entidades mais voltadas para as questões políticas, intelectuais, artísticas, culturais e de lazer. Atualmente, o Brasil conta com mais 200 instituições nesse formato, apoiadas em um vínculo com a cultura e com a colônia portuguesa (Freitas, 2006).

Para ter-se uma ideia, na cidade de São Paulo da década de 30, havia diversas associações, entre elas, o Centro do Minho, Centro Beirão, Centro do Douro, Centro Republicano Português, União Transmontano, Clube Português, Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria, Liga Propulsora de Instituição em Portugal, Sociedade Benéfica Vasco da Gama, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, Beneficência Portuguesa e Associação Portuguesa dos Desportos (Castellani, 1975; Pascal, 2004).

Posto isto, a escolha pelos escritos de Simone Weil, como respaldo teórico, na compreensão da inserção de imigrantes lusitanos no movimento associativo português possui um sentido preciso. Já adianto que o encontro com Weil é uma ida com poucas chances de retorno, pois é impossível ser indiferente a ela.

Sua obra é antes de tudo “social e política, mas animada por uma paixão filosófica ímpar, que desembocou em uma ardente experiência religiosa” (Bosi, 2009, p. 13). Por isso mesmo, seus textos são apreciados por profissionais das mais diversas áreas, como psicólogos, teólogos, estudiosos da memória oral, filósofos, sociólogos, entre outros.

André Comte-Sponville, filósofo materialista francês, em seu livro “Pequeno Tratado de Grandes Virtudes” (1995), realiza menções a ela ao falar de justiça, pureza e amor. Albert Camus, filósofo e escritor nascido na Argélia, em uma carta endereçada à mãe de Simone, referiu-se a ela como “único grande espírito de nosso tempo” (Pétrément, 1997) e Simone de Beauvoir, em suas memórias, manifesta relativa inveja por Weil pela sua capacidade de se envolver, tendo um “coração capaz de bater através do universo inteiro” (2017, p. 212).

Os 34 anos de vida de Simone Weil foram transmitidos no livro a “Vida de Simone Weil”, escrito pela filósofa Simone Pétrément (1997), companheira de turma, que sempre manteve estreita relação com Weil e sua família. A autora elaborou uma obra baseada nos

testemunhos de pessoas próximas, família, amigos e também daqueles que, de algum modo, conheceram Weil nas mais diversas situações.

Após ter sido professora dedicada, operária, militante, combatente de guerra, ter saído da França às pressas por causa do Nazismo, exilada de seu país por ser judia, foi em Londres que Simone Weil compilou suas experiências e pensamentos no livro “O Enraizamento” (1949/2001).

O livro trata sobre as necessidades da alma, exaltando os aspectos físicos e morais necessários para que haja um equilíbrio entre indivíduo e mundo. A ordem, o acesso a moradia, saúde e educação, a liberdade, a obediência, a responsabilidade, a igualdade, a hierarquia, a honra, o castigo, a liberdade de opinião, a segurança, o risco, a propriedade privada, a propriedade coletiva e a verdade, são, para a autora, um conjunto de premissas básicas para a sustentação física e moral do indivíduo. Uma lista de obrigações para conosco e para com o próximo, a fim de possibilitar o entendimento de como nos vinculamos no mundo (Weil, 2001).

A ideia de Weil em reunir suas vivências e reflexões escrevendo sobre o enraizamento foi no intento de elaborar um tratado de Direitos Humanos para a Resistência Francesa na expectativa deste ser utilizado quando o Nazismo se findasse e fosse possível reconstruir uma Europa para todos, evitando assim a repetição da dor infinita causada por este fato (Bosi, 2003).

Cabe ressaltar que o enraizamento pode ser interpretado como um conceito teórico na atualidade, todavia é importante o leitor ter em mente que é pouco provável que Weil buscava em suas experiências a construção de um conhecimento estritamente voltado ao mundo acadêmico. Não era de seu feitio fechar-se dentro dos muros da Universidade, pois, para ela, o entendimento e a produção de saber deveriam ser oriundos do dia a dia das pessoas comuns e de suas necessidades. Mesmo tendo publicações em jornais e revistas, nota-se nela um forte desejo, acima de tudo, de vivenciar no nível mais autêntico a condição do oprimido (Pétrément, 1997).

Não se faz uma tarefa fácil transmitir a vida desta autora, muito menos nos limitar em esgotar a problemática e as considerações sobre o enraizamento e suas possíveis ressonâncias e contradições no mundo atual. Vida e obra intercalam-se e mesclam-se, pois, para ela, o trabalho intelectual por si só não seria suficiente para entender a complexidade das relações sociais e das pessoas que nelas estão inseridas.

Mediante interpretação bibliográfica, é possível identificar que havia em Weil muita sensibilidade e um senso de se afetar pelas questões do mundo e pelos problemas ligados à dominação, que surpreendia as pessoas do seu entorno, mas, ao mesmo tempo, essa profundidade aniquilava com marcas no corpo e na alma¹⁰. Seu corpo se desmazelava, mas sua mente reluzia.

Diversos psicólogos sociais vêm se apropriando de sua obra, a fim de compreender os sofrimentos psicossociais contemporâneos e as reverberações na vida individual e coletiva das pessoas, o que torna os escritos de Simone Weil bastante atuais.

No Brasil, quem mais se dedicou ao estudo e discussão da obra de Simone Weil foi a psicóloga social Ecléa Bosi, organizando em 1979/1996 uma coletânea de textos traduzidos, percorrendo os escritos políticos, filosóficos e religiosos de Weil, além de publicar em 1982 uma biografia sobre ela. A Universidade de São Paulo por iniciativa de Ecléa Bosi abriga o “Laboratório Simone Weil”. Este núcleo tem por objetivo, a partir dos escritos da filósofa, se debruçar sobre temas como o desenraizamento e a migração, processos de exclusão, opressão e marginalização do trabalho operário e do campesinato, processos de humilhação, entre outros.

Para Weil:

Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente. (2001, p. 43)

Em alguma medida destrinchar o conceito de enraizamento, bem como alguns outros em Simone Weil, é tarefa bastante complexa, justamente pelo fato da autora não propor uma concepção de conhecimento finita. Ao contrário, a construção está sempre em aberto necessitando de constantes olhares, mediados pelas perspectivas. Seus escritos não se consolidam numa organização proposital de conhecimento, mas sim na lógica de experiências, pensamentos e pequenas anotações, em um vai e vem constante. Se para uns as contradições de

¹⁰ “Durante muito tempo, por exemplo, sua mão esquerda mostrava uma espécie de machucado redondo, profundo, como uma queimadura, que demorou meses para cicatrizar. Embora ela nunca quisesse dizer o que ocorreu, acabei concluindo – e sigo convencida – que durante uma de suas noites de trabalho ela mesma havia se queimado com cigarro para castigar-se” (Pétrément, 1997, p. 69).

Weil são vistas como deficiência acadêmica, para a própria são elementos essenciais na busca do real saber.

Assim, mais do que esmiuçar o conceito de Enraizamento exposto, é cabível nesta dissertação trabalhar com três concepções fundamentais que notamos na maioria de seus escritos e que estão diretamente ligados ao espírito que ampara a tensão entre as experiências de enraizamento e de desenraizamento: (i) a noção de comunidade, (ii) a preservação e transmissão do passado viabilizando intenções futuras e (iii) a apatia decorrente de um movimento desagregador.

A (i) noção de comunidade, a qual só encontra modos de perpetuação na imprescindível (ii) preservação e transmissão do passado quando este viabiliza uma intenção para o futuro, formam, em conjunto, os dois princípios fundante para se pensar sobre o ato de enraizar-se.

Já a (iii) condição de apatia decorrente de um movimento desagregador como o trabalho fabril, mencionado e conhecido pela autora, e sem dúvida o próprio ato de emigrar, ocasionaria de maneira geral ao que Weil nomeou como a experiência de desenraizamento.

Nesta pesquisa tomaremos a coletividade como algo que contem, abrange e pertence a um grupo de pessoas. Segundo Simone Weil (2001), esta coletividade pode ser qualquer uma, como família, nação e, aqui pensaremos também nas organizações associativas já mencionadas no início deste trabalho. O respeito a estas formas de agrupamento é fundamental, pois cada uma é única e é pouco provável que sejam passíveis de substituição, visto que de uma forma ou de outra alimentam os membros participantes, tendo, inclusive, o poder de projetar-se no futuro.

Logo, aquilo que diz respeito ao senso coletivo também diz respeito a um passado, pois é nele que serão postas as raízes constituintes dessas comunidades. A coletividade “constitui o único órgão de conservação para os tesouros espirituais reunidos pelos mortos, o único órgão de transmissão por intermédio do qual os mortos possam falar aos vivos” (Weil, 2001, p. 12), num movimento de memória e legado, transmitido a cada geração.

O enraizamento em Weil parece transpor a oposição entre os modos de vida nômade ou sedentária. Para ela, o nômade só será desenraizado se tirarmos seu deserto, ou seja, o conceito não está intimamente relacionado com a sacralização de um lugar específico, ou o ato de se sentir parte, mas com uma atmosfera necessária que propicie a articulação entre as necessidades da alma e do corpo, sendo o enraizamento a peça chave de um diálogo intercultural.

Infelizmente, a filósofa (2001) apontou para uma sociedade que vive o esmorecimento da noção do coletivo, pois foi e continua sendo dominada pela tirania do consumo, da desigualdade social e política e pelos tempos vazios da produção acelerada que esvai do homem a possibilidade do vínculo, inibindo-o de ter uma existência ancorada numa participação política e comunitária, para além do físico produtivo.

É possível constatar essa indicação de Weil no livro “Memória e Sociedade” (Bosi, 1994), por exemplo. A partir desta leitura, se faz nítida as evidências de que o imperativo que a vida moderna trouxe no cotidiano e nas relações das pessoas pouco proporciona a experiência de enraizamento. As famílias limitam-se a um grupo estreito e não raramente fragmentado, os lugares percorridos são extintos arbitrariamente e as passagens cada vez mais fechadas para qualquer tipo de transmissão¹¹, pois tudo, a todo momento, é abruptamente interrompido. De modo lamentável, o que se observa na sociedade é que a opressão econômica trouxe um esfacelamento do vivido.

A própria Simone Weil (1996, 2001) mostra por meio de sua vivência como operária fabril que os trabalhadores submetidos aos imperativos da produção tiveram muito de seu meio transformado com as inovações tecnológicas que cada vez mais impediam a cooperação e amizade entre colegas, impactando diretamente no sentido da produção. O trabalhador aniquilado pela fadiga se perdia frente ao trabalho, restando a ele apenas a apatia do movimento automático e não pensante.

A amizade, Weil (2001) ressalta, é talvez um dos maiores bens e potencializadora do restauro do vínculo, quando observa a fábrica tomada pelos operários durante uma greve, onde o senso coletivo e o espírito da solidariedade podem novamente encontrar um espaço dentro dos ritmos e das cadências do trabalho que desagregavam tal oportunidade.

Bernardo Svartman (2004, 2010) contribui com a discussão do desenraizamento operário no cenário atual, quando se submete ao trabalho fabril, deixando-se afetar por ele e pelos trabalhadores através de narrativas. Observa e sente no corpo que o trabalho fabril ainda nos dias de hoje é muito equivalente com o vivido por Weil outrora. Independente da

¹¹ Fazemos aqui uma alusão a Gonçalves Filho (1998, p.5), que nos aponta para modos de interação de uma época que em raros momentos se faz presente no nosso cenário atual. Antes “se sabia o nome do padeiro. Um tempo em que ele, por sua vez, privilegiaria o atendimento dos velhos, sem necessidade de placas sobre filas preferenciais (...) Uma menina talvez merecesse um doce de graça. Um borracheiro envergonhado mereceria mais cordialidade”.

reestruturação produtiva há o imperativo da opressão, pois continua colocando o trabalhador à margem do processo, cabendo apenas a ele, operário, encontrar formas possíveis de vinculação e resistência.

A concepção disseminada por muito tempo sobre a opressão esteve intimamente relacionada a um modo de usurpação. O poder dos opressores era visto como uma ação de extorquir o outro, e as formas de enfrentamento contra isso poderiam ser expressando reprovação, acionando a justiça ou pela força armada. Somente com o sociólogo alemão Karl Marx, ao propor que enquanto não fossem suprimidas as causas incrustadas no cerne da organização social a opressão continuaria existindo para aquém da resistência individual, que esse entendimento foi renovado (Weil, 1996).

No texto “Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social” (1996), Simone Weil dedicou-se a compreender a origem da opressão. Ao retomar as ideias de Marx e mesmo valorizando a opressão como função social, visto que não mais estava relacionada com a retirada de um privilégio, Simone Weil realiza uma crítica ao autor quando pontua que ele não conseguiu elucidar sobre os mecanismos da opressão, afinal, para a autora, não fazia sentido que a divisão do trabalho por si só se transformasse em uma relação opressora (Weil, 1996, p. 300).

Assentada nesta indagação, Simone Weil constata que se percorremos todas as formas de organização social existentes no decorrer da História, muito raras são as que realmente apresentam isenção de opressão, pois o famigerado progresso parece ter modificado a relação do homem com a natureza das coisas.

O que é mais surpreendente, não é que a opressão só apareça a partir de formas mais elevadas da economia, é que ela as acompanhe sempre. Portanto, entre uma economia primitiva e as formas econômicas mais desenvolvidas não há apenas diferença de grau, mas também de natureza. Com efeito, se do ponto de vista do consumo só existe a passagem para um pouco mais de bem-estar, a produção, que é fator decisivo, se transforma em sua própria essência. Essa transformação, a primeira vista, consiste numa libertação progressiva em relação à natureza. Nas formas primitivas da produção, caça, pesca, colheita, o esforço humano aparece como uma simples reação à pressão inexorável da natureza sobre o homem. (Weil, 1996, p. 304)

Em outras palavras, nos sistemas de produção primitiva, o homem é subordinado apenas a sua própria existência e à natureza e não a outros homens. Mesmos que outros indivíduos possam se interpor, o fazem pela troca e não pela obtenção de privilégios. Para Weil (1996), os

privilégios também não são suficientes para determinar a opressão, como já pudemos observar, pois essa desigualdade poderia ser suprimida pela “resistência dos mais fracos e pelo senso de justiça dos mais fortes”, desde que não houvesse demanda por poder.

O empecilho, apontado pela autora, é que conservar o poder é uma necessidade imprescindível dos mais fortes e disso eles não abrem mão. Assim, na medida em que a luta pela tomada do poder fica mais acirrada, cresce também a soberania de quem manda em relação a quem obedece, destituindo este último grupo de estar em outra realidade que não a da servidão frente ao domínio, abrindo margem para situações de tirania, humilhações e intolerâncias. Uma solução, então, seria abolir a desigualdade ou instaurar um poder que Simone Weil (1996) chamou de estável, onde há equilíbrio entre as forças, o que configuraria um cenário social que inviabilizasse, por sua vez, sofrimentos sociais.

Pensando que a opressão social pode vir representada de vários modos, Bosi (1987, 2003) também realizou uma aproximação do conceito de enraizamento com o cenário brasileiro, destacando que além do trabalho operário, a migração e o desemprego também consolidam situações que geram experiências de desenraizamento. Portanto, detecta que o vazio que absorve a vida de uma pessoa, mediante as rupturas, pode muito bem levá-la à condição de inércia, isolamento e enfermidades.

Tomando este aporte, pensamos que a imigração carrega um risco similar, por caracterizar um acontecimento que destitui e desagrega o indivíduo de muitos elementos sustentadores do enraizamento, causando padecimentos políticos, sociais e psicológicos. A migração de seu país de origem fragmenta a vida interrompendo sua biografia, esta, talvez, não se complete ou não recomece facilmente do outro lado do oceano.

Então, qual modo encontrado por essas pessoas para lidarem com uma transição nada simples? Afinal, no momento da chegada em um país estranho, é necessário um refazer e reinventar-se cotidiano, posto que enraizar-se pode ou não ocorrer.

O psicólogo social Fernando Frochtengarten (2005), em seu livro “Memórias de Vida, Memórias de Guerra”, abarca os aspectos trágicos de uma imigração forçada pela guerra e nos convida a viajar na história de sua família. Perpassa por dor e sofrimento, realizando um diálogo com as matrizes do desenraizamento. Isso é possível por meio do belíssimo e comovente retorno que realiza a cidade natal de seus avós, na Polônia de antigamente, percorrendo, junto com seu

avô e tia, diversos caminhos de suas vidas, sendo que muitos, encontram-se agora apenas na memória.

Segundo o autor, é bem possível que as pessoas deportadas para os campos de concentração nazista tenham vivido o desenraizamento em sua totalidade, nos quais a violência física, atravessada pela invisibilidade, pode ser considerada razão para que os laços não suportem a brutalidade, num profundo e triste sentimento de estar só.

Tão pouco, podemos nos esquecer da crise de refugiados que tem assolado o contexto mundial. Campos (2015) realiza uma distinção importante da representação social entre o refugiado¹² e o imigrante¹³ pela imprensa. Saliencia que o primeiro é sempre visto por um aspecto negativo, provavelmente em razão de não poderem ser encaminhados de volta à pátria de origem, chegam com famílias inteiras e, conseqüentemente, demandam muito mais por parte do país que os recebeu.

Já o imigrante, é sempre uma questão a ser avaliada, podendo ser algo positivo ou negativo, contudo passível de ser aproveitado de acordo com o que o novo país pretende extrair dele. Em geral, migra primeiro o indivíduo que possui maior força de trabalho, para posteriormente trazer os demais membros da família. Por outro lado, o estrangeiro na figura do intercambista, em solo brasileiro, é sempre recebido com olhos de encantamento, pois é alguém com quem poderá se aprender.

Como visto, os refugiados, diferentes de um imigrante, são impedidos de continuar vivendo em seu país no grau máximo. Vivem rupturas profundas e intensamente desagregadoras. Um fenômeno social complexo, necessário de ser olhado sobre o prisma da política, da história e do sofrimento que abarca a ausência de moradia de milhares de pessoas e que pode influenciar diretamente as próximas décadas. Habitam o nada, onde os espaços são sempre percebidos como lugares de ameaças e inconstâncias.

Infeliz daqueles que não conseguem almejar o porvir, presos na vida em que precisou ser deixada, podem não encontrar caminhos possíveis na vida presente e vêem os anos que se

¹² Embora qualquer pessoa que saia de seu país seja considerada um emigrante, utiliza-se o termo refugiado para denominar aqueles que por motivos de guerras e perseguições são impossibilitados de permanecerem (Campos, 2015).

¹³ O imigrante é aquele que pode estar fugindo da pobreza, buscando por melhores oportunidades e/ou indo de encontro definitivo com seus parentes (*op. cit.*).

colocam diante de sua existência sem razão, ou, ainda, necessitam buscar na impossibilidade de pertencer uma forma de existir nesta nova e dura realidade.

Durante meu percurso no ambulatório do Hospital Beneficência Portuguesa um português em específico me marcou. Embora ele não tenha se tornado um depoente desta pesquisa, considero não ser possível pensar sobre o sofrimento resultante da emigração sem me recordar dele.

Manoel¹⁴ é português e filho bastardo de um rico homem da Ilha da Madeira. Vítima da pobreza, morava num lugar minúsculo. Seu pai apenas existia através de um prato de comida oferecido pelas mãos das empregadas e sua mãe, mulher doente e mal-falada, morreu prematuramente. Distribuídos entre os parentes, ele e seus irmãos tomaram rumos distintos, mas todos fadados a uma vida permeada de muito pesar.

Sua figura reservada e nada desobediente, fez dele um ótimo candidato da imigração e aos 18 anos desembarcou em São Paulo. Nada aqui era como lá, como aqui é horrível para Manoel!. Guarda-livros dentro de uma instituição portuguesa encontrou no trabalho possibilidade de um lugar no mundo, mas imerso na angústia da solidão fez uma tentativa frustrada de acabar com sua vida aos 33 anos. Buscou no casamento uma solução, mas logo fez da esposa a culpada pelos seus desgostos. Na rotina intensa do trabalho, mascarou todo empobrecimento que foi sua vida fora dele.

Sabidamente, Simone Weil (1996, 2001) aponta o desenraizamento como umas das mais perigosas doenças da sociedade humana. Assim, sem ascendente e descendente Manoel hoje vive em constante agonia. Nunca conseguiu enredar sua história.

Sabemos que o deslocamento territorial por si só não pode representar toda causa dos possíveis adoecimentos psíquicos, denominados pelo saber médico como transtornos mentais, mas sem dúvida se faz um grande fator de risco em sujeitos com predisposições individuais e históricas.

No entanto, para Weil (1996, 2001) e Bosi (1994, 2003), a possibilidade de se manter numa coletividade que agrega propósito e troca proporcionaria o fio de retomada entre a vida que se deixou para a vida que acontecerá neste novo território, auxiliando a retirada deste

¹⁴ Nome fictício

indivíduo do entremeio dos dois países e mantendo, tanto quanto possível, “o sentido das lembranças e aspirações” (Bosi, 2003, p. 187) para o futuro.

Para isso, é preciso algo que Simone Weil considerou fundamental: não há novas possibilidades enraizadoras se os imigrantes portugueses, neste caso, residentes no Brasil, não se valerem de seus vínculos com o que foi vivido, pois o passado é tido como uma necessidade vital. A relação entre passado e o futuro fica explícita nesta passagem

O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; somos nós que para o construir devemos dar-lhe tudo, dar-lhe a nossa própria vida. Mas para dar é preciso possuir, e não possuímos outra vida, outra seiva, senão os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados e recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana, não há nenhuma mais vital que o passado. (Weil, 2001, p. 50)

O historiador Jacques Le Goff (1977/2013), ao estudar sobre a História Ocidental expõe que até o Renascimento as sociedades ocidentais valorizavam o passado e davam destaque aos seus antecedentes e suas respectivas tradições. Contudo, os avanços das ciências e as dicotomias lançadas, em especial entre o antigo e o moderno, acabaram por tornar o passado sinônimo de decadência. Inclusive, destaca que a negatividade que se construiu em ter no passado um meio de esclarecer o presente é produto de uma filosofia reacionária da própria História.

Somente por volta do século XX com as crises da sociedade, como os fracassos do marxismo, os horrores dos extermínios dos mundos fascista e nazista, a própria bomba atômica, que para Le Goff (1977/2013) “foi a primeira encarnação histórica objetiva de um possível apocalipse” (p. 15) levaram-nos ao questionamento se este mundo estava caminhando de fato ao progresso, como antes foi imaginado.

Mesmo já tendo havido críticas para com a história-testemunho, “devido à vontade de colocar a explicação no lugar da narração” (Le Goff, 1977/2013, p. 11), e devido ao fato de muitos tratarem o recurso oral para a produção de conhecimento científico com desdenho, o autor aponta que a história enquanto ciência tem sua origem fundada nos relatos, no testemunho daquele que observa e se afeta e isso se manteve em todo o seu desenvolvimento.

Consequentemente, para Le Goff (1977/2013), não é possível falar em retomada da narrativa, até porque, para ele, ela nunca deixou de estar presente de uma forma ou de outra, por considerar que todo artefato historiográfico acaba sendo mediado por noções narrativas, pensando no material do historiador como um personagem de uma trama. Assim, esse

encantamento que tem ocorrido entre as Ciências Sociais e Humanas para com as narrativas trata-se de uma nova articulação da prática historiográfica que até então havia sido marginalizada pela história oficial, ao passo que a palavra e o gesto passaram a ser considerados documentos a serviço da ciência.

Para o historiador Pierre Nora (1993), o fim das sociedades-memória, aquelas responsáveis por assegurar a perpetuação dos valores construídos e mantidos a cada geração, é fruto de uma aceleração exacerbada da história, onde os acontecimentos rapidamente se tornam passados, mas sem que estes necessariamente consolidem uma bagagem própria, tão necessária para a regulação entre passado e futuro. Fato que mutila a percepção histórica e memorialística.

Parece que nos encontramos cada vez mais perto da eliminação da memória e como tentativa de mantê-la presente restou o apelo maciço a um acúmulo de arquivos, monumentos, associações, museus, datas comemorativas, entre outros, os quais Nora (1993) nomeou como os “lugares da memória”. Estes nascem e vivem de um incessante movimento de manutenção das lembranças e podem ser qualificados do ponto de vista material, simbólico e funcional,

material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólico por definição visto que caracteriza um acontecimento ou uma experiência, vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou. (Nora, 1993, p. 22)

Os “lugares da memória” são uma articulação entre memória e história, abrigando no concreto todo o simbólico necessário para a perpetuação da memória coletiva de um grupo e em decorrência marcá-la num período histórico. Caracteriza uma tentativa, por vezes, legítima de preservação, como no caso das organizações associativas retratadas neste trabalho, nas quais se observa que em virtude da ruptura dos costumes antes praticados pelos imigrantes portugueses, estes precisaram encontrar abrigo nos espaços da comunidade como forma de conservar e reviver tradições. O medo de ter as lembranças perdidas faz com que se crie uma urgência em criar e manter esses lugares, carregando consigo uma ideia de continuidade, pois “se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los” (Nora, 1993, p. 13).

Dessa forma, Nora (1993) justifica a presença desses lugares como uma produção contemporânea que busca suprir a necessidade de identificação do indivíduo com a história e consequentemente com a memória. Walter Benjamin (2012) enriquece este posicionamento na

medida em que nos apresenta a importância das narrativas, que só se consolidam se estivermos disponíveis para nos colocar em contato com outras pessoas. Para Benjamin, tais vivências se encontram em uma diminuição profunda, pois estamos privados da troca, já que “quase nada está a serviço da narrativa e quase tudo está a serviço da informação” (p. 219).

No campo das Ciências Humanas, não por mera causalidade, nota-se um movimento crescente de estudos que vem cada vez mais se consolidando, nos últimos tempos, sobre as histórias orais, memória coletiva e individual em consonância com as reflexões sobre o enfrentamento possível diante de situações de desenraizamento (Bosi, 2003).

Ecléa Bosi (1994), por sua vez, retrata os “espaços da memória”, baseando-se nos depoimentos que colheu. Constata a vivacidade com que a casa da infância e as redondezas garantiram para as crianças terreno fértil na descoberta do mundo, mesmo quando o perímetro era desenhado pelos adultos.

Há muito mais graciosidade e potência afetiva no entorno de nossa vida do que, por vezes, podemos reconhecer de imediato. Momentos tidos como comuns no passado, são recordados em toda sua sinestesia, reavivados pela memória, marcando uma comunicação que transcende o tempo cronológico.

Como esquecer a magia das bolhas de sabão, produzidas no quintal da avó? O peixeiro descendo a rua, munido de sua boina e sua carriola, todas as manhãs? O primeiro vestido de Festa Junina, encomendado na costureira vizinha, repetido todo ano e guardado até hoje?

Por vezes, a deterioração de momentos compartilhados que garantem uma experiência coletiva e instauram a ponte de ligação entre passado e presente, intimida a transmissão de saberes, inserindo as pessoas em lacunas de história e de lembranças. Isto posto, fica por conta da memória a tentativa de fazer o movimento contrário, mesmo quando todos os acontecimentos insistem para que ela seja aniquilada ou convidada a se esvaír (Benjamin, 2012).

Tão importante quanto a casa da infância são os objetos biográficos, em especial, para os mais velhos. Estes afastados dos lugares concretos que ampararam seus momentos de afetividade precisam recorrer aos artefatos para ancorarem as recordações que restaram daqueles momentos. A instabilidade dos lugares, causada pela infundável exploração imobiliária, provoca nos espaços comuns da cidade constantes alterações, tornando os objetos,

que nos remetem aos elos antigos, grandes alicerces na preservação do que já se viveu um dia (Bosi, 1994).

Pierre Nora (1993) afirma que quanto menos a memória é vivida no interior, mais há uma urgência de suporte exterior e de referências. A partir disso, é viável questionar como um imigrante mantém uma memória preservada da sua história passada se com a cisão oriunda do processo migratório não há mais recursos para sustentá-la, visto que muito ficou para trás? “Daí a importância da coletividade e dos objetos biográficos como suporte da memória” (Bosi, 2003, p. 70).

Segundo Bosi (1994, 2003), a memória e sua relação com a percepção individual e com o corpo foi densamente trabalhada pelo filósofo francês Henri Bergson. O filósofo ultrapassou a ideia de uma memória restrita às questões fisiológicas, escrava dos “esquemas mecanicistas” (Bosi, 1994, p. 51) e se ocupou de uma perspectiva mais subjetiva, expondo a existência da memória com o cérebro, mas também relacionada ao espírito, em que este conservaria intacta nossa memória individual, posteriormente revelada em forma de imagens-lembranças por meio dos sonhos.

É por esse caminho que Bergson considerou dois tipos de memória. A memória-hábito, como aquela adquirida pela rotina de ações e comportamentos costumeiros, quase como uma exigência primordial do meio e a imagem-lembrança, considerada a memória pura, constituída por rememorações isoladas e particulares, que ocorrem indiferentes ao hábito. Essa última, por ser inconsciente e individualizada, é considerada por ele como a real memória (Bosi, 1994).

A memória, para o autor, seria um prolongamento do presente, uma vez que ela seria o disparador das lembranças. Neste contexto, a possibilidade de recordar propiciaria a conservação do passado.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (Bosi, 1994, p. 47)

Já o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1950/2003) aborda o tema por uma perspectiva que considera o âmbito social com maior peso. Partindo da premissa da memória como uma construção histórica, o autor redimensiona o pensamento sobre a “memória pura” de Bergson quando realiza uma crítica ao antigo professor ao afirmar que não há memória que seja

genuína, dado ao fato desta estar sempre atrelada a um trabalho da consciência. A consciência, por sua vez, é constantemente influenciada pelas instituições formadoras, como família, classe social, profissão, grupos de convívio, entre outros. Desse modo, seria ilusório considerar que a memória do passado poderia ser conservada de forma integral e linear, como em Bergson.

Para Halbwachs (1950/2003), mesmo que o indivíduo acredite refletir e agir com autonomia, como se esses fossem aspectos derivados unicamente do seu eu, o autor desvela que somos reprodução e construção do meio que nos circunda, como um eco que se perpetua frente às influências sociais que recai sobre cada um de nós.

As lembranças se tornam passíveis de emergirem, pelo fato de nos apoiarmos nas recordações conservadas e transmitidas pelo coletivo, atravessadas pela cultura e pela identidade grupal. Afinal, “somos tocados por um sopro de ar que envolve nossos antepassados” (Benjamim, 2012, p. 242).

Logo, as recordações que temos maior dificuldade de rememorar, estas sim seriam pessoais e constituídas no nosso particular. Visto que as lembranças que puderam ser evocadas sustentariam uma memória que é partilhada por um grupo, constituindo uma característica própria, mas parte integrante de uma memória que é coletiva (Halbwachs, 1950/2003). Esta, mesmo que “essencialmente mítica, deformada, anacrônica, constitui o vivido de uma relação nunca acabada entre presente e o passado” (Le Goff, 1977/2013, p. 32).

Em suma, diferentemente da história, a memória

é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (...) é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda nos detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (...) instala a lembrança no sagrado. A memória emerge de um grupo que ela une, o que dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada, (...) se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (Nora, 1993, p. 9)

Algumas recordações se perdem no tempo, mas podem ser convocadas a estarem presentes, num processo de retomada do passado e apreensão de uma memória coletiva. Assim como

as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas, certas lembranças se renovam e em certos períodos dão uma quantidade inesperada de folhas novas. Como planta que se fortalece com a enxertia – outros ramos se nutrem de suas raízes e frutificam com vigor renovado, chamando para si a seiva dos galhos originais – a enxertia social não deixa que as lembranças atrofiem. (Bosi, 1994, p. 426)

Quando convidei pessoas comuns a falarem de seus pontos de vista sobre acontecimentos particulares e coletivos não foi de modo despretensioso. Embora podemos pensar na linguagem oral e na escrita como pertencedoras de uma mesma função por meio do registro da memória, o modo pelo qual a voz se realiza, tendo no corpo seu principal instrumento, é um modo próprio de som e inseparável da entonação que são próprias às palavras. Torna-se também a oportunidade de abordar a experiência sensível do tempo, da expressão e do silêncio. Por fim, prepare-se para as histórias que virão, ora mais longas e detalhadas, ora mais curtas e com grandes lacunas.

5 O QUE NOS LEVA A CONTAR?

De início, esclareço ao leitor, que não foi aleatória a opção de escrever em primeira pessoa durante a construção da escrita que consolida esta dissertação. Com esse critério, busquei respeitar a origem deste estudo: pura e simplesmente oriunda de uma observação sensível. Portanto, não poderia me isentar da fala direta, embutida de percepções, pesquisas e leituras e assim, acredito, propicie com que você, leitor, entrasse numa história que num primeiro momento foi minha, num segundo momento foi atravessada pelas memórias de idosos portugueses e que, ao término, espero que você considere chamar de nossa.

Através do método qualitativo, o presente estudo foi realizado a partir das narrativas de seis imigrantes portugueses, associados, visando compreender se a inserção destes depoentes em organizações associativas portuguesas, da cidade de São Paulo, pode ser entendida como uma maneira de lidarem com o processo de desenraizamento, decorrente do ato de emigrar. Tomaremos as memórias de José, Antônio, Felisbela, Violeta, Armindo e Rui como forma de construir um conhecimento sobre a possibilidade de superar o desenraizamento proveniente de um distanciamento do familiar.

Para Paul Thompson (1992), resgatar a importância encontrada nas particularidades do dia a dia, nas pessoas simples e na aparente insignificância do vivido por meio das histórias de vida, é dar valor a um tipo mais íntimo de conhecimento. Podendo, por meio da evidência oral daqueles que nos falam, transformá-los para além da posição de objetos, mas também torná-los parceiros de ação na pesquisa, numa construção não somente mais rica, mas certamente mais viva.

Ainda assim, sabemos que os relatos dos depoentes estão propensos a ficar envolvidos com os estereótipos ofertados pelo meio cultural que estamos inseridos, como já constatou Ecléa Bosi (1994, 2003). Entretanto, a realidade é multifacetada e complexa e um dos méritos da História oral é permitir ao pesquisador extrair desta percepção as marcas sociais impressas na memória coletiva produzida no interior de um grupo. Afinal, sem as histórias de vida e a subjetividade de quem nos comunica seria muito difícil conhecer as relações sociais desempenhadas por nossos associados, bem como seus possíveis sofrimentos e os modos encontrados de resistência.

Logo, esse processo de estereotipia que pode estar presente nas narrativas poderia ser considerado um obstáculo a este método de pesquisa. Porém, mediante a sensibilidade do pesquisador, se concretiza como um material de análise, não destituindo a pesquisa de uma verdade, mas dando a ela um caráter de perspectivas diante do contexto social do indivíduo e do ambiente coletivo no qual participou.

Bosi (2003) coloca a importância da transmissão das memórias pela oralidade como uma maneira de entender a crônica do cotidiano. Esta categoria literária respaldada nos relatos e percepção do cronista sobre acontecimentos corriqueiros foi despida de importância na modernidade, porém nas últimas décadas vem readquirindo visibilidade em companhia das histórias de vida.

Esta dissertação buscou ouvir a história de vida dos mais velhos. Estes imersos em uma condição por si só marginalizada na sociedade atual, desacreditavam que poderiam me auxiliar com suas biografias. Uns justificando que não tinham nada de importante a dizer, outros aceitando, mas desconfiados que suas histórias pudessem de fato ter alguma utilidade, nas palavras deles.

Como procedimento, foi realizado o contato telefônico com cada depoente e este era convidado para uma conversa, realizada no lugar escolhido por eles, sempre levando em conta os imperativos que um corpo que atravessou gerações abriga, visto que estamos falando de depoentes com 80, 90 anos numa cidade onde o deslocamento torna-se cada vez mais difícil. Na maioria das vezes, as entrevistas foram realizadas num local em comum para nós: a Beneficência Portuguesa. No entanto, conforme íamos nos familiarizando um com o outro, a entrevista circulava por outros caminhos, esticando-se a um café aqui, um almoço acolá, uma visita em seus lares.

Foram realizadas duas entrevistas piloto e por intermédio delas dei-me conta que algo não me deixava confortável ao me despedir dos depoentes no final de cada entrevista. Ficava com a impressão que o mesmo ocorria com eles. Eram encontros de uma hora que se findavam ao término desta entrevista. Desse modo, toda aquela profundidade característica de um trabalho de rememoração e a energia de transmiti-lo se findavam com o rigor do tempo cronológico e um vazio se abria. O que permanecia era uma profunda sensação de que faltava algo ou que alguma coisa ficou por ser dita, pois não eram as lembranças que se esgotavam, era o tempo que nos interrompia.

Reparei assim que não havia compreendido a lição de Bosi (1994) quando ela explica ser essencial um vínculo com os recordadores e não simplesmente uma simpatia e cordialidade. Acredito que tentar extrair dos depoentes todas as respostas para todas as minhas perguntas, em um encontro, colocava-me numa posição de mais valia, visto que em uma hora não dava a eles a oportunidade de rememorem os episódios em seus próprios tempos. Era preciso dar continuidade e deixar que eles terminassem as suas histórias e não que eu as terminasse por eles.

Ser amável e simpática era apenas uma tentativa comportamental de deixá-los à vontade. Porém, era preciso mais. Era primordial estar com eles naquele momento e em quantos mais fossem necessários, cultivando uma cumplicidade de amigos, sem prazos marcados, aquela onde você possa se revelar.

Sendo assim, não me preocupei em me apressar e ao término do primeiro encontro, marcávamos outro, até chegarmos num momento onde eles pudessem sentir que haviam contribuído com as informações possíveis de serem recordadas. No geral, nunca passamos de três encontros, mas sempre tiveram a liberdade de me ligar quando necessário e vice-versa.

E assim foram eles os artesões da palavra,

(...) como numa tapeçaria, numa renda, num quadro ou numa fuga, nos quais o motivo puxa, separa, une, enlaça e cruza os fios, traços e sons, configura um desenho ou tema a cuja volta se distribuem os outros fios, traços ou sons, e orienta o trabalho (...). (Chauí, 2002, p. 22)

Gonçalves Filho (2009) nos chama a atenção para uma tarefa desafiadora. Embora a entrevista seja o modo com o qual nortearmos o encontro com os depoentes, ela não se limita a perguntas e respostas, pois precisa promover um caminho investigativo por meio de indagações exploratórias. As narrativas orais não podem perder de vista o exame cuidadoso sobre o que foi vivido e sobre as perspectivas que podem surgir acerca de um mesmo fenômeno. Cabe ao pesquisador transitar por esses pontos de vista ora convergentes, ora divergentes.

Estas ideias nos fornecem um respaldo para que a pesquisa não caia em conclusões vazias e que possa produzir algo a ser pensado *a posteriori*. Processo, no qual, nem o pesquisador produza uma opinião própria displicente, nem apenas extraia informações da vida

alheia. Somente com uma entrevista coerente, conduzida como uma conversa desarmada¹⁵ consolidará lado a lado um conhecimento compartilhado, oriundo de diversos ângulos e debates.

Optei por apresentar a entrevista do modo como foi transmitido por eles, sem grandes alterações ou preocupações com o fluxo da narrativa, apenas omitindo trechos não pertinentes a pesquisa. Perceberá o leitor que por mais que sejam estruturadas questões norteadoras, o uso que os depoentes fazem do espaço que ofertamos, de suas lembranças e as urgências do que querem transmitir se sobressai a qualquer regra. Coube a mim o respeito e a direção apenas quando necessário e, assim, eu fui um instrumento para eles entre a história vivida e a história rememorada.

Com a intenção de fazer com que todos acompanhassem essa experiência de ir ao encontro das proposições levantadas, se mostrou pertinente que o conteúdo rememorado pelos depoentes fosse gravado e transcrito.

Compete ressaltar que, embora a relação estabelecida e as vicissitudes que serão expostas pelos participantes sejam a espinha dorsal desta pesquisa, a troca com autores de outras áreas, como historiadores, filósofos e sociólogos, foi uma constante como já deve ter observado o leitor. Isso se faz necessário com o intuito de relacionar a questão destes imigrantes associados com as experiências de enraizamento, memória e laço social, num processo de articulação entre presente, passado e futuro, fazendo com que o leitor embarque nas sutilezas dessa experiência, sem perder a sustentação teórica que justifica esta escuta, constituindo a possibilidade de vivenciar a leitura deste trabalho em sua totalidade.

No entanto, é provável que o ponto mais significativo do método seja a relação do vínculo (Cf. Bosi, 2003), pois este procura estabelecer um *compromisso afetivo* com o trabalho do depoente. Condição para um diálogo, como lembra Gonçalves Filho (2009), que nos é essencial por possibilitar que o uso do gravador não se torne um intruso nessa relação, fazendo deste apenas um por menor, uma ferramenta de auxílio na captação do nosso material, a saber, as memórias.

¹⁵ Fazemos aqui uma alusão a Ecléa Bosi (2003, p. 60), quando esta retrata a amizade para Guimarães Rosa. Ou ainda, quando Gonçalves Filho (2009, p. 222) menciona que sem amizade não há cidadania, visto que ambas representam igualdade e não o poder de mais valia sobre o outro.

Esclareço ainda o respeito que prevalece em relação aos nossos participantes, tendo eles direito de receber a transcrição da entrevista e a liberdade total sobre o material colhido, ficando sempre a critério dos mesmos a revelação ou não daquilo que transmitiram.

6 MEMÓRIAS

6.1 José

Nascimento: 06/03/1926

Chegou ao Brasil aos 26 anos

Sou sócio a cinquenta e tantos anos da Beneficência, mas estou usando a pouco tempo, a idade foi chegando. Sou sócio de outra entidade também, o São Cristovão. Como eu construí o hospital, durante 40 anos eu consultava os médicos de lá. Era mais fácil, tinha que ir na obra, é mais fácil.

Eu tenho uma afeição muito grande pela Beneficência, por que antigamente tinha uns amigos que eram diretores naquela época e eu de vez em quando vinha aqui, almoçava com eles, com os amigos. Por outro lado o meu sogro que era português também e era sócio usou bastante a Beneficência, então vira e mexe estava por aqui. Ultimamente sou conselheiro eleito e venho sendo reeleito a 50 anos mais ou menos. Como você pode ver a relação que eu tenho é a melhor possível... *(pausa longa para buscar a carteirinha de associado na carteira localizada na parte de dentro do casaco)*... Admissão: 1961.

Na época, um amigo meu era secretário e apesar dele não ter origem portuguesa, e sim descendente de italiano, era o secretário geral da Beneficência Portuguesa e era também secretário do Clube Português. Era uma pessoa muito interessante, uma pessoa realmente muito interessante. Ele era autodidata, não tinha completado a instrução primária, mas ele tem um livro de poesia publicado, era um orador formidável e uma pessoa muito boa, muito boa. Conheci ele no Clube Português, era secretário e eu quando cheguei em São Paulo não conhecia ninguém, soube do Clube Português, fui lá, bati na porta e me inscrevi.

Ele tinha um problema de saúde. Na época eu era muito mais jovem do que ele, e, às vezes até vinham me falar: você anda com aquele velho? Ele era forte, cabelo branco, e eu respondia: aquele velho tem um espírito tão jovem ou mais do que nós. Realmente era uma pessoa extraordinária, tinha hérnia de disco e bico de papagaio, inclusive ele dormia aqui na Beneficência e só ia para casa nos finais de semana, porque morava na casa da irmã no Belenzinho. Durante a semana ele vinha do Clube Português e dormia aqui. Naquela época, você é muito jovem não lembra, o Clube ficava em frente aos Correios, na esquina na Avenida

São João com o Anhangabaú, descendo a ladeira ali no começo, desce, depois vai até o Anhangabaú, na esquina à direita, ali era o Clube Português, bem no centro né!?

Uma vez ele me perguntou: porque você não entra para sócio? Pensei que seria uma boa ideia, porque primeiro apesar de eu estar aqui já a muitos e muitos anos, gosto muito do Brasil, gosto muito mesmo, mas nunca me naturalizei, por exemplo. Não critico quem fez, mas nunca tive vontade disso, então, por uma dessas razões, também, por isso que fiquei sócio, era minha gente.

Antigamente o título para ficar sócio, da Beneficência Portuguesa, era relativamente barato. Naquela época, eu paguei uns 30 mil cruzados, eram 30 mil em 30 prestações, foi tranquilíssimo. Eu participava através desse meu amigo que era secretário, então às vezes, uma, duas ou três vezes na semana eu o pegava lá no Clube Português, porque naquela época de solteiro, o Clube era um ponto de reunião de portugueses, e saía com ele, íamos jantar e depois o deixava na BP, até porque ele tinha problemas com essa história de hérnia de disco, bicos de papagaio, conforme o local onde ele pisasse sentia dores reflexas. Às vezes, quando eu chegava no Clube eu o via pálido e dava para perceber sua dor, mas nunca se queixava, nunca, nunca e depois então como ia na BP várias vezes, também, fiz amizades. Naquela época conhecia vários diretores e enfim... depois fiquei afastado um pouco porque não tinha necessidade, esses amigos também foram morrendo, aí eu me afastei um pouco, não tinha assim uma razão pra frequentar, então me afastei um pouco.

Agora a idade pesa né?! Implacável. Tenho frequentado bastante a BP e fiz novas amizades também, agora os conselheiros eleitos... 61 ou 69 que eu falei?, 1961! (*confirma depois de olhar a carteira*) 55 anos mais ou menos que sou sócio desta instituição, logo em seguida fui eleito conselheiro e venho sendo reeleito e com isso firma mais amizades novamente aqui. O convite para essa função veio deste amigo, era um super amigo, muito amigo, muito amigo.

A minha mulher também é sócia, inclusive ela é sócia benemérita, eu sou um simples sócio efetivo. Na realidade não tem diferença, a diferença é só a acomodação na hora de ser internado o resto é tudo igual. Meu sogro comprou o título de benemérito para ela, toda família dela era sócia aqui, portugueses! Era uma questão de garantia porque realmente nunca se sabe o dia de amanhã e... eu acho que, inclusive, se eu te contar você não acredita: ele colocou como

sócia a empregada deles de muito tempo e uma amiga da minha mulher e das minhas cunhadas. Ele gostava muito da Beneficência, quis ser atendido aqui até a morte.

Naquela altura não era muito caro, mas também não era muito barato não, eu sei quanto eu paguei. Na moeda da época eu paguei trinta mil em 30 prestações. Não era tão rico assim. Naturalmente a Beneficência Portuguesa teve um período muito ruim, porque ela tinha sua sede, naquela época, na Rua Brigadeiro Tobias, depois acho que tiveram que vender ou desocupar, não sei qual foi a razão, mas aí tiveram que construir na Rua Maestro Cardim. Compraram um terreno, fizeram um projeto e fizeram a estrutura, ficou anos e anos a estrutura parada, muitos anos. Até que um grupo de portugueses daquela época se reuniu e foram falar com o avô do atual presidente, do Rubens, pai do Dr. Antônio, que era senador. O grupo foi falar com ele e perguntou se ele queria assumir esse abacaxi, e ele pegou o peão a unha e construiu o que é hoje a Beneficência Portuguesa.

O pai do Dr. Antônio, José, era genro de um português rico, o sogro dele era o Comendador Pereira Inácio, cuja pessoa também tem uma história muito interessante: um simples sapateiro acabou sendo um grande industrial. E... talvez por isso ele acabou assumindo, pôs a funcionar. Naturalmente ele também recorreu a outros portugueses que contribuíram, mas ele foi realmente a cabeça e assim foi. Depois ele morreu, veio outro presidente português, acho que teve só um presidente entre a gestão dele e a do Dr. Antônio. Dr. Antônio ficou presidente na Beneficência durante muitos anos, ele adorava muito, era o xodó dele. Administrava aos domingos e pela manhã, às seis da manhã. Claro que ele era muito ocupado, quando o pai morreu foram os dois filhos assumir os negócios do pai, mas o Dr. Antônio que assumiu a Beneficência. Foi expandindo né!? Porque, além disso, você sabe, onde tem essas clínicas ao redor foram casas que os portugueses foram comprando, doando e transformando em clínicas.

Eu cheguei aqui em mil novecentos e cinquenta... Em 1952 parece, nem me lembro mais, e essa é outra história, outra novela.

Sou um refugiado político. Naquela época quando era jovem e estava na faculdade, foi durante a guerra passada, a 2ª Guerra Mundial, então não sei se por sorte ou por azar, mas foi um pouco mais por influência de meu pai, eu era simpatizante dos aliados e na época em Portugal era uma ditadura fascista, do Salazar, você já deve ter ouvido. Era uma ditadura e naturalmente não se podia discutir política com qualquer pessoa porque se você fosse da oposição era taxado de comunista, eles represavam.

Quando a gente tinha reuniões, nos reuníamos clandestinamente, ma eu nunca tive pretensões de ser político ou de entrar na política, mas participava né?! Quando terminou a guerra, nós julgávamos que os dois ditadores, na época era o Salazar e o general Franco, da Espanha, fossem cair, afinal os aliados ganharam né?! Mas por uma circunstância toda especial, não caíram, pois naquela época o partido comunista na França era muito forte, na Itália também, então os aliados com receio de que o Partido Comunista se instalasse em Portugal e na Espanha foram aguentando os dois e então, é claro naquela época, aquela euforia! Só que meu pai foi avisado por um coronel amigo dele que eu estava na PIDE.

A PIDE era uma polícia tipo a Gestapo, e eu era naquela época, minha família... eu era madeirense, mas nós morávamos no Porto. Minha família era pequena: eu, meu pai, minha mãe, minha irmã e meu cunhado. Enfim, o que eu ia fazer? Meu pai já era idoso, bastante idoso, e eu tinha que sair de Portugal, tinha o problema de guerra nas colônias portuguesas e o alistamento também.

Consegui driblar a PIDE, minha irmã e meu cunhado decidiram vir para o Brasil. Como disse à você minha família era pequena, o resto que tinha estava na Ilha da Madeira. Então meus pais... Nós resolvemos que eu tinha que sair logo antes que eles me pegassem. Você não faz ideia o que podia ter acontecido comigo se eu não tivesse saído. Preso político em Portugal na época, primeiro que não era julgado, era preso, conforme o grau de simpatia pela oposição. Conforme eu agisse, eu acredito que eles não iam me fazer muito mal, pois não era daqueles com intenção política, participava naturalmente junto com os amigos, mas você não faz ideia.

Portugal tinha na época um arquipélago Cabo Verde, tinha a Ilha do Sal, essa ilha não tinha água própria, era na zona da Linha do Equador, calor insuportável, mandavam os presos para lá. Eles ficavam num local... Você imagina uma pirâmide ao contrário, a base menor e a boca, isso quer dizer que o dia inteiro não tinha sombra, as pessoas ficavam torrando. Você imaginou por a cabeça dentro de um sino e bater? E por aí afora. Não cheguei a ser preso. Estava na iminência de ser preso, então eu saí de lá.

Naquela época havia uma corrente imigratória para a Venezuela de portugueses, trabalhadores braçais e eu me engajei. Eu tinha acabado de terminar o curso de arquitetura, não tinha trabalhado e meti as caras. Fui para a Venezuela, fiquei um ano lá, até que meu pai vendesse o que ele tinha lá em Portugal. Até porque uma pessoa idosa naquela época, como meu pai e minha mãe não podiam vir assim, para o Brasil, pura e simplesmente, pois a pessoa

idosa ia ser um peso. Naquela época se chamava uma carta de chamada, então meu cunhado veio para o Brasil e depois que se estabeleceu aqui mandou uma carta de chamada para meus pais para que eles pudessem vir. Nesse meio tempo eu estava na Venezuela.

A vida na Venezuela foi outra história. Éramos uma família intermediária, classe média. Ah! Mas tem outra história aí! Dou risada porque parece brincadeira. Quando tudo estava resolvido para vir para cá, estourou uma Revolução na Venezuela, um ditador que era o presidente da época foi deposto, o Angarita. Então o país ficou meio no caos, quem fazia o policiamento era as Forças Armadas. Cheguei lá, nunca tinha trabalhado, já tinha aprendido um pouco de espanhol, pois vi um anúncio no consulado da Espanha, no Porto, de aula de espanhol e fui lá fazer. Era jovem, 22 anos e naturalmente não era empregado braçal. Resumindo: achei um português lá e disse que precisava trabalhar. A moeda venezuelana, o Bolívar na época era uma moeda forte, então meus míseros escudos não podiam dar muito e disse aos meus pais que ia trabalhar no que fosse preciso, morrer de fome eu não ia.

Esse português serralheiro me apresentou numa construtora, fiquei lá um mês sem fazer nada por causa da situação política da época, a nação parou, mas antes tem um preâmbulo.

Quando estava no Porto, lá em Portugal, eu ia à missa numa capela perto de casa, cujo capelão era um padre espanhol, que havia estado na guerra civil da Espanha, naturalmente do lado do Franco né?! Então quando vínhamos depois da missa tinha um convento de capuchinhos nos arredores da cidade do Porto e eu e um grupo mais chegado íamos depois da missa para lá, discutir política com o padre e fiz amizade com ele. Quando tomei a decisão de ir à Venezuela fui me despedir dele e ele me deu uma carta de apresentação para que entregasse a um amigo dele. Quando eu cheguei na Venezuela fui ao convento onde estava esse padre, era também capuchino, e entreguei a carta de apresentação.

Voltando à história, aí fui falar com esse patrício serralheiro, pois não tinha condições de permanecer na construtora porque não tinha trabalho, nem salário. Eles estavam atrapalhados, mas disse-me que havia outro patrício nosso dono de uma padaria chamada Brasil e ele não tinha muita confiança no pessoal daqui, então ele precisava de um caixa para a padaria, pensei: Bom... Vou trabalhar no horário normal, depois vou continuar procurando alguma coisa no meu ramo. Quando cheguei lá, conversei com ele e o horário era das oito da manhã às dez da noite. Se faço esse horário como vou procurar alguma coisa? e não fui. Aí voltei, e fui falar com o padre, curioso... Nunca me esqueci disso e olha que tenho memória fraca, nunca me

esqueci o nome dele, Antonino de Maridramos. O padre me deu uma indicação para uma construtora grande e lá eu fiquei um ano trabalhando, trabalhando, fazendo projeto na minha área, eu fiquei trabalhando e minha sorte foi a carta de apresentação daquele padre lá do Porto, senão ia ser difícil arrumar algo, a nação parou, você não lembra ainda porque é muito jovem.

Vim para o Brasil de avião, outra odisséia! De Portugal até a Venezuela fui de navio e da Venezuela até aqui de avião, mas naquela época era um bimotor. Vim pro Rio de Janeiro, minha mãe tinha dois irmãos no Rio. Levei três dias para chegar no Brasil: saí de Caracas, de Caracas até Bela Vista, de Bela vista até Manaus, pernoitei em Manaus e no dia seguinte fomos de Manaus até Porto Velho, de Porto Velho até o Rio de Janeiro. Não pensei em ficar na Venezuela, na verdade pensei em vir conhecendo os países da América do Sul, mas meus pais eram idosos, iam ficar preocupados.

Meu pai era idoso, proprietário, tinha plantação de cana de açúcar, na Ilha da Madeira, era agricultor digamos. Fui pro Rio, fiquei um pouco, depois a família veio para São Paulo, mas minha irmã e meu cunhado ficaram em Niterói, pois meu cunhado era professor de matemática e estava trabalhando como professor. Depois meus pais compraram uma casa aqui em São Paulo, com o dinheiro do que tinham vendido lá.

Meio apertado, mas conseguimos sobreviver, vim para São Paulo com meus pais, mas depois eles voltaram para Niterói, compraram uma casa aqui e depois uma lá, como eu já estava morando na casa deles, continuei morando porque a casa deles era uma casa até grande, perto do São Judas. Minha história é uma novela de capítulos. Vim para São Paulo, fui trabalhar numa firma de um engenheiro alemão, depois fui trabalhar em duas ou três firmas, depois fui para uma empresa multinacional e depois eu conheci um senhor, companheiro do Clube Português e decidimos abrir uma firmazinha por nossa conta. Na época éramos três: eu, esse e outro português e assim venho vindo até hoje. Um já morreu, o outro voltou para Portugal e eu continuo.

Não pensei em voltar a morar em Portugal. Com 12, 13 anos nós nos mudamos para o Porto, meu pai já era bastante idoso, quando nasci ele já estava com cinquenta e poucos anos, aliás, eu tive uma filha com cinquenta e tantos anos também, então ficávamos distanciados da família da Ilha da Madeira. O que nos chama muito é a família, claro que voltei lá, mas fui encontrar apenas uma prima por acaso. Tudo que diz alguma coisa que seja de Portugal me interessa, apesar dos anos. Sou torcedor da Portuguesa, sou uma vítima! Isso acontece não

somente com portugueses, nas outras nacionalidades é até maior, porque como aqui a língua é a mesma temos uma familiaridade maior, por exemplo.

Eu sou anti-corinthiano! Estava em São Paulo, não conhecia ninguém e vi anunciado o jogo Portuguesa e Corinthians, nem recordo quem ganhou, só sei que para minha surpresa e minha desilusão tinham mais portugueses corinthianos do que portugueses torcedores da Portuguesa, então eu fiquei com raiva. Veja bem, não é bem raiva do Corinthians, eu adoro quando o Corinthians perde por causa dos meus patrícios, pois é... Então você veja, na realidade a Portuguesa não estaria no estado que está se todos os portugueses fossem torcedores da Portuguesa!

Continuo trabalhando, não pode parar, se parar acabo morrendo, estou na segunda juventude.

Fui pro Porto com 13 anos. Eu tinha um cunhado na época, que faltava uns dois anos para ele terminar o curso de matemática e na Ilha da Madeira não tinha curso universitário, então ele era professor de matemática e como eu também tinha que continuar estudando, resolvemos por bem ir pra o Porto, minha irmã era 10 anos mais velha que eu. E foi por isso que nós fomos, numa época ruim, aliás. Na época que fomos não estava ruim ainda, foi em 39 que começou a 2º Guerra Mundial, então nós tivemos alguns problemas. A renda que meu pai tinha na Madeira era boa, mas depois veio uma inflação, dificuldades e todo ano então a renda dele diminuía um pouco. Quando nós fomos para o Porto ele tinha setenta e poucos anos, mas nós conseguimos sobreviver. Vivíamos do rendimento da cana e de alguns imóveis.

Tem uma coisa curiosa, porque eu gosto muito de bacalhau, no Porto era a terra do bacalhau, quando nós fomos para o Porto foi primeiro minha mãe com meu cunhado e minha irmã, nessa altura já tinha uma sobrinha e depois eu fiquei para ir com meu pai. Enquanto ele resolvia as pendências da Ilha, minha mãe escreveu pra mim: aqui está como você quer, porque o prato favorito é bacalhau... logo que estourou a guerra.

Minha infância foi tranquila, uma época difícil por causa da guerra, mas a vida foi tranquila, não tive muita coisa para contar. Tínhamos uma casa com quintal, lá no Funchal, com terreno bastante grande então brincávamos lá, pois a rua onde morava tinha já certo trânsito intenso, era uma rua que subia. O Funchal era como um anfiteatro e o transporte principal passava na minha rua. Brincar na rua era perigoso, claro que era completamente diferente do que é hoje, não tem nem comparação, não tem nem comparação! Naquela época brinquedo só

no Natal, normalmente era um brinquedo de corda, carrinhos, alguma coisa desse gênero, mas com corda, não com pilha como hoje e isso normalmente era brinquedo só pro Natal, de resto brincava com outras coisas, como o arco, por exemplo. Era o arco, normalmente, desses tonéis que nós tínhamos para vinho, então com um gancho de arame fazíamos a brincadeira, que eram feitas por nós moleques. Já fiz um triciclo de madeira, enfim... Era uma vida muito mais simples, mas preocupados com a Guerra.

Tivemos uma época durante a guerra que ficamos imaginando que podíamos ser invadidos, então fazia exercícios, fui escoteiro quando jovem, então fazíamos exercício de... por exemplo: todos os vidros tinham papel colado para não estilhaçar em caso de explosão, chegamos a ter isso, era como uma prevenção caso houvesse invasão, foi uma época muito difícil, porque Portugal estava muito perto da Guerra, até porque nós tínhamos um arquipélago nos Açores que era uma base para a aviação americana, para aqueles que iam até a Europa. Foi uma época difícil realmente, mas graças a Deus conseguimos sobreviver.

Minha irmã e eu estudávamos no mesmo colégio, ela estudava naquela época no liceu e eu terminando o primário, então... Não tinha muita coisa pra gente lembrar porque era uma vida bastante controlada, é como disse pra você, com a eclosão da guerra as coisas mudaram muito, os preços subiram bastante e a renda dos meus pais caíram bem. Levávamos uma vida bem regrada, vida de por meia sola nos sapatos, de por chapa na biqueira, por baixo do sapato para não gastar. Isso se fazia naquela época, meu pai, por exemplo, usava o terno e quando ele estava mais ou menos ruim, mandava no alfaiate e ele virava do avesso e fazia um terno pra mim, por uma questão de economia.

Não tinha lazer realmente, às vezes, era uma coisa muito simplória, por exemplo, no centro da cidade tem ainda um jardim muito bonito, então de fim de semana tinha uma orquestra, ou banda que tocava nos domingos a tarde, assistia orquestra, naquela época era muito ingênuo, mas também as coisas eram tão diferentes. Naquele tempo até determinada idade se usava calças curtas, não sei se você sabia disso? Criança não usava calça comprida, criança usava calça curta. Eu me lembro da alegria de um primo que eu tinha, que por sinal também veio para o Brasil depois, morreu aqui, já morreu. Ele lembrava das primeiras calças compridas que teve e que foi minha mãe que deu, ele era mais velho do que eu, mas as crianças até mais ou menos uns 12/14 anos usavam calça curta, nem me lembro das minhas. Meia abaixo do joelho, naquela época chamávamos de traje, o traje, uniforme de marinheiro e era essas coisas.

Somos católicos, praticantes, meu pai, minha mãe, nós todos, infelizmente hoje as coisas são todas diferentes, tenho 4 filhos e na realidade só um, de dois casais, meu mais velho, é que pratica a religião. Os outros casaram, um virou espírita, outra é também meio a meio e o outro genro é ateu. Eu me penitencio porque acho, não sei como explicar, não tive uma forma didática para... Agora mesmo, domingo passado batizei um neto meu do casal cujo marido é ateu, mas ele aceitou. Foram os únicos que não casaram na igreja e isso é uma mágoa que eu tenho, mas fazer o que, não posso obrigar. Quando minha filha mais velha namorava me disse que o namorado era espírita, se for homem honesto, trabalhador, o que vou dizer? Infelizmente não foi como eu gostaria.

Tinha muita coisa que a gente fazia, por exemplo, no Natal a gente ainda faz, minha mulher monta o presépio, a árvore de Natal. De uma maneira geral preservamos muita coisa até o ponto de hoje com sete netos e quase todos já são portugueses! Todos os meus filhos também, menos a mais velha. Tem coisas que é uma questão de gosto, acho que eu só tenho um filho que gosta de bacalhau, acho que é meu filho mais velho, em compensação meus genros adoram, um é descendente de italiano, o outro é descendente de americano com austríaco. Meus filhos propriamente ditos não gostam e sempre tivemos bacalhau em casa, a minha mulher filha de português também não é muito fã do bacalhau.

Veja bem, eu acho que essa questão de nacionalidade mesmo no Brasil ela se diminuiu muito, porque é a mesma língua, há uma cultura sobre a época da colonização dos portugueses, certo ressentimentos com os portugueses, hoje até que se ouve muito pouco, piadas de portugueses, mas quando cheguei aqui era assustador. Uma coisa que me impressionou muito no Brasil foi a quantidade de japoneses que tinham aqui, eles eram do eixo, e outra coisa: a quantidade de dentista, porque em Portugal quase não tem dentista, a água tinha muito cálcio, tem pessoas, hoje não, mas antigamente, na minha época de jovem que não escovavam os dentes, digamos, e morriam com a dentadura completa. A quantidade de pessoas que iam ao dentista era muito pouco, hoje não sei como está, mas antes em Portugal não tinha curso de odontologia, era médico que se especializava em odontologia, fazia medicina e só depois podia se especializar nos dentes. E é por isso que os brasileiros tiveram muito sucesso quando foram para Portugal serem dentistas.

Veja bem, é aquilo que te disse, o Brasil tem essa vantagem para os portugueses por ter a mesma língua, até uma história em comum, pra mim não foi traumatizante, sinceramente não, tinha algumas pessoas em Portugal que já estiveram no Brasil e contavam mais ou menos como

era a vida aqui, então já tinha certa noção do modo de vida do Brasil. Para mim não foi muito traumatizante, e como veio a minha família... Se a minha família tivesse ficado lá aí era mais traumático, tanto é que acabei indo a Portugal muitos anos depois, demorou bastante para retornar. Quando fui fomos eu e minha esposa, com um casal de amigos, fui mostrar a casa onde nasci lá na Ilha. A parte administrativa em Portugal era diferente, aqui é estado lá são províncias. Aqui qualquer vilarejo é uma cidade, lá não, é vila mesmo, continua vila, então a divisão administrativa é completamente diferente da nossa. O retorno foi muito bom, era para ir ano passado, mas minha mulher me deu o cano.

Conheci minha esposa através do meu amigo italiano do Clube Português, esse amigo foi um marco na minha vida, foi através dele que conheci minha família, meu sogro. Conheci minha mulher no Clube Português, num baile. Naquela época os clubes eram clubes sociais, hoje não existe mais isso, o clube existe, mas não do modo cultural. Até que sexta feira que vêm tem o jantar de Natal, mas a atividade é muito pouca, talvez porque houve uma época de baixa imigração portuguesa para o Brasil, então muitos portugueses foram morrendo. Hoje não tem esse tipo de clube, antigamente era o tipo de clube que tinha baile quase todo mês, era outra época, essa época a localização também era em frente aos Correios, bem em frente, um bom bairro, tinha baile de carnaval, bailes comemorativos, sempre tinha uma atividade, grupo folclórico, com danças folclóricas portuguesa, hoje não existe mais nada disso.

O Clube sobrevive da renda do aluguel de salão de festas, sócios acho que não tem nem 50 sócios pagantes, existe porque tem uma meia dúzia de gatos pingados que não deixam a coisa morrer, eu sou um dos bobões. Por uma tradição não deixo aquilo morrer, tem uma biblioteca que às vezes uns estudantes universitários consultam livros de literatura portuguesa, mas a vida mudou muito. Você é jovem, mas as coisas mudaram muito. Não dá para se viver como antigamente, foi onde a conheci, foi gozado.

Eu a vi, perguntei a meu amigo quem era aquela morena. Vou te dar um termo estritamente português que você não conhece: trigueira! Trigueira é uma pessoa de cor branca, mas com a face um pouquinho mais morena. Trigueira porque a colheita do trigo em Portugal era feita quase só por mulheres, como elas fazem e pegam muito sol, então a pele fica um bocado mais morena, é só uma característica, uma expressão.

Meu sogro era muito festeiro, tinha uma casa na Avenida Rebouças e gostavam de jogar carteadado, mas era sempre o mesmo grupo, todo domingo. No sábado era na casa de um dos

comparsas, mas todo domingo era na casa do meu sogro, alguns dos amigos já iniciavam de manhã, tomavam aperitivo lá, ficavam, almoçavam, aí este meu amigo me levou lá e me apresentou, e aí foi indo, tranquilo até que foi, mas o negócio é o seguinte, minha mulher, digamos, me recusava. Eu comecei a frequentar a casa e as pessoas começaram a perceber porque ninguém é trouxa, minha mulher era muito introvertida, aí as pessoas começaram a perguntar e o José? E ela: sei lá do José! Assim foi indo, no fim consegui dobrá-la. Fomos morar nas Perdizes, na Iperuíbe.

No começo, naquela época ainda antes de casar, por isso que eu digo que as coisas mudaram muito, o Clube Português naquela época quando cheguei em São Paulo... Conheci lá um amigo, um outro português que trabalhava numa outra empresa de construção e disse a ele que estava precisando trabalhar e ele me conseguiu uma colocação na empresa dele e assim comecei minha vida profissional aqui no Brasil, projetando na prancheta ainda.

Cheguei a morar num apartamento alugado, nos primeiros meses, depois numa pensão na Rua Santo Amaro de uma senhora nesses casarões na rua.... (*pausa grande*)... uma travessa da Guilherme, ela começa aqui em cima na Praça Júlio Mesquita. Ela alugava uns dois ou três quartos, sem refeição. Depois fui morar sozinho no apartamento. Meu trabalho me possibilitou a sobrevivência, muita luta, éramos três sócios e o único solteiro da empresa era eu, então, inicialmente não dava para os três viverem da empresa, os outros continuaram nos seus empregos e eu como estava livre de responsabilidade familiar cuidava, então às vezes ficávamos trabalhando até as duas horas da manhã. Naquela época trabalhávamos em conjunto com uma imobiliária que incorporava prédios a preço de custo. Meu pai tinha comprado uma casa ali perto do São Judas, então enquanto eles estavam em São Paulo, a casa do Rio estava alugada, depois eles vieram para morar lá e todo mundo veio, meu cunhado ainda ficou uns tempos lá.

O lazer depois de casado continuou no Clube Português, sou sócio de outro Clube também, mas esse eu ganhei o título por tabela, pois naquela época minha esposa era sócia e o marido também tinha o direito.

Quando retornei a Portugal encontrei uma prima minha, naquela época ela tinha a idade que tenho hoje e mais umas pessoas. Tem uma coisa curiosa! Depois de muitos anos, duas senhoras me viram perto da casa onde eu nasci, e uma disse para a outra, olha lá! Meu apelido era Zeca. Olha aquele homem era o Zeca! Depois de tantos anos elas lembravam de mim, me conheceram e encontrei a prima. Na verdade nem foi eu quem encontrou, foi o amigo nosso,

ele foi andando na frente e viu duas senhoras sentadas e perguntou: senhoras conhecem alguém aqui com o sobrenome tal? Elas ficaram meio assustadas, mas disseram que elas tinham aquele sobrenome, ele meio espalhafatoso, começou a gritar na rua de alegria.

A família do meu pai não era muito grande, mas era curioso por que... olha eu tenho uma coisa péssima comigo, não gosto de escrever, mas gosto muito de ler, mas não gosto muito, não tenho paciência para escrever, então não escrevia muito para eles.

Bom, minha vida é um livro aberto, tenho uma característica que não gosto de aparecer, tem pessoas que gostam. Gosto de me manter no meu cantinho quieto. Isso aqui vai ser publicado, depois eu quero ler!

Acredito na sua capacidade de fantasiar um pouco nessa história, porque não sei se contribuí muito.

6.2 Antônio

Nascimento: 27/04/1923

Chegou ao Brasil aos 5 anos

Minha memória tem 93 anos. Faz 85 anos que estou aqui no Brasil, vou fazer 93 anos agora, deixei as rugas em Portugal, não tenho rugas, só tenho rugas na alma por que algumas mulheres me judiaram, mas paciência, a vida é assim mesmo.

Eu vim aqui pro Brasil e sofri muito, meus pais eram muito pobres, minha mãe era lavadeira de roupa e meu pai era um leiteiro. Comecei a trabalhar com meu pai quando eu tinha uns 12 anos, aqui mesmo no Brasil. Cheguei aqui com cinco anos, eu entregava leite com meu pai de madrugada, de casa em casa, aquele litro de leite antigo, depois no dia seguinte tinha que ir buscar, lavar, era uma trabalhadeira do diabo, como um cavalo, de noite, chuva, sofrendo no frio e o jovem que eu era naquela altura queria dormir e não podia, levantava cedo, bem cedinho, que o pessoal de manha queria tomar o leite. A minha mãe levava aquelas trouxas na cabeça, levava e buscava, lavava e passava, então foi um sofrimento tremendo.

Sou sócio da Beneficência. Fui dono de restaurante e todo dono de padaria e restaurante eram sócios daqui, tudo sócio, o tratamento foi sempre bom, muito carinho, aquele manto português de carinho que as pessoas se sentem bem. O português é muito acolhedor, aliás, Portugal quando eu volto só falam bem de lá, bem tratados, boa comida, o vinho nem se fala, eu tomo todo dia, tomo há 40 anos uma taça de vinho diária, recomendação médica. Meu médico me falou que aquilo tem um produto na uva que chama flavonóides que limpa as artérias e as minhas artérias são limpas, minha pressão é 12 por 8, 12 por 9, sempre naquele... sem tomar remédios. Recentemente tive um problema nas pernas, incharam minhas pernas e aí eu tive que tomar uma série de remédios. O médico acertou e as minhas pernas ficaram melhores e a idade vai chegando.

Jogava tênis até a uns dois meses atrás, 45 anos de tênis, todo dia, jogava umas duas horas, uma hora pelo menos, caminho, até hoje ainda caminho 2, 3 km por dia. Aproveito que moro perto de um Clube, ele é enorme, é um bálsamo aquilo lá, muito arborizado, flores, é uma beleza, saio do meu apartamento e entro lá no clube, caminho lá e como meu escritório é perto, vou a pé e volto para almoçar em casa todo dia. Tenho uma corretora de seguros, eu e meus filhos, que me ajuda a passar meu tempo, olha como é meu cartão.

Já fui a Portugal mais de uma vez, tinha parentes lá, mas agora já não tenho, já morreram todos. Nasci perto de Coimbra, conheço a faculdade de lá e acho que recebi algum bálsamo de lá, porque tenho uma alma poética. Depois tive um restaurante inaugurado na Praça da Sé em 1944, você não era nascida. Eu já estava trabalhando lá, eu e meus parentes tinham um restaurante maravilhoso lá, mas que desapareceu quando aconteceu a implosão do primeiro prédio do Brasil, onde agora é o metrô. Prédio de 32 andares desapareceu em 2, 3 minutos! Eu tive que sair de lá senão ficava no meio de entulho né?! Aí depois fui para Portugal, casei aqui, com uma espanhola muito bonita, 22 anos mais nova que eu, porque eu sigo o conselho do Bocage, grande poeta português, dizia ele assim: para o homem velho é necessário, tomar vinho tinto velho e se cercar sempre de mulheres jovens e bonitas. Ela parecia com a Elisabeth Taylor, os olhos maravilhosos, um corpo estrutural, mas um gênio terrível, e, eu tive a infelicidade da mãe dela viúva vir morar conosco. Foi um inferno, atrapalhou o nosso convívio, depois ela me trocou por um outro, se arrependeu, mas eu também não queria mais. Foi com ela que tive meus filhos. E olha que quando casei fiquei o homem mais sério do mundo, tenho dois filhos, 4 netinhos, meus filhos trabalham comigo nessa corretora, gostam, estou com eles todos os dias e a minha vida é muito harmônica com eles e eu os atendo muito bem.

Trabalhei muito na minha vida e fiz algum pé de meia bom que dá para eles viverem e eu também, fui muito econômico sempre, sempre, isso aprendi com meus pais. Meu pai veio para o Brasil quando eu tinha 4 anos e minha mãe ficou comigo em Portugal, depois ele mandou nos chamarmos quando arrumou um emprego direitinho, quando já teve um amparo e começamos a trabalhar. Nossos parentes estavam aqui e davam boas notícias, a vida lá era muito difícil, mas o dinheiro valia, cada 10 centavos que você ganhava, valia dinheiro!

Eu só estudei até o primário, morávamos na Barra Funda, um bairro mais ou menos naqueles tempos. Então eu trabalhava muito, mas nunca me arrependi do que eu fiz, meus pais precisavam de mim e eu atrás deles, nas sombras deles, apanhei muita chuva de madrugada, frio, tudo aquilo, tempos difíceis, Deus estava comigo e ele está comigo.

Até os meus 15 anos fiquei nessa vida, a minha sorte depois foi que o restaurante que era dos meus parentes me contratou como empregado. Fazia faxina, fazia o que tinha de fazer e depois passei a sócio. Pelo meu trabalho me ofereceram sociedade, eles eram semi pobres, mas estavam um pouquinho melhores, pois como esses meus parentes eram bem antigos aqui no Brasil já estavam mais bem de vida. Lavava o restaurante, lavava privada, nunca recusei nada, então isso aqui me levou a ganhar a confiança dos meus parentes.

Em uma ocasião, nessa sociedade, eram 4 parentes meus, um era irmão do meu pai e um outro queria vender a parte dele do restaurante depois de uns 10 anos e um dos sócios que era o que tinha mais dinheiro falou aqui não vai entrar ninguém estranho não, se você quiser vender a sua parte, você vai vender para o Toninho, que era eu. Só que eu não tinha dinheiro, e aí ele disse que não tinha problema, pois pagava e depois eu ia pagando como puder, e foi assim... Fui devagar com meu salarinho e consegui pagar minha parte. Fiquei sócio completo deles lá, era um restaurante de comidas portuguesas, comidas brasileiras, no centro de cidade que tinha uma freguesia muito grande lá, então ali eu subi na vida, ganhei um dinheiro.

Quando tinha pouco menos que 18 anos, estava indo bem na vida, meu pai também, minha mãe teve uma doença na pele, coisa simples, mas os médicos que tinham aqui estavam de olhos fechados, me assustaram, assustaram meu pai falando que se nós não saíssemos daqui minha mãe podia ficar internada para sempre. Meu pai fugiu daqui do Brasil e voltamos para Portugal outra vez. Nem eu acredito! Fomos de navio de volta, naquele tempo demorava 15 dias para chegar, largamos tudo aqui de qualquer maneira, e começamos do zero em Portugal, aí eu fui pegar na enxada, começar do zero outra vez, depois minha idade estava chegando nos 18 anos e eu tinha que servir o exército e era a 2^o Guerra Mundial, e meus pais estavam com medo que eu pudesse ser chamado para a guerra e deram um jeito e viemos embora antes de completar os 18 anos. Aí começamos aqui outra vez do zero, mas tudo isso foi antes de eu ter me tornado sócio do restaurante.

No restaurante sofri bastante porque não tinha horário pra sair, naquele tempo não tinha folga, não tinha férias, não tinha porcarias nenhuma, todo dia era dia de trabalho, e eu precisava, meus pais eram pobres, mas fazia tudo com o coração aberto, porque acreditava que meu amanhã seria melhor, tinha esperança em Deus e valeu a pena minha paciência. Continuei no restaurante até o fim quando o prédio foi implodido, ganhamos um dinheiro lá e também quando implodiu a prefeitura pagou, aí nessa altura apareceu a espanhola, a mulher com quem fui casado.

Trabalhei 25 nos no restaurante de empregado e dono, então estava um pouco saturado também, não tinha horário, não tinha nada, você não vivia para você, vivia para o restaurante, mas nunca fui de reclamar, engraçado, meu destino é esse o que vou fazer? Vou me revoltar contra o destino é pior, porque você se revolta contra você e não acha um momento de paz. Passei por essa fase toda.

Arranjei a espanhola, devia ter uns 29 anos, por acaso eu tinha conta no banco que ela trabalhava, e eu ia lá no banco mais para ver ela, todo dia, disfarçadamente, mas ia, porque ela era muito simpática, ela tinha namorado, um dia ela falou que tinha brigado e terminado o namoro. Opa! Bom tenho esperança agora, porque ela era bem mais nova do que eu, aí eu comecei: no dia seguinte levei uma coisinha para ela, todo dia uma rosa, e fui cativando devagar e consegui casar com ela, ela devia ter naquele tempo uns 18 anos, ou um bocado mais, e foi devagar com paciência, eu gostei muito dela, muito, muito.

Tudo que construí foi com o dinheiro do restaurante, devagar, devagar, construí uma casa, e até hoje tenho ela lá, onde morávamos. Tenho um prédio, então tenho uma renda regular e meus filhos tem metade de tudo, porque a mãe já morreu. Hoje a vida é boa, meu dia passa fácil, fico no restaurante de manha até as seis, não perdão, no meu escritório, que é de corretagem. Eu construí devagar, devagar, comecei a fazer o chão e já faltou dinheiro, depois fui pedindo dinheiro emprestado até terminar. Contratei um instrutor e foi fazendo devagarzinho e demorou 3 ou 4 anos ou mais, tá lá construído. Naquela época investir em imóveis era uma garantia.

No restaurante consegui melhorar um pouco a vida do meu pai e da minha mãe, tinha outros irmãos, mas era o cabeça, o mais velho, muita responsabilidade, minha mãe sempre foi muito trabalhadora e eu só estudei o primário, o resto eu aprendi no balcão do restaurante. Como minha mãe lavava roupa para um diretor do Liceu Coração de Jesus e eu chorava todo dia para ir para escola, queria aprender! Minha mãe contou minha história para o diretor a quem ela lavava a roupa, e ele falava que não tinha vaga, a sala já estava completa, mas tanto que minha mãe pediu que ele colocou uma cadeirinha e um mesa para mim lá na sala, e eu estudei um ano lá. Foi ótimo, aprendi muita coisa, abriu um pouco meus olhos, mas o mais que eu aprendi foi no balcão do meu restaurante, lhe dava com mulheres boas, mulheres vagabundas, choffer de praça, policiais, tudo quanto era espécie, estudantes.

A faculdade do Largo São Francisco era perto então lidei com pessoas de tudo quanto caminho, aquilo me deu uma cultura que a gente não aprende na escola, não aprende na escola, aquele dia a dia ali, pega pessoas educadas, nervosas, pessoal que vem descarregar em nós os problemas da casa dele. Eu nunca briguei com ninguém, meu pai sempre dizia uma coisa: louco e bêbado não se contrariam, dá razão que eles se calam e é mesmo.

Depois já estava um pouco melhor na vida, já tinha meu carro do ano, aí ia pras boates, gosto muito de dançar, danço até hoje. Todos os fados são bons, sofrimento. Então, foi ruim voltar para Portugal porque voltei do zero, minha mãe doente. Eu estava na época do militar, na época da segunda guerra, meus pais ficaram com medo, então voltamos para cá. O medo fala mais alto. Meus pais gostavam muito de mim e eu deles, eles ficaram com receio que eu fosse chamado. Não tinha muita coisa pra levar na mala. Gosto de ver pessoas alegres, gosto de sorrisos, tenho até uma poesia para o sorriso: meu amor me deixa aflorar um sorriso em seus lábios, para que eu veja a beleza de sua alma. Tenho aqui na minha memória um monte de poesia.

Quando eu tinha um restaurante tinha um sócio meu que era sócio da Beneficência Portuguesa e de outros lugares portugueses, era meu tio. Fui sócio da Casa de Portugal, quando eu ia dançar lá, muitos anos, adorava! Sabe o que acontece: nesses lugares você encontra os patrícios e conversa com português, estar com português é mais fácil que estar com estrangeiro e vai tocando barco. Onde eu ia encontrar um lugar tão carinhoso como me sentia lá, aqui é um acolhimento de alma com alma, é um entrosamento de alma.

Parei com o tênis porque agora estou meio idoso, meio não né?! Bastante idoso. Ainda caminho, fui eu que coloquei no clube que frequento agora a primeira festa de Portugal, isso a trinta anos atrás. Tive um trabalho que você nem pode imaginar, tive que organizar tudo, muitos detalhes, muitos. Como fui dono de restaurante a gente tem prática, eu tive que ir comprar o bacalhau, vinho, ensinar a fazer o bolinho de bacalhau e todas aquelas pequenas coisas que são grandes quando terminam, eu cozinheiro, tenho prática.

Naquela época não era muito fácil pagar o título da Beneficência, era caro, mas como a gente via um futuro garantido era como se fosse fazer uma guarda de dinheiro num banco, o povo português quando é português eles se acreditam, você sabe como começou essa história? Meia dúzia de donos de padaria foram se juntando, se juntando, comprando terreno aqui, um pedaço ali, primeiro foi na cidade e depois vieram para cá, foram comprando. Hoje em dia não tem isso, cada um quer tudo para si, a humanidade não pode ser assim, eu dependo do padeiro que faz o pão pra mim, dependo do médico que me cuida, dependo do jardineiro e assim enfim, eu não sou ninguém sem eles.

Eu tenho um estado mental que até eu me admiro, não sei mexer no computador, mas escrevo poemas e a ideia é minha. Vou deixar os poemas para os filhos publicarem depois que

eu morrer, porque tem mais valor. Estar aqui conversando alimenta minha alma, encheu minha alma de alegria. A minha cabeça ainda esta boa, são coisas boas e coisas ruins da minha vida. É um passado bom, só não podia comer bacalhau, porque era caro, passei muita fome, naquele tempo não tinha geladeira, tinha que comer comida azeda, tinha que colocar vinagre para disfarçar o gosto, mas estou aqui salvo. Minha vida é um livro aberto, não tenho problema nenhum com isso. Nunca briguei com ninguém, só com minha sogra. Sogra e espanhola são difíceis. O português da aldeia falta cultura, mas tem bom coração, é muito apegado à família, filhos, netos, são religiosamente bem queridos. Ainda tenho todas as carteirinhas, tenho da Beneficência e tenho até hoje da Portuguesa, todo mês dávamos retirada de uma importância para dar a Portuguesa, tem que ajudar.

Moramos também em São Caetano do Sul, meus parentes tiveram uma padaria em São Caetano, eles tinham uma padaria em frente a estação que funcionava muito, fornecia para o pessoal de trens lá. Começamos a morar lá continuei de empregado deles, depois eles mudaram para São Paulo, aí compravam um imóvel pra mim lá na Praça da Sé. Na hora que estávamos melhorando de vida minha mãe teve uma erisipela na pele, como já te falei e o médico daquele tempo falou que era contagioso, meu pai ficou aterrorizado, porque falaram: vamos isolar sua esposa, sua mãe não vai ter contato com ninguém, pois pode passar pras pessoas. Assim a casa, o emprego, ficou tudo aqui, a casa da padaria era de favor, então quando minha mãe... Fomos de navio, naquele tempo demorava 12 dias, quando chegou no meio do caminho já tinha desaparecido, ai fui pra Portugal, voltamos para a mesma casa de antes, porque meu pai fechou a casa e veio para o Brasil, então tínhamos essa casa lá, era bem antiga, era numa aldeia, mas hoje é um lugar muito bonito, era uma aldeia pequenininha, mas hoje cresceu muito.

Parei de frequentar a Casa de Portugal porque já não era mais a mesma. Acho que esses lugares existiam porque é um povo muito unido, então conhecia muitos portugueses também, antes tinha almoços, jantares, bailes, eu gostava. Todos meus irmãos eram sócios, portugueses são muito unidos, onde um vai o outro vai também, tem confiança um no outro, se foi bom pra você então vai ser bom pra mim.

Quando quis fazer a Festa de Portugal no clube que hoje frequento, porque lá tem festa dos alemães, dos italianos, dos árabes, não tinha festa de português! Um dia me deu na cabeça e perguntei por que não tinha festa de português, falei isso e organizei a 1º festa, consegui colocar 1.250 pagantes, todo mundo ficou admirado, minha técnica né?! Peguei meia dúzia de moças vestida a caráter e coloquei em cada entrada e saída do clube elas com ingressos para

vender na hora, porque em geral quando alguém quer comprar um convite tem de ir lá no fim do corredor, aí deixa sempre pra amanhã, amanhã deixa pra depois. Trouxe tudo que lembrava Portugal, contratei um cantor português, quadros e pedi coisas emprestadas para Casa de Portugal. Essa festa parou um tempo. Agora essa semana, depois que conversei com você, falei: meu Deus porque não fazemos mais isso?

6.3 Felisbela

Nascimento: 17/5/1935

Chegou ao Brasil aos 19 anos

Outro dia estava sentadinha na rua onde moro, perto da Santa Casa, então tem lá um restaurante Português. Vou ao mercado e quando volto descanso ali um pouquinho. E eu estava lá, é bem bonita a fachada do restaurante, estava sentada, não tinha ninguém, estava fechado e veio uma menina pedir para tirar uma fotografia, disse claro que pode e me levantei para sair, e ela falou que não é para sair é para ficar, porque estou fazendo uma pesquisa de fotografia, então era eu que tinha de estar ali. Achei bonitinho. Quem diria, era eu que tinha de estar ali.

Eu tenho uma grande amiga psicóloga que mora em Atibaia, era minha vizinha e ela era uma pessoa com um montão de problemas, então, às vezes, ela ia me buscar em casa e falava que eu era a psicóloga dela, aí eu conversava.

Eu morava no Porto, nasci no Porto e fui criada no Porto, meus pais morreram muito cedo, meu pai morreu eu tinha cinco anos e minha mãe morreu, eu tinha 10. Logo depois que meu pai faleceu a minha mãe ficou doente, foi indo, foi indo e foi ficando tuberculosa. E o meu pai morreu de uma tuberculose que naquela época diziam que era tuberculose da laringe galopante. Então eu me lembro de tudo isso, quando meu pai morreu, vi meu pai morto e ficamos os três com minha mãe. Meu irmão mais velho, eu tinha quatro anos e meio e uma irmanzinha com três meses.

Enquanto meu pai foi vivo, foi tudo maravilhoso, vivíamos muito bem. Começamos a ter uma vida mais pobre, mas enquanto ela foi viva eu tive uma infância com carinho, quando ela morreu meu irmão ficou morando na casa porque era mais velho, tinha 17 anos, eu fui para casa de uma tia, irmã de minha mãe, onde morava minha avó materna e a pequenina foi para casa de uma amiga da minha mãe que quis levar ela. Bom, eu fiquei na casa de minha tia, muito maltratada sempre, trabalhava muito, fazia tudo. Eles tinham um restaurante e fazia tudo, deixava altas horas da noite, uma infância muito... chatinha, mas eu sempre fui humilde, essa é uma qualidade que tenho e então ia aceitando aquilo, mas pensava cá pra mim: logo, logo vou....

Meu irmão ficou lá, mas depois foi para Lisboa, era jogador de futebol e a minha irmã ficou com aquela amiga. Quando eu tinha 14 anos uma senhora vizinha, vizinha da minha tia, que gostava do meu jeitinho, de mim, uma senhora viúva e muito bem de vida cuidava um

pouco de mim. Sempre que ela ia para a quinta dela, sabe o que é quinta? Tipo um sítio, fazenda, então ela ia para fazenda e me levava, ia para outra fazenda e me levava como ela. Era sozinha e eu era uma companhia. E assim foi minha adolescência, voltei para casa da minha tia, mas aí também não quis mais ficar, não queria ser maltratada daquele jeito, então essa senhora ficou doente de câncer e foi internada no Hospital do Carmo, lá no Porto e eu fiz questão de ficar tomando conta dela até ela falecer.

Depois disso fiquei trabalhando no hospital, eu tinha 16 ou 17 anos, era de freiras o hospital e gostavam muito de mim, e eu nem podia ficar por ser menor, mas aí fiquei lá estudando, coisa que só tinha feito até a terceira classe, se falava assim na minha época, e ali eu trabalhava normalmente. Estudei e fiz mais um pouco do liceu e fiz um pouquinho de enfermagem também. E eu sempre sozinha vii filha, não tinha quem cuidava de mim. Minha cabecinha sempre no lugar. E como as freiras gostavam de mim elas também me ajudavam, dormia lá mesmo, pois naquela época funcionários dormiam no hospital, mais de 200 funcionários que se alimentavam lá também.

Sempre mantive contato com minha tia, sempre, mesmo minha vó falecendo, sempre achei importante o contato com a família, era a única família que eu tinha, então sempre gostei de ter e a minha irmã, sempre estava alerta nela, porque fui eu quase que a criei, porque minha mãe logo ficou doente e tal. Meu irmão foi embora, às vezes voltava, mas voltava meio... chorei muito por causa dele. Até hoje falo que não tenho mais lágrima, não choro mais e não choro mesmo, me emociono, ando triste, mas não choro.

Então estou lá no hospital, namorando e foi pra lá uma família que saiu daqui do Brasil passear lá em Portugal e o senhor da família passou mal e do hotel onde estavam chamaram o médico e o médico que foi era do nosso hospital, então ele foi internado na seção onde eu estava trabalhando. Eles gostaram de mim e me convenceram de vir para o Brasil. Trato todo mundo com muito carinho. O que eu não tive, o que eu não tenho, passo pros outros.

Vim pro Brasil, fiquei com eles, não deu certo. Eu vim com eles para cuidar do filho deles excepcional, mas não deu certo porque ele era mocinho e queria me pegar toda hora. E eu não queria. Saí de lá, sozinha, não tinha ninguém aqui. Me arrependo muito, muito mesmo, namoradinho ficou em Portugal, arrumou outra, casou, lógico né?! Embora nós tínhamos combinado, eu já tinha arrumado dele vir, bom... fez a vidinha dele lá e eu fiquei esperando ele.

Voltei algumas vezes para ver minha tia que estava doente. De qualquer maneira, é isso que quero explicar, eu sempre fui maltratada pela minha família, mas eu sempre tenho aquela coisa de não perdê-los, não perder minha família. Nossa, era muito judiadinha, apanhava, trabalhava, apanhei muito, muito! Na casa da minha tia apanhei muito, dela e todo mundo, dos filhos também, porque eu era a coitadinha, não tinha pai, nem mãe. Por causa da minha vista, eu era estrábica, eu era tratada de zanolha, lá na minha família, por isso que às vezes eu vejo essas crianças, essas escolas, apelidos e falo meu Deus do céu fui tão maltratada, me chamavam de zanolha, de... eu era ruivinha sabe?! Pintadinha. Se for falar tudo a gente não sai daqui.

Estava muito bem empregada em Portugal, fui menina para o hospital e vim pra cá com 23 anos, eu sempre me lembro aquela gente toda lá, se despedindo, com família e eu não tinha ninguém, nem na minha espera, nem em nada. Andei por aí, fui trabalhar em outra casa de babá, nunca saí de um emprego sem ter outro. E sempre arrumei muitas amizades, eu tenho amizades do tempo que cheguei aqui. Depois fui para umas senhoras, quando estava continuando a estudar enfermagem aqui e fui cuidar de duas senhoras, uma tinha quebrado o fêmur e a outra era deficiente auditiva, fiquei 25 anos. Fui para ficar três meses e fiquei esse tempo. Sempre fui de muita boa vontade, quando já estava com 50 anos alguém gostou de mim para casar, acredita nisso?

Fiquei muito magoada quando meu namorado arrumou outra lá e aí não queria mais saber, um namorico aqui, outro ali, mas não queria saber. Frequentava bastante as associações portuguesas, ia muito a Casa de Portugal e depois aí eu casei, com 52 anos com um senhor viúvo. Ele me viu na Beneficência, na sala de espera de uma médica, ia passar em consulta porque tinha engordado um pouquinho para fazer um tratamentinho. Um dia estou lá e tinha aquele senhor do lado, nem olhava para ele, estava envergonhada. E ele não me largou mais, eu não queria, tinha 50 anos, o que ia fazer? Aí fiquei com ele 15 anos, uma pessoa muito boa, mas tinha filhos que deram problema pra ele e pra mim, mas de resto ele foi cem por cento, dez anos mais velho que eu. Quando vim para o Brasil não queria vir, e eu também não queria mais casar e aquele homem apareceu na minha vida.

No consultório nem conversamos, ele falou com a médica. Quando foi um dia essa médica me telefona perguntando se podia passar meu telefone para ele. Eu achei tão bonitinha, porque ela perguntou, perguntei quem era ele, até pensei que fosse vendedor de remédio e era muito bonito, porte bonito e aí pensei e deixei. Estamos aí. Ele telefonava, telefonava e eu não queria sair, mas atendia, ele queria se encontrar e eu não. Até que um dia eu falei pra ele, era

num sábado, se o senhor quiser me conhecer vem aqui na minha casa, dormia no emprego, na casa dessas senhoras. Lindinha, não passou nem meia hora o homem já estava lá. E ele morava na zona leste e eu numa travessa da Avenida Paulista, aí ali nós conversamos. Ele me cativou, começamos a nos encontrar, a namorar e ele queria que eu fosse morar junto com ele, eu falei isso não. Fiquei até os 50 anos solteira, não era do meu feitio, só casada, aí nós casamos e fui morar com ele. Foi muito bom ter uma casa, nunca tinha tido, sempre era a casa dos outros. As senhoras falavam que a casa era minha também, mas não era né?! Expliquei para elas o que estava acontecendo e elas me incentivaram, eram senhoras muito finas e nós ficamos assim, casamos rapidinho. Aquela vez que eu vi ele era São Pedro ou São João e nós casamos em fevereiro.

Vivi com ele 15 anos, ficou doente porque fumava muito, quando casei consegui tirar o cigarro dele e aí ele deixou de fumar, mas já tinha enfisema. Cuidei dele. Ele morreu e me tiraram as coisas que eu tinha, os filhos dele, as noras dele tiraram a minha casa, minha casa é delas lá em Atibaia. Ele tinha ficado muito nervoso aqui por causa do trânsito, então mudamos para lá porque eu já conhecia lá, ia muito no sítio dessas senhoras. Só que os filhos que recriminaram tanto a gente foram atrás. Eles até concordavam com o casamento, casei na igreja conforme minhas coisas. Eles não queriam porque eram espíritas, mas o pai foi por minha vontade e casei na Imaculada Conceição, mas aquele negócio de herança deu problema. Em 1999 um filho dele morreu de acidente de carro, meu marido morreu em 2003 e em 2007 morreu o outro filho dele mais velho, que era quem mais ou menos ficou cuidando de mim. Então a esposa dele ficou com as coisas, até com o seguro de vida do meu marido.

Sorte que tenho uma amiga até hoje, a Dilva, que eu fui ser babá da filha dela, que também é associada da Beneficência. Elas não me deixaram ir morar no Brás porque o Brás era meio confuso, e me deixou morar num apartamento que estava somente ocupado de quadros, só pago as contas, não preciso pagar aluguel, nem condomínio. Não aceitei, mas acabei cedendo, porque não tenho muita escolha. Estou no apartamento até agora. São minhas amigas e eu cuidei da menina dela que agora tem 60 anos.

Como não queria fazer confusão ou brigar deixei pra lá, é o meu feitio. Essa minha amiga ainda ficou tão mal da coluna e fiquei um ano cuidando dela no hospital, mas já estava muito cansada, aí ficava de dia e uma enfermeira ficava a noite. Quando ela foi pra casa, arrumei uma empregada para fazer as coisas, pois já não tinha muito pique. São mais de 50 anos de amizade e sempre estamos em contato.

Conheci ela porque fazia feira quando ainda trabalhava na casa do menino excepcional, lá na Peixoto Gomide e naquela ocasião tinha muito português na feira. Feirante, era quase todos portugueses e conhecia uma família: a dona Irene, o marido e uma filha que tocavam a banca e foi a dona Irene que ouvindo a minha história com o rapaz lá, até ela queria que eu fosse para casa dela, e sabendo que sua outra cliente Dilva estava precisando de uma funcionária me recomendou, aí eu me animei e fui conversar com ela e ela me veio buscar porque nem sabia onde era. Uma vez nos implicamos uma com a outra e foi quando saí para trabalhar na casa dessas senhoras, depois fizemos as pazes. Agora ela está chateada comigo, porque eu não aguentava mais cuidar dela, ficava muito cansada, esqueço que tenho 80 anos, então eu precisava descansar.

Eu queria muito ser sócia da Beneficência, minha maior preocupação era ter um hospital, porque pensava que se me acontecesse algo, me levavam pro hospital. Durante um tempo fui sócia do 9 de julho também, porque na Beneficência estava fechado para compra de títulos. O Seu César, marido da Dilva, meu patrão, como ele tinha muita amizade, era português também, e ele me arrumou a vaga, 300.000 cruzeiros tive que pagar, naquela ocasião, dava até para comprar uma casa, mas eu preferi porque aí eu tinha um hospital, mas fiquei muito tempo sem precisar, agora que uso mais. Paguei o título em 10 vezes, minha patroa abriu uma conta pra mim e todo mês pagava em cheque, olha menina espremi, espremi, mas deu certinho. Até hoje não gosto de dever nada. E foi assim.

Eu escuto muito as coisas portuguesas, tem muito programa português no rádio, naquela ocasião, agora não tem, mas antes tinha uma porção na televisão. Então estou sempre ligada nas coisas da minha terra, porque eu tenho saudades, eu até queria ir pra lá. Agora fui lá.

Meu irmão morreu, a minha irmã foi casada 50 anos, apanhou muito do marido e agora ela esta com Alzheimer lá e os filhos não estão nem aí. Por isso que ando meio triste, fui lá e você não tem nem ideia como ela estava sendo maltratada, e é mais nova que eu. Ficava sozinha na casa dela, com ratos, ninguém ia lá cuidar, tudo suja. Trabalhou tanto na vida, não precisava disso. Sempre me correspondia com ela. Faço questão de ser ligada a família, arrumei uma casa para ela ficar internada, lá chama lar e a assistência social lá é diferente daqui. Ela tem três filhos, minha sobrinha, por exemplo, estava usando o dinheiro da mãe para eles, porque o marido dela não trabalha. Fiquei lá um tempão esse ano, gastei mais um dinheirão, então arrumei uma senhora brasileira casada com um português, olha como é o mundo, para cuidar da minha irmã e ela é cadastrada no governo e pode tomar conta de pessoas com Alzheimer e

não pode ter mais que três pessoas cuidando. Telefono toda semana pra saber da minha irmã, mas minha sobrinha já deixou de pagar de novo. Isso me deixa...

E aí eu vou ter que ser ruim, vou ter que fazer queixa pra assistente social de lá, porque minha irmã não tem culpa se o marido da filha fuma, se está desempregado. A minha sorte é que eu tenho aposentadoria de lá, consegui.

Voltei em 66, eu vim em 58 e em 66 eu fui lá, olha nem queria mais voltar para o Brasil, mas estava com aquelas senhoras que eu tinha assumido uma coisa com elas e voltei. Porque voltei? Sei lá o que é, não sei. Agora estava querendo ir para lá, perto da minha irmã.

Foi bom voltar para Portugal a primeira vez, o namorado já tinha casado, eu o vi, porque tinha uma prima que foi criada comigo que era casada com o irmão dele e eu estava na casa da minha tia quando fui a primeira vez e ela morava mais na cidade e eles moram em um bairro mais afastado. O marido dessa minha prima passava todo dia na minha tia e uma das vezes ele foi com o meu namorado, porque trabalhavam juntos e eu fiz de conta que não vi ele. Ele ficou tão chateado, depois a mulher dele queria vir falar comigo e eu não quis. Sou muito direita, não gosto dessas coisas, se não deu certo não deu.

Vou juntando, juntando, sou econômica, fiquei dois meses a primeira vez, de agosto até novembro, e fui nos lugares que passava antigamente, porque será que isso é tão comum né?! Todo português! A gente gosta, encontrei muita gente, fui no hospital onde trabalhava, aí todo mundo queria que eu ficasse, que não viesse mais para o Brasil, até hoje quando vou faço isso, fui muito querida nesse hospital, só que a família daquela senhora que cuidou de mim na adolescência já morreram todos.

Sou muito apegada a essas coisinhas, depois fui em 78, porque minha sobrinha ia casar, mas sempre visitava toda família, sou muito apegada, hoje em dia não existe mais ninguém, só eu e a minha irmã. Minha irmã era engraçada porque sempre me falava pelo telefone tá todo mundo morrendo, nossos primos, tudo que era da nossa idade, eu não sei o que estamos fazendo aqui? E eu falando pra ela que a nossa missão ainda não acabou, vai ver que uma de nós ainda vai cuidar uma da outra, no final estou cuidando dela. E nunca pensei também, porque ela é mais nova que eu. Meu irmão morreu, casou, esteve no exército, só que ele morava longe, ultimamente eles não tem contato com os filhos dele e eu falo pra eles para tentarmos, mas por enquanto ainda não consegui. Sempre tem que ser eu que começo filha.

O lazer sempre ficou longe até hoje, frequentava Casa de Portugal bastante, sempre lidei muito com português e acabei sabendo por isso e antigamente precisava ir a Casa de Portugal para mudar o passaporte, pra casar, agora o consulado mudou, é na Rua Canadá, mas a Casa continua, tem festa lá, até agora estivesse em uma lá, só que agora não vou tanto porque é de noite e fica mais difícil. Antes eu tinha muitas amizades, mas a vida é assim: todas foram casando, uma vai pra aqui, outra pra lá, então fica difícil se encontrar, mas antes íamos em turma até lá, assistir show, dançar, tudo que havia eu ia, gostava, sempre foi muito sossegado.

Fui até ver jogo! Eu tinha uma amiga, arrumei aqui uma amiga, no Brasil, ela trabalhava na casa de uma irmã das minhas senhoras e então elas eram loucas por futebol, elas me levavam para ver os jogos, no começo ainda ia, mas agora... Elas eram loucas pela Portuguesa, e o pai da minha patroa era sócio torcedor da Portuguesa e aí foi ver o jogo da Portuguesa contra o Palmeiras, a Portuguesa estava ganhando do Palmeiras de 4 a 0, e o jogo virou para 4 a 5, ele pegou a carteirinha, rasgou e deixou ali mesmo, mas a gente é muito agarrado as raízes da gente, a família e as raízes, eu sou muito, tudo o que fala de português estou lá. Já fui no Arouca, na Casa de Portugal muito mais, no Transmontano. Hoje é muito diferente, antes tinha os ranchos, em Portugal eu fazia parte de um rancho. O rancho tem até uma comida que se chama, mas tem rancho que é um grupo de pessoas que canta e dança folclórica. Todas as casas tem rancho. E eu ia muito, agora que não vou, tenho medo de ir a noite.

Tem tempo ainda?

Não tem importância que não almocei. Tinha uma senhora que era tia dessa moça que acabei de falar que íamos ver o jogo, essa moça foi pra freira e faleceu agora, mais nova que eu, mas já faleceu, também era portuguesa. Ficamos muito amigas e ela tem uma tia que também trabalhou com ela, depois a tia casou. Essa tia agora ficou viúva e não tem ninguém também e ela mora sozinha, então advinha quem vai lá? Eu! Agora eu arrumei uma pessoa pra ficar lá com ela, arrumei uns inquilinos para as casinhas dela que estavam desalugadas. A família do marido está aqui, mas por causa de herança não se dão mais, eles acham que eles tinham direito, sendo que a lei não é assim. Até cortina pra ela esses dias fiz, comprei o pano com ela, não gostei muito não, mas gosto é gosto, nem eu sei como faço isso ainda. Que correria.

São João, Natal, essa época é muito difícil pra mim, fico muito deprimida, mas vou levando, porque lembra muito minha família. Minhas amigas não suprem isso, as vezes estão

piores que eu. E essa amiga mesmo que falei agora, é do Transmontano, até estava lá outro dia também, ficou em risco de morrer, o médico operador disse. Agora está melhorzinha.

Estou fazendo aula de tricô lá perto da minha casa, então junta umas senhoras, vou lá e agora teve a reunião de fim de ano, amigo secreto, tem muita gente, eles me convidam, mas não estou muito animada.

O que era da minha estima consegui trazer tudo pro Brasil e guardei até hoje, se voltar pra Portugal agora, vou ter que arrancar tudo de novo da minha casinha, coisas da família da gente, antigamente era comum vir os maridos primeiros e depois as mulheres com tudo da casa, máquina de costura, agora já não tem mais navio pra isso. É mais fácil, tenho muitas fotos, algumas eu mandei pra minha irmã, porque ela não tinha nenhuma, eu tenho fotografia do meu pai solteiro e da minha mãe, agora dei pra minha irmã, tenho até o bilhete de identidade da minha mãe e o meu. Falam que é uma coisa dos europeus guardar muita coisa, porque nós passamos por guerras. É estima. Eu tenho, sou muito católica, mas eu tenho umas coisinhas que ganhei em 52, uns santinhos, tenho tudo guardado. Tenho muita fé, quando estava embarcando no navio sozinha pela primeira vez tinha um senhor, sempre tem gente vendendo, fez questão de vender um quadrinho da nossa senhora da saúde e até hoje falo que foi aquele quadrinho que deu saúde, porque nunca tive problema de saúde aqui no Brasil. Tenho até o carnê de quando o estádio foi construído, comprei pra ajudar a construir o estádio do Canindé e depois nem é muito pelo futebol, é por ser uma agremiação portuguesa. Então ajudo. Essas coisinhas, fico pensando, se eu morrer vai tudo pro lixo né?! Vamos ver... enquanto for viva...

Eu não tenho nada para falar do Salazar, vivenciei bastante a época dele, pra mim é indiferente, politicamente nunca me incomodou, sempre trabalhei pra comer, sempre tive minhas coisinhas, todo mundo era contra, politicamente eu não entendo, não sei como era a coisa. E você sabe que quando estive em Portugal em 2010 teve uma pesquisa e o português mais famoso, historicamente, sabe? Ele que ganhou, claro que Camões e Fernando Pessoa entraram, mas ele foi que ganhou. Eu ficava pensando, nossa em 2010.

No meu tempo de menina a escola era o dia inteiro, no liceu mudava, então estudei um pouquinho e aqui vim terminar o negócio de enfermagem, fiz o liceu, mas meio particular, digamos assim, porque tinha bolsa. Eu nunca esqueço que quando fui fazer a quarta classe, o Salazar fez uma lei que quem não tinha estudado fazia um mobral, o intensivão de vocês. Então, era muito inteligente para estudar, passei com os pontos máximos, quando fui pra a quarta classe

pra depois passar pro liceu entre todas, tinha muita gente, eu tirei a melhor nota, tenho até o diploma ainda hoje! Gostava muito de ler e agora não consigo ler, nessa minha fase de chata, de borocochô eu não estou conseguindo ler e eu gosto tanto.

Sempre gostei muito de cantar, eu queria ser fadista, cantava muito bem e fazia... trabalhei com freiras, então elas tem muito essa coisa de arte, então fazíamos muito teatro, apresentava, tenho as fotografias. Gostava de muita gente, Amália Rodrigues sempre em primeiro lugar e gostava muito de Tony de Matos, uma porção deles. Até hoje gosto muito. E sabe, vou falar uma coisa, sempre gostei de rádio, futebol, meu irmão mais velho foi jogador de futebol, nós de pequenos, mesmo não entendendo nada daquilo, ouvíamos muito, todo mundo torcia muito pelo Porto, outros pelo Benfica, até hoje gosto muito. Sou torcedora da Portuguesa. Nem entendo nada, mas aquilo ali me faz bem, parece que me dá um animo, tudo que é esporte eu gosto, das olimpíadas, vôlei, tudo isso gosto.

Não saio muito porque hoje tenho um pouco de medo, mas ia tanto na Casa de Portugal. Conheci um padre aqui, filho de português, não é português, é filho. E ele tem programa de música portuguesa no rádio, todo sábado às 9 horas da noite. Não pratico, nunca pratiquei esporte, quando pequena nadei muito no rio! Hoje eu tenho medo, mas na ocasião não tinha, e eu era da cidade, não era da aldeia, nasci no Porto, e lá tem o rio maior de Portugal que nasce na Espanha e desce caindo na foz do Douro que é o mar. Meu irmão era bem esportista e nadava no rio com ele, andava muito de bicicleta, depois meus pais morreram aí fui trabalhar e a vida mudou muito, nunca mais tive essas regalias.

Porque que aceitei vir para o Brasil? Isso é um ponto que sempre reclamo, tenho um conflito muito grande com isso, porque realmente estava bem empregada, estudando, sozinha, tinha namoradinho, tava... se o meu namorado tivesse dado para trás eu não tinha vindo, só que ele disse que queria vir por causa do Salazar, os rapazes queriam muito sair de lá pra não ir pra guerra, aí eu vim, tive primeiro a oportunidade e ele ainda precisava fazer o exército, mas ele não cumpriu com a palavra dele. Ele foi filha da mãe pra não dizer outra coisa, coitado, já morreu, ano passado.

Tudo foi muito doloroso de deixar em Portugal, depois que ele terminou o namoro foi tudo, até hoje! Não sei, estava falando com uma amiga ontem que ela me liga a noite e queria me dizer da reportagem que ia ter na TV sobre Portugal e ela é portuguesa, mas viveu em Angola muitos anos e ela foi pra Angola, mas ficou falando como gosta de ver isso, nossas

vinhas, nossa terra, ela chora! Eu não tenho lágrimas mais, me emociono, mas não choro. Ela falava como tinha saudade e ela foi novinha pra Angola, e da Angola pra aqui, mas ela falou que não tem saudade da Angola, mas tem de Portugal mesmo, porque é a terra dela. Com nove anos foi pra Angola e não voltou mais.

No navio fazemos amigos, mas chega aqui alguns ainda continuam, mas depois todo mudo vai para cada lado. Amizade, se eu quiser, faço com facilidade, aqui precisa ter muito cuidado, tem muita malandragem hoje em dia, mas como vim com aliança de noivado era mais respeitada, mas a viagem foi ótima e aqui não era como esperava, não sou racista, mas fiquei com tanto medo no Rio de Janeiro porque só via preto, fiquei 24 horas no Rio e depois veio para Santos, naquela ocasião tinha muito, muita pouca gente negra onde morava, engraçado que não sei porque fiquei com medo, acho que foi falta de costume, nunca esqueço aqueles homens que trabalham no navio, fortes, eu só conhecia os negros de ler sobre a África, mas nunca convivi. Depois acostumei e não tenho problema e nunca tive.

Deixa eu te contar, a minha tia era casada com meu tio, lógico e nós não tínhamos família aqui, mas ele tinha irmã em Santos, então quando a minha prima escreveu que ia vir, estava pegando as malas e ouvi meu nome em Santos, levei um susto e o senhor era cunhado de meu tio, isso me emocionou, olha que engraçado. É que morreu todos eles, fiquei sempre em SP, mas ia muito pra casa deles, mas aí tinha um filho desse senhor que era muito sem vergonha, não gosto dessas brincadeiras, me abraçava, me apertava aí comecei ir menos, não gosto de confusão, cada um no seu lugar.

O trabalho me possibilitou muitas amizades, morreu muita gente. Foi fácil fazer amigos, tive um namorado feirante, mas não queria porque tinha namorado em Portugal, esse namorado atrasou minha vida, mas a feira tinha muito português e fiz muito amigos lá. Ainda tinha muitas chácaras de portugueses, eles plantavam e vendiam, há 50 anos. Esse pessoal também ia a Casa de Portugal, lá era um lugar de todo mundo, você precisa ir nas festas de lá, faz 15 dias teve uma com fado, festa portuguesa, e sabe o que tinha muito aqui? Adegas de fado, restaurante que tem fado, no Canindé tem um lá, nunca fui, mas a Glória que é uma fadista é dona de lá, vim no navio com ela. Desde pequena minha vó me dava um tapa quando começava a cantar, não queriam, a família, a reputação não era boa, ouvi ontem no programa do Jô a Laura Cardoso, ela é filha de português e ela falava que os artistas eram muito mal falados. Nossa, Deus me livre, minha vó, minha tia. Gostaria muito de ser, ter sido fadista e minha irmã também. Então... a vida muda a gente.

Você sabe quantos portugueses tem em São Paulo? Teve uma época que tinha mais portugueses em São Paulo do que em Lisboa! Seiscentos e não sei quantos mils. Colônia. Enquanto houver português, houver essa coisa não vai morrer. Tenho uma amiga que foi dançar lá na Provedoria, pelo rancho folclórico.

Achei bom entrar na Beneficência porque você pagava uma vez só, diferente dos outros, não tinha convênios naquela ocasião, então você dava uma entrada e ia pagando por mês, sempre procurava ter um lugar para cuidar de mim na necessidade.

Esses redutos portugueses não vão acabar, quando a coisa está caindo, sempre aparece uma turma que busca reerguer. Só acho que dão muito pouco valor pelos portugueses, sempre acho que os primeiros a ser humilhados foram os portugueses que eram chamados de burros. Talvez os portugueses queriam ser senhores *...importantes em demasia...*naquela época.

Sabe que tem uma menina Thaís Matarazzo, que é descendente de italiano, mas tem uma avó portuguesa, e ela começou a fazer esta pesquisa de portugueses só que na música, na arte, ela é boa nisso e ela já lançou uma porção de livros sobre o fado, interessante.

Eu tenho 80 anos e passou num instante.

6.4 Violeta

Data de Nascimento: 24/06/1927

Chegou ao Brasil aos 21 anos

Eu morava na Guarda que é a minha cidade. Nasci numa aldeia perto da Guarda, no distrito da Guarda, lá na Beira Alta. Deixa eu te mostra aqui no meu mapa.

Sempre morei na mesma casa, desde pequena. Nasci lá e fiquei lá, até que precisei estudar, porque lá só tinha até o quinto ano, você não é do tempo da admissão né?! Antigamente se fazia admissão ao ginásio, ao liceu, então eu fiquei na minha cidade até essa época, depois eu fui para o colégio interno. Os pais não deixavam as meninas muito soltas, se ia para a cidade tinham que ficar em algum lugar, ou num colégio interno, pensão, ou na casa de uma família. No meu caso fiquei no colégio, que era na cidade, tinha as aulas, algumas era fora, aí a gente ia nessas aulas fora e voltava para o colégio para dormir. Era ótimo, porque tinha muitas meninas e normalmente ficava dos 12 aos 18 anos, ir pra lá muito pequena não dava e 18 anos cada uma ia cuidar da sua vida. Eu fiquei um tempo, depois fui para casa, fiquei um ano em casa, aí voltei fiquei mais um tempo. Agora não tem mais, porque do interior não vem mais gente praqui para estudar, antigamente era assim, ia e ficava, era gostoso, tinha muita brincadeira, as meninas todas ficavam muito amigas, uma ficava com inveja da outra, mas a outra já não ficava, era assim, era bom.

O que era mais complicado era que do lado do colégio tinha um quartel, os soldados viam a gente da janela do quartel brincando no jardim do colégio e a gente jogava muita coisa lá, fazia ginásticas, coisas assim e eles ficavam na janela. Tínhamos uniforme, três tipos, um era branco que usava com chapéu azul marinho, tinha um cinza com chapéu cinza também e lá dentro usava avental preto com gola e punho branco, era o do colégio, quando saíamos com o uniforme branco eles nos chamavam de marinheiras, era bem engraçado.

Fiquei no colégio até os 15 anos, depois fui pra casa, aí fui fazer o curso normal e me formei e fui dar aula. Fui para uma outra aldeia dar aulas e fiquei quase cinco anos lá. Não era tão próxima porque era em outro concelho, porque meu concelho era da Guarda e eu fiquei no de Almeida. Era bem jovem ainda e me comportei tão bem que os meus dois irmãos foram casar com as duas melhores meninas de lá.

Antigamente morava com meu pai, minha mãe e meus três irmãos, eu era a única mulher. Meu pai já tinha estado aqui no Brasil, e havia gostado. Foi quando eu era pequena que ele veio, acho que era um época que a situação estava muito ruim lá e aí ele veio com vários amigos. Vieram todos, mas acho que ele não se adaptou e voltou. Quando depois os meus irmãos, naquele tempo em que os rapazes iam pras colônias, Angola, Moçambique, Guiné, todas as colônias portuguesas, aí meu pai achou que meus irmão iam ter que ir pra lá, porque todos iam, muitos ficavam doentes, aleijados, outros não voltavam, era complicado.

Meu pai nos perguntou se não queríamos vir praqui, meus irmãos concordaram, eu que não queria vir, porque já estava arrumada, acostumada, mas aí não iam me deixar ficar lá, aí tive que vir. Filha mulher, a única mulher, eles não iam me deixar. Foi muito difícil, muito sofrimento, porque é uma idade... eu tinha 21 anos, vim fazer 22 aqui, é uma idade muito ruim, porque é uma idade que tem jovens iguais a gente, que brinca junto, que fazem tudo junto, amizades, namoradinhos, essas coisas todas, mas aí o meu pai quis vir por causa dos meus irmãos.

Chegamos aqui em fevereiro de 50, vai fazer anos dia 22 de fevereiro, aí nós viemos. Tinha uma tia do meu pai, irmã da minha vó que morava aqui com os filhos, então eles moravam lá na Rua das Palmeiras, perto da Santa Cecília, Marechal Deodoro. Então ficamos uma semana na casa deles, meu pai logo alugou uma casa e nós fomos para nossa casa.

Vivíamos em Portugal de maneira confortável, para vir meu pai comprou umas propriedades lá, não devia ter comprado, mas comprou a parte do irmão da minha mãe, só era ela e ele, porque ele veio praqui também, então comprou dele porque meu pai dizia que não queria deixar os ossos aqui no Brasil, sempre naquela esperança de que vinha e ia, mas não deu. Então aqui meu pai comprou uma sociedade de um lugar que chamava Zé Carioca, nem existe mais, mas era na Avenida Santo Amaro, de noite era pizzeria e de dia era bar e restaurante. Morávamos lá mesmo por um ano, na Vila Nova Conceição, depois meu pai vendeu lá e comprou aqui no Campo Belo, moro no Campo Belo desde 52.

A viagem de Portugal pra cá foi horrível, horrível, porque nós viemos num navio italiano, era um navio muito grande, não sei mais como chamava, era companhia alguma coisa e aí a gente vinha muito mal, porque vinha trezentos e tanto italianos e vinham cento e poucos portugueses, mas aí eles faziam toda aquela comida italiana e eu não gostava daquela macarronada, porque aquele molho de tomate eu não gostava. O navio era muito grande e o

mar estava muito bravo, segundo diziam, é por causa que o mar estava tão bravo que a turma não conservava a comida no estomago, comia e vomitava, porque além daquele cheiro do mar, balanço, era muito ruim, então era muito sacrifício aquela viagem de lá pra cá. Depois voltei lá de navio, aquela vez demorou 14 dias, diziam que era porque o mar estava bravo e o navio não podia andar muito. Tinha um médico português que vinha para acompanhar os portugueses, mas ele e mulher dele enjoavam também.

Não consegui trazer tudo o que queria não, trouxe umas coisas pessoais só. Meu pai trouxe, porque sabia que a gente era enjoada mesmo, bacalhau, azeitonas, trazia uma porção de coisas pra mim e pra minha mãe, pelo menos aquilo nós comíamos. Comia aquilo na cabine, tínhamos uma cabine que veio meu pai, minha mãe, dois irmãos e eu. Depois disso já fui tantas vezes! Estávamos aqui a dois anos e meu pai disse que ficaria seis meses lá, só que depois ficou mais de um ano, aí ficou doente, pegou uma pneumonia. Quando nos avisaram que ele estava doente, no hospital, e não tinha mais nenhum parente nosso lá, fui eu com minha mãe para Portugal de navio, mas aí não era enjoado. Fomos no Vera Cruz, acho que era mais moderno, aí o irmão do meu pai que morava nos Estados Unidos foi até lá também e meu pai nesta altura ficou 21 dias internado numa clínica em Coimbra e nós ficamos com ele, num hotel lá e ia passar o dia com ele na clínica. Ele teve um negócio num dedo, machucou o dedo e gangrenou o dedo dele, aí mandaram dizer para nós que tinha que amputar o pé, ficamos muito preocupadas e fomos para Portugal. Ficamos seis meses lá e depois voltamos os três.

Nossa família era muito pequena, minha mãe só tinha um irmão, esse veio praqui, mora em Marília, aí ele só tem um filho que mora lá também. Saiu de Portugal porque achou que a situação lá, na época, tava ruim, mas não sei por que, pois era garota. Acho que não tem a ver com Salazar não, a turma fala do Salazar, mas eu nunca vi ele fazer mal a ninguém, nunca passei fome, nem necessidade, todos nós estudávamos ao menos para conseguir trabalhar, então lembro que quando era criança, que era o que deviam dizer aqui também no Brasil: produzir e poupar, manda Salazar! Mas a gente nunca passou necessidade, porque cada um tem as suas propriedades e naquelas propriedades colhem coisas, cultivam coisas que vendem, então lá no caso dos meus pais, eles vendiam centeio, muita batata, porque Portugal exportava batata, muito feijão, milho, essas coisas. Nossa renda vinha da agricultura e o meu pai tinha uma fabriqueta, pequena, mas tinha de calçado, então ele tinha dois ajudantes que fabricavam os sapatos, botas e tudo e vendiam. Meu pai tinha isso, comprou uma máquina que ainda está lá e fabricavam. Ainda o ano passado, abri uma caixa pra ver o que tinha lá dentro, porque o meu pai foi e comprou uma porção de coisas para a tal fabriqueta que acabou não usando, porque ele ficou

doente e depois veio a falecer. Quando veio para cá, fechou, mas não vendeu, meu pai não gostava de trabalhar na agricultura porque não foi acostumado, então pagava para quem trabalhava, plantar, colher.

Quando estava lá pensava que o Brasil era cheio de índios na rua, onças, eu imaginava assim, muita árvore, muita mata e muito bicho. Quando chegamos aqui que vi tanto preto no Rio, carregando sacos pro navio, e vi aqueles homens todos sem camisa e carregando aquelas coisas todas que eu nunca tinha visto eu falava: ai meu Deus do céu, aqui é tudo preto? Perguntava pro meu pai se aqui era todo mundo dessa cor, aí ele falou não é que no Rio é muito quente. Só tinha visto uma vez um negro, quando era bem menina, e nós saímos do colégio interno, eu e as outras crianças que começaram a falar que tinha um pretinho lá na rua, e todas as crianças correram para lá para ver, porque era novidade, nunca tínhamos visto, então ficava as crianças todas em volta dele e lembro que ele dizia que podíamos tocá-lo que ele não era de borracha e ele mandava a gente apertá-lo para ver que não era de borracha, porque ele achava que nós pensávamos que ele fosse um boneco de borracha. Engraçado, nunca tinha visto.

Quando vim não queria vir de jeito nenhum, porque tinha minha vida lá, mas tive que deixar. Meu irmão mais velho, disse que não viria, aí meu pai disse que se ele não viria tinha que casar, porque senão casar ia ficar na bagunça dentro das nossas propriedades. E ele casou, assim também não era chamado para ir para as colônias, era teimoso, dois ou três anos depois escreveu, naquela época não havia telefone, dizendo que queria vir, meu pai mandava dinheiro pra ele escondido, mas ele e a mulher, segundo diziam, eles iam passear com o dinheiro. Vieram, mas acho que o mais complicado foi pra mim, porque eu tinha um emprego público, pedi demissão, pedi exoneração e fui embora.

Fiquei quase cinco anos sem trabalhar, meu pai não me deixava trabalhar aqui, disse que as mulheres aqui ou eram funcionárias públicas, ou trabalhavam numa repartição pública, ou então trabalhava num banco, coisa assim. Eu não podia lecionar, porque era de lá, se quisesse fazer aqui tinha que renovar o diploma, fazer Geografia, História, tinha que estudar tudo de novo, mas aí não fui, fiquei todo esse tempo em casa, ele só deixava trabalhar se eu fosse trabalhar no Consulado de Portugal ou na Casa de Portugal, não sei por que, patriotismo? Não sei.

Sei que depois ele comprou na Vieira de Moraes uma casa que em baixo tinha bar e restaurante, durante o dia, e de noite era pizzaria, foi a pizzaria mais famosa que tinha na região,

tinha um português e uma espanhola que fazia as coisas, então saia muita, muita pizza, tinha vezes que saia duzentas e poucas pizzas por noite. Ficava em casa bordando, fazendo crochê, tricô, arrumava a casa, dava muita agonia, mas não podia fazer outra coisa. Não sabia datilografia, porque naquela época não usava isso, aí fui lá fazer datilografia, minha mãe me incentivava e não contava pro meu pai, ela me dava dinheiro e fui fazer datilografia. Fiz, daí uns anos me chamaram para trabalhar na Casa de Portugal.

Uma vez fui lá, tem um espaço grande que era a secretaria, era uma sala bem grande, tinha dois gabinetes dentro e pro outro lado tinha três consultórios médicos, porque lá na parte da tarde, três médicos atendiam todos os dias. Davam assistência médica aos sócios da casa, era gostoso trabalhar lá. Não conhecia antes disso a Casa, mas meu pai já era sócio da Casa de Portugal quando ele veio, aí pôs todo mundo de sócio. E, um dia fui lá e estava aquele sol dentro e fora na rua estava frio, aí falei assim pra uma das meninas: vocês que são felizes de trabalhar aqui com essas janelas com tanto sol. Aí elas me falaram assim: acho que feliz é você que não precisa trabalhar, falei: pois eu gostaria. Aí passado uns tempos me telefonaram a dizer que a secretaria da diretoria ia sair, se eu quisesse fazer a entrevista com o diretor tinha que ir logo. Já era sócia, aí eu fui, o diretor que me entrevistou perguntou se tinha documentos, falei não, nunca trabalhei aqui, tirei os documentos e já comecei no outro dia!

Fiquei quase 20 anos lá, depois saí, aí a diretoria de lá veio me chamar para ser diretora social, porque gostava de organizar as coisas, como gostava! Eu organizei festas, porque o diretor administrativo dava liberdade para fazer isso. Eu dava as ideias e lá não tinha trajés típicos portugueses, então quando precisava tinha que pedir emprestado ao Centro Transmontano. Aí eu que movimentava a coisa. Era gostoso sabe?!

A Casa de Portugal é uma entidade cultural e de assistência, então tinha muito curso, agora parece que não fazem quase nada, antes tinha muito curso, até Portugal providenciava palestrante eu vinham pra cá e de cá pra lá. Curso a noite, boa biblioteca, mas também não sei qual é o movimento que tem lá. O Clube Português tinha mais baile, mas a Casa também teve uma época que a Casa era o chique de fazer os bailes de formatura, além das festas para os portugueses. O sócio podia levar convidados, mas era responsável pelos seus convidados, senão se portasse bem o sócio sofria sanções. Tinha bailes, jantares, restaurante. O pão de açúcar, que não era o grupo de hoje, do Seu Valentim nos ajudava bastante.

Antes a casa não era ali, era na Cristóvão Colombo, depois que foi construída na Liberdade. Muitos pagavam mensalmente para ser sócio da Casa, outros pagavam uma cota bem maior e já ficavam remidos, eu que já trabalhava lá fiquei remida. Lá não podia dançar muito agarradinho porque senão ele ia chamar a atenção, não podia andar com roupa muito extravagante, era assim... se você queria um convite para outra pessoa, no seu convite atrás ia o nome do sócio responsável pelo convidado, porque se o convidado não se comportasse bem, o sócio ia ficar um tempo sem poder retirar convite.

Na Casa tinha um diretor administrativo que era muito rigoroso, diretoria de lá é praticamente a mesma que é da Beneficência Portuguesa, então ficava tudo muito próximo. Quando foi feita a Casa de Portugal eu já trabalhava lá, então quando eles construíram eles acharam que podia ser assim um lugar que reunia as instituições portuguesas, porque os portugueses são muito bairristas, então tem casa de tudo quanto lugar e eles achavam que devia ser tudo dentro da Casa de Portugal. Depois não foi assim, só quem foi pra lá foi o consulado, que também não está mais lá, dizem que foi por causa da segurança, não sei. Sei que os portugueses que moram em outros países eles são mais unidos por uma coisa só, aqui no Brasil não, aqui tem casa da Ilha da Madeira, Casa dos Açores, Transmontano, Centro do Minho, Centro do Douro, Casa das Beiras.

Talvez, busca tanto esses lugares para se entrosarem, porque você é aqui de São Paulo, suponha que você vai morar no Rio, ou então em Lisboa, você chega e você procura aquelas coisas que mais de tocam, não é?! é um modo de diminuir um pouco o sofrimento, porque pra mim quando vim foi muito difícil de me adaptar, primeiro porque eu não queria vir sabe?!, depois ficava só em casa, só tinha uma irmã da minha vó que morava aqui que tinha duas filhas, uma solteira e uma casada com duas crianças, eu só podia ir a casa delas porque eu não conhecia ninguém, não conhecia ninguém então não podia sair, não podia fazer nada, eu não ia ao cinema, não ia ao teatro, fazer algum passeio, nem nada. Quando eu ia era final de semana com uma filha dessa irmã da minha vó, então ela e o marido de final de semana vinham me buscar para eu passear com eles, senão não saía de casa. Só comecei a fazer mais amigos depois que fui trabalhar, porque não saía de casa para nada. Meu pai mesmo sócio da Casa, não ia tanto às festas. Tinha meu irmão que, às vezes, me chamava para ir com ele, com ele eu ia, porque tinha dois irmãos aqui.

Meu irmão mais novo trabalhava com meu pai e meu pai lhe deu sociedade e o outro já não quis, aí foi trabalhar como vendedor lá na Paula Souza, ele trabalhou lá por um ano, algo

assim, mas logo ele abriu um escritório de representações. Aí lembro que ele fazia representação de papel, não sei o que, depois veio representações de Portugal, da Argentina, da Espanha, tinha muitas representações. Hoje ele já faleceu, mas aí ele tinha representação do Bacalhau da Noruega, isso depois de uns outros patrícios nossos não aceitar essa representação, porque já estavam com muito trabalho e aí indicaram meu irmão. Agora são meus sobrinhos que cuidam disso, continuam.

Só trabalhávamos, era muito raro irmos às festas, e meu pai também faleceu logo, aí tudo ficou mais atrapalhado. Meu irmão que ficou com as representações casou cedo, foi pra Portugal conhecer a noiva. Meu pai disse que se ele gostasse da moça já casasse, aí ele casou e voltou casado. Eu e minha mãe ficamos as duas, mas vivíamos bem, tinha um irmão solteiro ainda que cuidava dos negócios, depois ele casou e fiquei com minha mãe, não foi uma vida muito difícil pra gente, graças a Deus, mas tinha que trabalhar né?!

Quando trabalhava na Casa de Portugal já conhecia a Beneficência, pois estava aqui um ano, um ano e pouco, fui operada do apêndice, e fui operada na Beneficência, mas no hospital velho, lá na Brigadeiro Tobias e aí quando, depois, fizeram o novo hospital compramos o título, porque era uma segurança. Nessa época meu pai já tinha falecido,

O trabalho pra mim foi muito bom porque conheci melhor a colônia, ia de bonde, trabalhando lá eu conhecia todo mundo, porque lá na Casa de Portugal tinha a Câmara Portuguesa de Comércio, que também eu cuidava, era no outro andar, mas a menina que ficava lá, não sei o que aconteceu, saiu.

Eu ia para Portugal a cada par de ano. O ano passado fiquei três meses lá, na terra onde dei aula, a turma de lá é minha família, todo mundo me chama para ir as suas casas e considero muito a turma de lá. Onde era a escola que dava aula hoje é a casa do povo, onde fazem bailes, almoços, coisas assim quando tem alguma coisa eles fazem. Quando acho que eles precisam de algo eu colaboro, muitos foram meus alunos, muitos também estão aqui, alguns tem até netos, fica difícil ir na casa de todo mundo, é muita consideração. Era muito jovem, ensinava as crianças, ensinei para a primeira comunhão, ninguém dava catequese, eu resolvi isso também. Era religiosa, minha mãe tinha dois tios padres e meu pai tinha um irmão e uma irmã religiosos, família muito religiosa. Quando eu vou assim, é como se fosse de lá.

Normalmente todo lugar que a gente vai almoçar tem sopa, a sopa de lá é gostosa, se quer sempre tem pra comer e não é cara a comida lá. Era feriado de São Pedro, não sei se de

São João ou São Pedro que era feriado, nas aldeias eles tinham uma mania, colocavam um pinheiro só com o tronco e aquele tronco amarravam com rosmaninhos e vera luz, então eles quando era de noite, eles colocavam um monte daquelas ervas, tudo muito, muito perfumado e dançavam ao redor daquilo, um povo muito animado, só judiavam porque em cima ou colocavam uma boneca com foguetes ou colocavam um gato dentro de um negócio de barro aí quando o fogo chegava em cima do pinheiro e acionava com a cordinha aquilo voava, mas aí ele pulava e ia embora, mas ai eu achava judiação. É interessante, hoje quase não tem juventude em Portugal, os que têm vão trabalhar na cidade, se é perto vão e voltam. As aldeias são desertas, só tem velho, porque os novos ninguém quer trabalhar na agricultura.

Todos nós íamos bastante até a Casa de Portugal, mas não muito nas festas, era bom, era muito bom. Meu pai gostava das coisas de Portugal, gostava de participar, assim como nós. Nós mantínhamos nossa cultura muito através da família e da convivência com outros portugueses, ou filhos de portugueses. Sempre buscamos nos cercar de pessoas parecidas com a gente, pois quando... se você for pra outra cidade, por exemplo, você chega lá e se acha estranha, que aquele lá não é o seu lugar, que não tem direito a isso ou aquilo, a pessoa sente. Quando vim de Portugal, talvez porque vim no melhor da minha juventude, talvez isso acontecesse mais comigo, porque eu tinha a impressão que qualquer pessoa podia chegar em mim e me mandar sair daquele lugar porque aquele lugar era dela. Quando cheguei aqui era assim, eu sentia isso, e isso não é bom, mas... não sei...sentia isso. Claro que agora me sinto melhor, após a morte do meu pai em 58, ele faleceu cedo de derrame na altura que morreu o papa Pio XII, então desde isso eu fiquei mais liberta, aí eu me envolvi muito com obras assistenciais, coisas assim, além do meu trabalho.

Não podia arrumar namoradinhos, não saía de casa, ficava ouvindo aquelas novelas de rádio, porque não tinha televisão, era o jeito não tinha outra coisa. Até uma vez tinha um que falava na rádio e tinha uma voz bonita e eu achava que ele devia ser muito bonito, quando eu o conheci ele era tão feio, mas tão feio.

Meu esposo era lá da nossa terra, da nossa região e nos conhecemos nas festas. Ele na época foi ser gerente no comércio do marido da minha prima, então já nos víamos antes. Uma vez uma cigana leu minha mão quando era menina, e disse que eu ia casar com um José, ia atravessar três vezes o mar, olhei e ri né?! Atravessar três vezes o mar, para onde que vou? pensei só se for pra Casilhas! Ilhas perto de Lisboa. Nunca eu pensei de vir praqui, mas acho que é o destino. Conheci ele e ele se propôs, me convidava para tomar um lanche, ir no

shopping, devia ter mais que trinta e poucos anos, pois eu queria ser freira, nunca quis casar, talvez porque eu levei sempre uma vida dedica aos outros, mais do que a mim mesmo, sou capaz de me sacrificar por uma causa de outros do que pela minha própria. Era a única filha, não podia ser freira e deixar minha mãe, tinha que desistir de ser freira, mas a vida é assim, não é como a gente programa, é como ela vai correndo.

Na minha aldeia tínhamos uma casa dentro de uma propriedade grande, então o meu pai trancava o portão e ninguém podia sair pra brincar na rua, a gente ficava olhando as outras crianças brincar na rua e falávamos porque a nossa casa tem que ter portão, tinha muita casa que não tinha portão naquela época. No internato se brincava muito, hoje tenho saudades daquelas meninas que a gente brincava lá. Tinha uma que estava aqui, mas recentemente perdi o contato com ela, ela morava na Saúde, depois o marido dela faleceu, ficou doente da cabeça, precisou internar, depois não a vi mais. Tudo virava brincadeira, jogos em conjunto, corria no jardim, fazia folia, tinha o pátio, era gostoso! Teve uma época que voltei pra casa por um ano, acho que eu fiquei doente, disseram que estava muito fraca e a diretora falou pra minha mãe me levar, como lá também tinha minhas amigas foi tudo bem, eu não podia ir na rua, mas em casa podia vir que quisesse e ficar o tempo todo, nem aos meus irmão podia ir pra rua.

Uma vez teve um que ficou uma semana sem ir a escola, ele e o amigo pegava a malinha pra ir pra escola e iam caçar passarinhos, aí meu pai deu um castigo nele, não batia, mas trancou ele num quarto sem ter nada lá e nós ficávamos olhando pela janela chorando porque nós tínhamos numa impressão que ele estava numa cadeia e estava né?! Não sei quanto tempo ele ficou lá, mas deve ter sido uma hora ou coisa parecida, para nós pareceu a vida. Eles não eram de bater, nem meu pai, nem minha mãe. Toda vida minha só lembro de ter levado um tapa do meu pai, quando fui me esconder atrás da porta toda chateada porque não trouxe a boneca que eu queria, aí meu irmão foi me chamar e eu o empurrei e ele foi parar lá do outro lado, aí meu pai me deu um tapa, foi o único tapa que levei na vida. Não estava acostumada a apanhar chorei, chorei e fui pra casa da minha vó, aí dormi lá, acho que ainda fui dormir chorando, e de manha fui ao espelho olhar se minha cara não estava preta, claro que não estava.

Em todas essas associações acho que é uma espécie de continuidade do lugar onde nasceu, um pouco de sentimentalismo talvez, ou as lembranças, acho que pode ser um pouco de necessidade também, chega aqui muito isolada das suas origens, dos costumes, tudo isso faz falta. Agora vem pouco português praqui, a situação não tá aquela beleza, o conforto na Europa

é outro, então se eles têm que sair talvez vão pra outro lugar, mas também não tem muita gente pra sair porque Portugal esta tão despovoado.

Acho que pode acabar sim essas associações, porque os descendentes já não são a mesma coisa, mesmo a Casa de Portugal quando foi criada tinha tanta gente, quando deixei de trabalhar perdi muito o contato com as pessoas, fica em casa e vai perdendo, uma hora porque não tem tempo, outra sei lá por que. Na época que trabalhava conhecia todo mundo da colônia e depois era assim, a Casa de Portugal, os diretores são os mesmo praticamente que da Beneficência, sempre a mesma turma. Os diretores geralmente eram aqueles que mais contribuíssem para que aquilo existisse, tinha uma cambada de comendador, fazia uma coisa qualquer e viravam comendador!

O Valentim Diniz era uma pessoa totalmente diferente do filho, totalmente mesmo, conheço o Abílio de quando ele era rapaz. O pai era português, a mãe era brasileira, agora o pai pelo que eu sei veio com 17 anos praqui, como ele não tinha o que fazer entregava o pão com cavalo, naquela época era assim, aí ele cresceu muito, como trabalhava lá na Casa eu via como ele cresceu. Tinha primeiro uma doceria na Brigadeiro, que ainda tem, ele e o cunhado, depois abriu uma filial lá na Clóvis e foi crescendo. Aí o Abílio era rapaz e o pai mandou para os Estados Unidos e ele veio de lá com mania de fazer uma rede de lojas e eles começaram então a alugar os pontos para fazer as lojas. Seu Valentim veio para o Brasil e teve as dificuldades dele, casou, a mulher dele era emprega doméstica, namoraram e casaram e ela disse uma vez que ela era mais feliz quando ele tinha padaria do que agora que ele tinha tudo isso, porque, ela disse que não havia sido criada para ser assim, então vem as pessoas em casa e eu não sei nem de que jeito eu tenho que ficar, nem de que jeito eu ponho minha mão, eu ponho meu pé. Ela queria ficar a vontade! Não queria essas etiquetas. Eu lembro que quando ele ia até a Casa ele saia distribuindo 20, 50 reais pra todo mundo.

Hoje estou praticamente isolada, acabo não participando de nada, se ainda tivesse alguém para acompanhar é melhor, mais seguro. Hoje só saio mesmo para ir mais na Beneficência me cuidar, sabe que antigamente o título era o preço de uma boa casa, a casa pode estar alugada ou não, a saúde sempre estará com a gente.

Isso aqui é uma conversa né?! É interessante porque é uma conversa, mas é recordar, recordar muita coisa. É bom a gente lembrar, porque lembra tanta coisa, naquela época tinha bonde, aberto ou fechado, por exemplo.

Sabe que teve uma vez que viajei numa excursão portuguesa, mas achei chato, aquelas mulheres trocavam colares, pulseiras. E a gente daqui vai com uma calça jeans, umas camisetas, uma calça curtinha, simples. Ai que coisa horrorosa, aquelas mulheres todas chegaram um dia a noite toda enfeitada pra ir ao teatro, meu marido até me perguntou seu eu tinha roupa para ir ao teatro, disse que não, porque pra passear só basta levar roupas simples. Não comprei outras roupas não, nem fui ao baile, eu prefiro é ficar vendo outras coisas por aí e não queria mesmo, ia fazer o que no baile?era melhor conhecer os lugares. Pra mim a matéria não é mais importante que o resto, vamos deixar tudo, o que vamos deixar é aquilo de bom que fizemos e deixamos.

6.5 Armindo

Data de Nascimento: 20/12/1937

Chegou ao Brasil aos 16 anos

A minha vida sempre foi trabalhar, sempre trabalhei arrumando emprego, se não arrumasse emprego não trabalhava. Deixa eu ver se eu descubro com quanto tempo vim para cá, acho que foi em 54, deixa eu ver se foi em 54 que eu cheguei, aqui na minha carteira tem tudo, esta tudo documentado. Olha foi em 53. Todo imigrante tem uma carteira como essa minha, data de entrada 7/7/53 e meu aniversário é 20/12/37, então no mês 12 eu faço aniversário.

Vim para cá porque naquele tempo era o Salazar, não tenho certeza se era o Salazar, mas se não era o Salazar era o Caetano, tinha lá os negócios de política, mas sempre fomos contra a política, nós éramos apolíticos, não falávamos muito de política, até hoje não dou muita importância. Então resolvemos vir para o Brasil porque para ir para Angola ou Moçambique nós tínhamos que comprar para ir e para voltar, entendeu? Quer dizer, tinha que ter tutu para ir e voltar se a gente não se acostumasse lá, então viemos para o Brasil.

Lá em Portugal morava em Caixeiros do Norte, fica no centro de Portugal, conheci Coimbra? De Coimbra desce até Setubal, depois Alvergaria, Caixeiros é em cima.

Sempre morei na mesma casa em Portugal meu pai me obrigou, deixa eu ver se na minha carteira de motorista consta alguma coisa, não consta. A casa era grande. Vamos supor que aqui era onde... (*começa a desenhar*) vamos dizer, onde era a casa e a casa ocupava um quarteirão daqui para cá. entendeu? Então aqui era um armazém e aqui era a casa e aqui era feito para o comércio de laticínio, aqui tinha um negocio de farinhas, tinha uma moagem e aqui tinha cavaleis, onde tinha o cavalo e aqui onde tinha os porcos. Os porcos ficavam aqui e o cavalo ficava aqui, a manjedoura, etc entendeu? Era praticamente uma... morava eu, minha mãe, meu pai, depois surgiram meus irmãos que no caso era 10 anos mais novo que eu, sou o mais velho, mas a responsabilidade era toda do meu pai e da minha mãe, eles não delegavam poder para os filhos, para nenhum deles, são dois irmãos, um moço que hoje é advogado e uma moça que é professora. Ele tinha uma fábrica, uma moagem, se tivesse mercadoria ele vendia no armazém, se não tivesse não vendia. É isso aí.

Aqui olha era nossa casa, aqui seria a rua, vamos supor, na rua tinha uma fonte pública né?! Era uma fonte pública, então quando, as vezes, a pessoa precisava de água ia lá buscar com o cântaro, tipo uma vasilha, só que era...naquela época não tinha plástico, era de barro. Não lembro muito dos meus vizinhos, lá em cima tinha a escola subindo o morro, a ladeira, e a escola era em cima e o único que eu me lembro era de um rapaz que ainda é vivo, que eu soube que ele é vivo porque ele tem família aqui, foi o único amigo que eu tinha, pelo menos que eu considerava e ele também me considerava e eu nadava muito na piscina que eles tinham, eles tinham uma oficina mecânica, uma mecânica/serralheria, etc e tal e eu ia lá praquela piscina e ficava a tarde inteira na piscina, oficina era o negócio deles. A minha brincadeira era nadar, brincadeira só na escola naqueles horários para isso, eu era muito mais velho que meu irmão, quando ele nasceu acho até que tinha terminado os estudos, não me lembro mais.

Vou te contar uma coisa que não é mentira, é verídico: quando eu fui fazer aquele negócio da igreja, primeiro vem o batismo e depois vem a crisma né?! Então eu estava na crisma, que a crisma tinha um cursozinho dentro da igreja e recebi uma varada na cabeça que eu vi estrela, eu saí correndo e fui para casa e a minha casa era um dois quilômetros, fui pela linha férrea porque era mais perto, fui pelo caminho de ferro que é como a gente fala, saí da igreja e fui embalado para casa por causa da varada que ele me deu. Cheguei em casa e falei pra minha mãe o que aconteceu, os irmãos dele um era doutor lá dos padres o outro era seminarista, e esse cara estava estudando para ser seminarista, não tinha entrado ainda e me deu uma varada sem razão e fiquei doido da vida, até hoje não estou muito ligado na igreja por causa disso, é verdade, fiquei meio desligado, não que eu não seja católico, eu sou católico, mas eu não frequento a igreja por causa desse caboclo que me deu uma varada na cabeça, sabe antigamente tinha aquelas varas de cana da Índia. Então eu saí fora e fui para casa.

A minha mãe sempre foi legal sempre, meu pai era mais durão, mas não era pessoa ruim, nada disso, era um cara bom pra chuchu, sempre em harmonia.

Eu não queria ter ido para lugar nenhum, mas ele veio e eu vim com ele, lá fiz até o quarto ano, eu era muito novo e meu pai reconheceu que eu era muito novo então me colocou numa escola vizinha para não ficar vagabundeando, ajudava em casa também, na terra de lavoura que a gente tinha. Quando faltava água, tinha um riozinho perto e íamos lá buscar água, éramos obrigados a pegar água de balde e jogar lá, não era fácil não.

Meu pai foi uma pessoa bastante esclarecida, Deus o tenha, sempre foi comerciante, teve uma serraria que eu ia fumar lá, mas não sabia que ele tinha proibido todo mundo de fumar lá, e levei uma surra por causa disso. Serraria é serragem, uma faísca já viu né?! Não tinha muito lazer na aldeia, era batente mesmo. O lazer era muito pouco, pra mim era natação, na piscina do vizinho, era um tanque não era piscina, um tanque relativamente grande, aprendi a nadar sozinho e me divertia, adoro água.

Nós não éramos muito religiosos, mas éramos todos católicos, aquilo que o cara aprontou me afastou, não fui eu que abandonei, é igual se pego um pedaço de vara e dou na sua cabeça, você acha que vai gostar de mim?

Portugal, graças ao Salazar, vamos dizer se manteve por causa do Salazar, porque Portugal é um país, vamos supor, assim... (*começa desenhar um mapa*)... vamos supor que aqui é a Espanha que ocupa todo esse pedaço de terra. Entendeu? E Portugal não tem recurso, Portugal é nem isso aqui, é menor ainda,... (*desenha Portugal menor ainda*)... Então Portugal não tem recurso. Agora... (*Armando chora copiosamente*)... Portugal hoje é graças ao estudo, Portugal não é o Brasil não, é uma faixa de terra, não tem agricultura, não tem barcos pesqueiros igual os japoneses, eles tem barcos, mas tal coisa é bem pequeno. Como vou falar bem de Portugal se lá não tem nada, foi meu pai que veio, não fui eu, eu acompanhei meu pai. Meu pai teve a percepção de vir e me trouxe porque meu pai tinha visão de tudo, sabia que Portugal não tinha nada e Portugal hoje... (*se acalma novamente*)... está um pouquinho mais adiantado graças ao estudo que a turma estuda, mas procura assistir um pouquinho o canal 208, veja o modo de vida deles.

Lá não tinha nada, não tinha recurso, não tinha nada. Meu pai ou vinha para o Brasil ou ia para África. África, Angola e Moçambique que era as duas províncias grandes tinha que ter passagem para ir e voltar, mas se aquilo pertencia a Portugal porque você era obrigado a pagar passagem pra ir e pra voltar? Caso não fosse se acostumar. Não é incoerente isso?

Não me lembro de passar necessidade lá, viemos na cara e na coragem, ele tinha um conhecido ali na Praça da Sé, tem o palácio e do lado esquerdo, quando desce a Conselheiro Furtado, em um terreno grande lá do lado esquerdo que foi demolido, foi esse pessoal que mandou a carta de chamada para ele e nós viemos. Naquela época, se aqui está 53, faz a conta,... (*utiliza o papel para fazer a conta*)... eu nasci em 37, então 53, tinha praticamente 16 anos, era muito novinho, não me lembro como isso foi decidido, acho que nem perguntaram para nós.

Todo mundo pensava que aqui só tinha índios e eu também, né?! Nem passa pela cabeça o que vai encontrar de bom e ruim, nem passa pela cabeça, só a casa deixei, era um casarão viu?! Era uma senhora casa e cresci lá, é bem doído... (*chora novamente*)... é doído mesmo, se eu conseguisse guardar tudo eu guardava, certas coisas não dá para lembrar. Só aquela varada que levei na cabeça nunca mais esqueci, vi estrelas.

Vimos no Vera Cruz, era navio português, chegamos perto do Rio de Janeiro e o navio começou ir para cá e para lá, quebrou louça adoidado, mas não afundou, senão não estávamos aqui. Eu sempre gostei de macarrão, macarrão com molho de tomate então eu adorava, comia-se de tudo, bacalhau, coelho, galinha, porco, todo ano cortava um.

Fomos pro Rio e do Rio fomos para Santos, me lembro das pessoas levemente, mas se encontrar elas na rua não me lembro. Se você é pivete você não liga muito pro que acontece. Sempre imaginei que o índio ia estar nas florestas, fui morar lá perto do Palmeiras, na Avenida Pompéia, na rua Diana, talvez você conheça o Zé Carlos, meu irmão, a Ziza, ele mora no 815, na casa em frente de onde morávamos.

Naquela época meu pai foi sócio daquela padaria Palmeiras, ele não chegou com emprego, demorou um tempinho, mas foi pesquisando, aí comprou uma parte da padaria Palmeiras e fiquei trabalhando junto com meu pai, depois ele tinha um empório junto com a... (*começa a desenhar o que me fala novamente*)... vamos dizer que aqui fosse o empório e aqui é a padaria e eu fiquei tomando conta do empório. Eram oito horas da noite que eu fechava e ia lá para o ponto do ônibus, isso com uns 17/18 anos. Esperava o ônibus, o motorista dava risada, como quem diz o trouxa tá aí, porque já era umas nove horas da noite e os ônibus passando, metade do ônibus com pessoas dentro, outra metade do ônibus vazio, e eles passavam rindo de mim, não paravam, eu fiquei tão nervoso que no outro dia cheguei na minha mãe e falei que ia comprar uma moto. Eram sacanas! Só tinha a CMTC naquela época, não tinha mais empresa, malandros! Então falei pra minha mãe no dia seguinte, tive a ideia de comprar aquela Harley Davidson, então ela falava que a moto era muito pesada, mais isso mais aquilo, e era verdade mesmo, meu filho comprou uma moto Harley Davidson e fui dar uma volta e não aguentei e caí com a moto no quintal, quebrei lá uns negócios, acho que o retrovisor, não sei. Comprei uma lambreta no dia seguinte. Você acha que gastava tudo? Se acha que se ganhava 20 ou 30 ia gastar 30 ou 40? Comprei a moto lá nos Armarinhos Macedo, próximo da Praça Marechal Deodoro, então eu comprei a lambreta. Fiquei uns cinco anos com ela, depois ela ficou meio velhinha e meu irmão falou que ia reformar a moto, só que ele desmontou e nunca mais montou.

Agora, recentemente, dei para o filho dele, a motinha toda desmontada, uma peça aqui outra acolá. Mas é isso aí.

Vivi na Diana 4/5 anos, depois fui pra Pompéia, sabe onde é o clube de Palmeiras? Naquela época, quando estava na Rua Diana, até me ofereceram um título do Palmeiras, mas já tinha comprado da Portuguesa, claro.

Quando comprei o título da Portuguesa, todo domingo ia lá cortar o cabelo, fazer a barba, sei lá, saía da Avenida Pompéia e ia até lá, até tinha lugar mais perto, mas me acostumei lá, para ajudar ia lá. Um dia cheguei lá e tinha uns barricadas, aquelas lutas livres, queria ver e não me deixaram, aí falei que a pessoa podia conferir na secretária porque eu era sócio, falaram que não podia entrar, depois disso nunca mais entrei lá. Fiquei magoado, já que não me deixaram entrar, então nunca mais fui lá, no barbeiro e na portuguesa, nunca fui muito chegado em esportes. Não fui reclamar, deixei pra lá, depois soube que o barbeiro faleceu, mas também não ia mais lá.

Em casa ficava minha mãe, a garotinha, meu irmão que era mais novo do que eu. No balcão fazemos muitos conhecidos, mas não é amigo, é conhecido, é bem diferente, acho que aqui nunca nem tive, sempre fiquei trabalhando tanto, ainda mais a noite. Naquela época não tinha nada de perigo, no final de semana eu pegava o bonde para conhecer a cidade sozinho, mas sempre com Deus, nunca fui sozinho, mas duas ou três ruas e você já conhecia aquilo. Nem lembro mais o que fui conhecer.

Não passamos necessidade, o trabalho deu saúde, graças a Deus sempre tivemos saúde para poder trabalhar, nunca passamos fome. Trabalhei nessa Palmeiras, a padaria. Fui para a Casa Argindio, ali na Catedral, quase em frente da entrada da Catedral ficava a Casa Argindio. Ah! mas antes disso trabalhava na empresa de ônibus, naquela que fazia Santos: a Ultra, na Ultra Rápido Brasil e Coringa. Trabalhava no departamento pessoal, a Coringa fazia Bertioga, a Rápido Brasil fazia Santos e a Ultra fazia Santos também.

Deixamos o empório porque meu pai vendeu a parte dele, porque o dono do prédio não quis fazer o contrato e meu pai comprou a Ultra, Ultra Brasil e Coringa, empresas de transporte, tinha sócios, os corretores faziam as aproximações, um italiano, um outro português, o outro português e o outro era filho de espanhol, um era esse que tinha a aviação Taboão e ele era dono da Rápido do Brasil.

Depois saímos da empresa e fomos trabalhar nessa empresa de laticínios que era a Casa Argindio, casa de italiano, depois disso acho que fizemos umas casinhas. Depois fui trabalhar com meu irmão, nós fomos mais ou menos do comércio, funcionários não, deu certo, sempre fiz o que eu gostava né?! Se não gostava, não entrava.

Nunca mais retomei o contato com aquelas pessoas de Portugal, muita gente de lá também veio para cá, para Venezuela, Canadá, muita gente foi para a África, todo mundo se espalhou pelo mundo. Então o que a gente deixa lá? Só tem duas pessoas, por sinal são até familiares desse amigo que eu estava falando, é difícil conversar com eles, porque cada um tem a sua ocupação.

Vim de lá ainda garoto e aqui malhamos muito. Você é descendente de alguém? Meu filho também pegou essa cidadania. Nunca voltei, nunca deu, então fiquei por aqui mesmo, mas tenho vontade, quando eu arrumar um dinheirinho pego o avião e vou, quero conhecer Fátima antes de eu ir. Foi tudo aplicado, criei um filho só, o Antônio José, ele casou, tem um filho e já esta esperando outro. Eu casei, conheci ela na padaria Palmeiras. Fiquei um tempo até conhecê-la, ela frequentava lá, mas não nos conhecíamos, nem sei como é que foi, não sei quantos anos eu tinha quando a conheci, casei em 75, deixa eu fazer a conta, nasci em 37: estava com 38 anos quando eu casei, demorei tanto porque não arrumei antes, estava trabalhando, sempre trabalhando, trabalhei, sempre, sempre, eu agora não trabalho porque não consigo arrumar emprego. Me aposentei trabalhando na Casa Argindio, vendendo queijos, presunto, laticínios, de vez em quando nós saíamos para cá, para lá, mas também não lembro, minha cabeça está meio xarope.

Abandonei a Portuguesa depois que eles me deram um chega pra lá. Entrei na Beneficência por causa do meu sogro, porque ele financiou, depois retribui pra ele, minha mulher era a Angelina. Meu sogro era aposentado, antes ele teve um empório também bem grande, ele foi um dos fundadores da Beneficência, quando ela era lá em baixo, na Tobias, ele conhecia o seu Pires, o Dr. Antônio, aliás, eu também conheci o Dr. Antônio. Duas ou três ruas pra baixo tinha o circo Piolino, lembra? Você passa a Costa e Silva, passa essa rua, depois tinha o largo que era lá, tinha um tal de Pereira Inácio que era ao sogro do pai do Dr. Antônio, e tem uma escola que esqueci o nome dela também, aqui tem e a padaria fica mais ou menos aqui e o Pereira Inácio era o sogro dele e me lembro do Dr. Antônio da festa do Pereira Inácio.

O futebol sempre foi o gosto de todo mundo, eu não ia porque meu serviço era no balcão, a barriga no balcão. Nem dava para saber de futebol, não era de jogo, não era amante de jogo, nem de futebol, então não sabia muito.

Eu sou um menino bem mandado.

Antigamente, nossa sofreu muito preconceito, mas vou ficar guardando mágoa do que o cara me chamou, eles ficavam me chamando de portuga, era ofensivo porque portuga era um português do modo diferente, do jeito que eles falavam era ofensa, mas ficava jogando para trás das costas e não ligava, o problema de não ligar é que a gente vai se afastando, fica muito magoado.

Antigamente o pessoal não era muito ligado a foto, olha nunca me naturalizarei porque nunca pensei em ser político ou funcionário público, então para que vou ser brasileiro, o meu irmão é, e minha irmã também. Minha irmã é professora e ele é advogado e não sei por que eles se naturalizaram. Minha irmã eu sei que pra ser professora tem que se naturalizar, nenhum deles é associado. Meus sogros eram boníssima gente. O que você quer dizer com tradição? Eles frequentavam a Casa de Portugal, acho que era bastante, minha esposa frequentava bem também, eu nunca fui, acho que já fui uma vez, gostei, mas a casa de Portugal é muita xaropeta viu?! Era só shows, mais shows aqui mais shows ali, tinha uma dificuldade me divertir, meu umbigo era preso no balcão.

6.6 Rui

Data de Nascimento: 26/02/1934

Chegou ao Brasil aos 18 anos

Vim muito menino pra cá, em 52. Eu tinha dezoito anos. Imagina que esse é o mapa de Portugal. O mapa de Portugal na verdade é quase um retângulo. Aqui é a Espanha e aqui é o Oceano Atlântico, certo? Aqui embaixo é o Algarve, o Alentejo, o Ribatejo, Beira Baixa, Beira Alta, tem aqui Trás-os-Montes, Minho aqui, tal. Eu morava mais ou menos aqui, aqui tem uma cidade que chama Porto, que é a segunda cidade de Portugal, certo? Aqui fica mais ou menos Lisboa. E aqui é Viseu. E eu morava mais ou menos aqui assim. Mais pro norte.

Ah, era uma vida difícil, era uma vida muito difícil como era a de todo mundo. Por isso que a turma emigrou. Eu naquela época, eu deveria ter vindo... deveria ter ido pra África, porque eu tinha um tio lá que estava em Angola, lá em Luanda... e ele tava muito bem de vida porque visitou Portugal...foi aí que eu o conheci porque eu não conhecia e ele queria me levar pra Luanda, lá em Angola. Mas depois havia aquelas guerras que antecederam a independência das colônias. E eu fiquei com medo de ir pra lá então resolvi... tinha um tio aqui, escrevi pra ele, naquele tempo precisava carta de chamada né?! Então pedi a carta de chamada, aí meu pai não sabia que eu tinha pedido. Meu tio escreveu pro meu pai, pois naquele tempo nem telefone tinha, escreveu “olha, o Rui me pediu uma carta de chamada pra ele, você autoriza?”. Aí meu pai falou “e agora?”. Aí meu pai o quê que ele fez... falou “então se vai mandar pro Rui manda também pra mim porque não vou deixar meu filho sozinho”.

Éramos em quatro irmãos, sou o mais velho. Aí meu pai veio junto. A intenção dele era que eu não me acostumassem aqui e quisesse ir embora tanto que minha mãe e meus irmãos ficaram lá. Dois anos depois, eu tinha vontade de ir embora, mas o meu orgulho foi mais forte, porque eu insisti pra vir, eu lutei pra vir.

Eu achava que Portugal era muito pequeno pra mim. Você sabe que o poeta disse que o migrante é o filho que não coube no berço. E eu acho que eu era um deles, acho que por isso queria sair de lá. Eu não me acostumava com aquela vida na terra, porque era uma vida doída, era uma vida sacrificada. As mãos da gente.... eu era garoto mas já trabalhava na terra lá aquele negócio todo, minhas mãos era tudo calejada, sabe. Então cada vez que eu vou lá agora, pouca gente da minha época, é aquela gente que ainda hoje quando vou lá já, e eu vou lá diversas

vezes, tudo não tem dente, as mãos... tudo sabe?! Já sei que possivelmente se eu tivesse ficado lá estaria nessa mesma situação.

Meu pai mexia com agricultura, nós tínhamos animais, tínhamos bois, tínhamos cavalos, o meu pai fazia muito vinho, muito azeite, batatas, milho, trigo, centeio. Naquela época era mais escambo do que outra coisa, certo? Você trocava. Eu me lembro que eu era garoto e gostava muito de laranjas e na minha terra não se colhiam laranjas. Então tinha um sujeito que vinha com um cavalo, um burro, alguma coisa assim com umas cestas assim em cima com cheio de laranjas. E uma laranja valia tantas batatas, certo? Era assim, ele dava laranjas e eu dava batatas. Então era uma vida realmente muito difícil. As pessoas tinham coisa pra comer enfim, mas não tinha dinheiro. Dinheiro mesmo não existia.

Olha, tinha gente que nunca saiu da aldeia. Não tinha recurso lá. E você às vezes tava na aldeia e ir à outra aldeia era uma festa. Tá certo? Na igreja. Eu morava num aldeiazinha que chamava Freixinho e tinha um convento lá, tinha não, tem ainda que hoje! mas foi transformado em hotel rural. Então tinha festa em outra aldeia, Nossa Senhora da Saúde, por exemplo, então a gente ia lá a pé andava quilômetros a pé. Tudo a pé, tudo. Mas era uma alegria só, era uma festa, ir pra Senhora pra Senhora da Saúde, outras cidades. Essa era a distração que as pessoas tinham.

Não tínhamos oportunidade de estudo. Eu fiz o básico pra aprender a ler e a escrever. Fiz o primário, estudei até os 10 anos e depois não estudei mais. Estudei aqui. Aqui sim, aqui eu fiz a minha vida acadêmica, eu sou advogado, eu me formei em Direito no Mackenzie, você conhece o Mackenzie né? Então, foi lá que eu fiz a minha faculdade, fiz diversos cursos e inclusive pós-graduação. Mas lá não tinha essa oportunidade. Aqui foi mais fácil porque aqui eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. E naquele tempo não tinha carro, era tudo na base do trem e do ônibus. Então... não foi fácil, mas graças a Deus trabalhei muito aqui nessa terra.

Eu escolhi vir. Meu pai veio comigo pensando que eu mudava de opinião e voltávamos. Dois anos depois que ele percebeu que eu não voltaria e montou um salão de cabeleireiro, lá ele já fazia no fim de semana, a turma cortava o cabelo, cortava a barba no fim de semana. Dinheiro não, se pagava com centeio ou milho. Falar barbeiro é depreciativo hoje em dia, né?!,mas não tem importância. Quando ele percebeu que realmente não ia me convencer a voltar ele mandou vir a minha mãe e os meus irmãos pra cá.

Eu queria voltar para Portugal em determinado momento porque era muito doído. Eu cheguei aqui já faz um tempo, eu vim pra casa do meu tio que morava lá em Santana... e um dia a minha tia me levou no CMTC pra ver se me arrumava um emprego de cobrador de ônibus, de trem e bonde, que naquele tempo tinha bonde. Você não lembra do bonde?

Naquele tempo tinha o bonde, entrava no bonde era daqueles camarões que não tinham porta, entrava e quando o cobrador chegava perto pra cobrar, você descia e pegava o outro pra não ter que pagar, pra não ter que pagar a passagem. Tinha nos bondes um anúncio do Rhum Creosotado que era bom pros brônquios. Então o anúncio era assim “Olha ilustre passageiro o belo tipo faceiro que você tem ao seu lado. No entanto, acredite, quase morreu de bronquite, salvou-o o Rhum Creosotado”. Eu nunca esqueci esse anúncio do bonde sabe? E muitas vezes muitos namoros se iniciaram dessa forma. Era uma oportunidade para você chegar na moça. Então... mas foi difícil na minha vida, eu lavava minha roupa, eu passava a minha roupa e eu fazia a minha comida, fui trabalhar numa padaria.

Lá na minha tia fiquei uns 15, 20 dias. Depois eu vim trabalhar numa padaria que tem aí na Praça Marechal Deodoro, sabe a Praça Marechal? Eu fui trabalhar de fazer pão. Eu trabalhei na padaria Palmeiras, era duns parentes meus, mas faz muitos anos, eu fui trabalhar em nome deles e em nove meses os meus parentes venderam a padaria. E os novos donos trouxeram o sobrinho pra trabalhar lá que o nosso santo não bateu. Só que ele era sobrinho dos donos e eu não era mais, não era mais nada, os meus parentes venderam, então era simples empregado. Um dia a gente se desentendeu lá e eu dei uns cacetes lá e fomos mandados embora os dois, só que ele voltou no dia seguinte. Mas ali foi minha sorte, sabe... ter sido mandado embora, não era bem o que eu queria.

Eu ficava no balcão, entregava pão. Eu ia entregar pão na cantina do Mackenzie, já entrou no Mackenzie? Então, eu ia entregar pão na cantina do Mackenzie e olhava aquela meninada linda, que eu ficava com uma inveja, mas era uma inveja saudável, sabe, uma inveja saudável, queria muito estudar lá. Quando tive oportunidade, quando eu resolvi fazer Direito, eu fiz madureza, fiz colegial. Quando em setenta e quatro, eu como nunca tinha voltado para Portugal, porque o dinheiro não dava, resolvi ir para a Europa, já estava bem mais tranquilo.

Fiquei dois meses, visitei todos os países da Europa, aquela parte lá Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Suíça. E quando eu voltei dessa viagem já tinha feito madureza, já estava mais ou menos preparado, eu falei “vou fazer Direito”. Então me informei sobre as faculdades

que estavam com inscrições abertas. Então estava a PUC, o Mackenzie, FMU e a São Bernardo. Falei “vou me inscrever em todas quem sabe numa eu entro”. E me inscrevi em todas, só não prestei na PUC porque coincidia com o dia da São Bernardo. Então prestei na São Bernardo, na FMU e no Mackenzie. E entrei nas três. E então falei “já escolhi, quero Mackenzie”.

Naquela época eu já tava bem, tinha um escritório de representações na rua Boa Vista. Tudo com muito trabalho, muito trabalho, muito trabalho. O português sempre trabalhou muito. Então eu saía do escritório e ia pro Mackenzie ali. E foi assim a vida, estamos aí. Hoje eu sou presidente do Clube Português, eu sou vice-presidente do Conselho da comunidade, eu sou conselheiro consultivo do Consulado de Portugal em São Paulo, eu sou conselheiro da Beneficência Portuguesa de São Paulo.

Olha o Clube Português foi assim: um dia um colega de trabalho, chama-se Arthur Garrido. Ele tem setenta e tanto anos. O pai dele é meu vice-presidente do Clube português, e tem cem anos... inclusive no dia dez de junho é o dia de Portugal, de Camões e das comunidades portuguesas e a Assembleia Legislativa todo ano faz uma seção solene pra homenagear Portugal e as comunidades e ela sempre pede ao conselho da comunidade pra gente indicar algumas pessoas que a gente acha que mereçam ser homenageadas. E eu lá no conselho indiquei o nome do Arthur Garrido pai. E ele foi homenageado com diploma, o filho tava lá também, a filha, os netos tal. E ele foi homenageado com diploma lá, ficou muito emocionado, parecia uma criança sabe. Enfim, quando cheguei aqui fiquei meio perdido, quando eu trabalhava na padaria nós tínhamos um salão lá com colchões no chão e a gente dormia ali todos. A vida não era fácil não, não era fácil.

Você veja, hoje se eu quiser ir prum hotel cinco estrelas eu vou e tudo bem, mas naquele tempo era um colchãozinho no chão lá, certo? Então a gente morava lá, eu lavava a minha roupa, passava ferro, à noite a gente ficava lá a gente fazia pizza pra nós, então eu podia fazer porque era dos meus parentes e tal então tinha essa liberdade e todo mundo gostava de mim... um fazia a pizza o outro trazia a cerveja.

Português aqui sempre teve a fama de burro né?! E nós tínhamos um sócio, um amigo que, inclusive foi diretor da Beneficência Portuguesa, chamava-se Nestor Pereira e ele dizia assim “olha, a nossa sorte é eles pensarem que nós somos burros porque quando descobrirem a verdade nós estamos fudidos”. Assim mesmo, ao pé da letra. Então era assim sabe. Eu me lembro que tinha um sujeito lá até hoje não me esqueci o nome dele, chamava Laerte e

estávamos sentados na mesa pra comer e ele não perdia a oportunidade de meter o pau nos portugueses. Por pura gozação, por pura maldade, poxa tinha saudade de lá! Tinha chegado, tinha aqui ninguém praticamente. Fiquei na casa do meu tio aqueles dias, mas quando chegava um pouco atrasado ou que eu saía um pouco atrasado brigava. Então um dia eu falei assim “Laerte, se você voltar” ele falou lá umas besteiras eu falei “se você voltar a falar isso que você falou você vai engolir a minha comida, o meu prato”. “Ah você não vai fazer isso” ele disse e voltou. Peguei o prato de comida e meti na cara dele. Não almocei, mas nem ele. Depois daí nunca mais falou nada. Mas assim uma mania de falar mal de português sabe?!

Os portugueses vieram pra cá praticamente eram quase todos analfabetos, eles não tinham instrução nenhuma. Então vieram pra cá, foram trabalhar em padaria, trabalhavam que nem uns burros. Então não eram burros por falta de inteligência, eram burros porque trabalhavam que nem burros, trabalhavam pra caramba. Hoje os portugueses que vêm pra cá já são letrados. Hoje não é mais... porque a imigração hoje parou. Até estava conversando com o ex primeiro ministro sobre isso. Não há mais imigração. Hoje tem muito mais brasileiro indo pra Portugal do que português vindo pro Brasil, certo? Então virou... então tem brasileiro em Portugal que é uma coisa. Muitos estudantes em Coimbra, Lisboa.

Hoje nós vamos apresentar no Clube Português um conjunto de guitarras com fado de Coimbra. A gente tem divulgado mais dentro da comunidade portuguesa. Então hoje nós vamos ter lá os guitarristas que vieram de Portugal chegaram hoje ou ontem, vão tocar, vamos fazer um coquetel de caldo verde, alheiras, linguiça, bolinho de bacalhau tal e hoje nós temos isso. Isso mantém nossas tradições. Não é fácil manter.

Foi no Clube Português que conheci minha mulher, num baile. E eu fui lá a convite de um colega de trabalho. Eu trabalhava com o pai do Garrido, o Arthur, trabalhei um tempo com ele lá, e por isso eu fui ao Clube Português com ele, faziam uns bailes maravilhosos. Eu sou comendador, mas não faço divulgação disso porque senão eu mordo a língua, sempre falei que os comendadores são aqueles caras que não estudaram. Veja, eu vim pra cá menino e no meu tempo o governo português descobriu que eu tava aqui e resolveu me condecorar. Eu fui condecorado, eu e mais um amigo meu que você possivelmente não o conhece pessoalmente, mas conhece a casa dele. A Casa Santa Luzia. Ali é tudo português.

A Casa de Santa Luzia é de portugueses. O Jorge da Conceição Lopes, que inclusive ele me chama de presidente porque eu fui presidente do Elos Clube de São Paulo, do qual o Antônio

Ermírio de Moraes também era, o Laudo Natel, José Ermírio de Moraes, o irmão, e tantos outros portugueses daquela época. Chamava-se Elos Clube. Elos Clube é uma entidade que ainda existe hoje, mas com menos expressão do que tinha naquela época. Tem por finalidade a defesa da língua portuguesa, os costumes, as tradições, etc. Bom, mas isto pra te dizer lá eu conheci uma garota que estava lá sentada com outra e com uma senhora mais de idade, falei “deve ser a mãe de uma ou são irmãs”, mas não tinham cara de irmãs. Eu tirei ela pra dançar, que era justamente a filha da senhora que estava lá, que virou minha sogra. E me casei e nunca mais abandonei o Clube Português. Aí eu entrei sócio do Clube Português, fui diretor durante muitos anos, fui presidente do conselho deliberativo durante vinte e dois anos e hoje sou presidente há onze anos.

Meu time era a Portuguesa, hoje aquilo acabou. Não tem mais recuperação. Portuguesa não tem mais recuperação. Ela deve mais do que tem. Olha imagina você... Má administração, pessoas desonestas. Eu cheguei a ser diretor da portuguesa, quando eu percebi o que aquilo eu me demiti porque eu não coaduno com essas coisas. Então me demiti enfim tudo isso. A Portuguesa acabou. Fui conselheiro, fui diretor. Uma tristeza!

O Clube Português foi fundado por gente bem de vida, muito bem de vida, haja visto que o primeiro presidente foi o Pereira Inácio, sogro do José Ermírio, bisavô do Rubens. E ali foi que nasceu... já era gente com poder aquisitivo bom. O Clube Português era o clube dos ricos. Isso foi em 1920. Em 1935 resolveram fundar a Casa de Portugal aqui na Liberdade. Tanto no Clube Português quanto na Casa de Portugal um dos grandes expoentes foi o Severo. O Ricardo Severo, que era engenheiro, ele era sócio do... como é que chama aquela praça onde está o Teatro Municipal? Ele era o sócio do Ramos de Azevedo. Ao contrário de quem fundou a Beneficência, certo? Quem fundou isso foram três caixeiros viajantes. Naquele tempo não tinha plano de saúde, a saúde para quem ficava doente era quase inatingível o tratamento, enfim, então eles fundaram isto. E quando aquelas pessoas mais abastadas perceberam das boas intenções, isso foi 1859, quando eles perceberam as boas intenções desses rapazes foram se associando, colaborando e acabou sendo isso aqui.

Eu não tinha nada e frequentava esses lugares, pobre também ia. Olha... eu sou um cara muito... não orgulhoso, mas não submisso. Eu por exemplo um dia participei de uma assembleia no Clube Português e pra mim era uma festa, era um negócio quase inatingível. E o presidente do Clube Português que tava presidindo a assembleia, que também foi durante muitos anos diretor da Beneficência Portuguesa, o comendador Mário Francisco Antunes falou lá um

negócio que eu não concordei e pedi a palavra “pela ordem presidente” e contestei. Os caras do meu lado “o que você tá fazendo rapaz, é o comendador, o presidente, você vai contestar o homem?” eu falei “claro”. Uma semana depois ele mandou um emissário me convidar pra diretoria dele. Naquele tempo o Elos Clube de São Paulo era qualquer coisa de importante. Era um sonho ser membro do Elos Clube de São Paulo. Antônio Ermírio de Moraes, Ermírio de Moraes, Mário Francisco Antunes, os Naves, José de Melo Pimenta, que é o pai do Josué. Enfim, um monte de gente importante. E eu queria fazer parte dessas coisas. Queria crescer!

Quando falo importante não pelo fato deles serem ricos, mas tinham uma reputação bárbara assim, um negócio, não só dinheiro nessas ocasiões. Era o nome sabe?! O nome da pessoa, a história.

Eu fiquei alegre pra caramba, moleque, ia ser convidado assim pra essa gente. Bom, estamos na Vergueiro, estamos entrando e ele disse assim pra mim “Olha aqui, eu quero que seja meu afilhado no Elos”. Precisava ser convidado então passava a ter padrinho. Sofia, você já ouviu falar muito essa palavra, mas deixa eu repetir que foi o que eu senti naquele dia. Eu quase tive um orgasmo. De tão feliz que eu fiquei. Eu nem dormi naquele noite, puxa vou ser visto, sabe?! Um negócio assim importante. E depois de uns três quatro anos, um dia eu recebi um telefonema de um companheiro do Elos me convidando pra um almoço, um almoço que era num restaurante na Aclimação de um patrício lá. E eu fui. Não me disseram pra quê, mas fui lá e batemos papo, almoçamos aí o Geraldo falou “você sabe por que você está aqui hoje, por que você foi convidado pra participar desse almoço?” “não tenho ideia, talvez vocês queiram me dizer que eu não tenho condições pra pertencer ao Elos”, “não, nós fizemos uma reunião com a diretoria, e chegamos à conclusão que você deve ser o próximo presidente do Elos Clube”. Sofia foi o máximo que eu podia querer! Uma vida só como aquela, um moleque, eu era um moleque e ser convidado pra ser presidente daquele pessoal todo, pra mim foi assim. Cumpri meu mandato e fui reeleito. É o seguinte eu nunca medi as pessoas por dinheiro. Eu podia ter milhões e eu não tenho quase nada, mas eu não ia usar o dinheiro deles, não ia usar o dinheiro, então eu tratava as pessoas em igualdade de condições. Nunca baixei a cabeça, nunca. Eu nunca baixei a cabeça. Convivia com as pessoas em igualdade.

O Clube Português, e a Casa de Portugal era voltado pra comunidade, descendentes. Não só os portugueses, os filhos de portugueses, brasileiro mesmo, às vezes sem nenhuma ligação com Portugal, mas gente boa. Nós tínhamos o hábito com uma comissão de sindicância

de ver a ficha do cara, se ele merecia, se o cara foi condenado. Mas não por ser pobre. O dinheiro nunca foi baliza pra ser ou não ser membro.

Lá em Portugal a gente morava numa aldeiazinha e, mas não tínhamos percepção política. Nenhum envolvimento. Era muito ignorante, muito sem cultura, sem nada. Quando cheguei aqui sabia ler e escrever apenas

Não sabia nada de nada, lá não chegava musica, notícias essas coisas...Era mais as festividades religiosas. Eu ia à missa quase todos os dias, eu aprendi a ajudar o padre, com isso aprendi latim.

Morávamos numa casa do lado de cá e a igreja era do lado de lá, passava uma ruazinha no meio. Éramos atrasados. E ir numa outra aldeia, por exemplo, era uma alegria e ir a pé, a gente andava quilômetros e quilômetros tal então a gente ia assim andando, cantando, e aquele negócio todo.

Eu inclusive se tivesse feito a vontade de minha mãe eu teria sido padre. Ia ser um péssimo padre. Ah porque eu ia comer as freiras. Então eu ia ser um péssimo padre. Chegaram a fazer um enxoval de padre. Na família da minha mãe tinha muito padre. Padre, principalmente porque era a figura importante do local.

Este relógio foi o único relógio que meu filho me deu antes de falecer, tenho uma porção, mas esse foi ele que me deu nos dias dos pais. Sofia o que essa gente simples sofre, no hospital. Precisei ser levado para a Sant Casa, acho que nunca tinha entrado lá, aquelas filas de macas, e o pessoal com muito problema, inclusive o cara do meu lado, acabei puxando conversa com ele, ele me disse que estava lá esperando operar a perna, desde domingo, hoje é quarta! Deram a ele uma previsão de 15 dias para a operação. Já pensou isso? Eu vou tentar ajudá-lo.

Para terminar esse assunto inclusive do rapaz. Eu falei “não tô prometendo nada, mas deixa seu telefone comigo, deixa o seu nome que eu vou ver o que eu posso fazer”, o rapaz deve ter uns trinta e cinco, quarenta anos mais ou menos, eu nunca o vi, só vi ontem lá naquele estado e ele estava muito triste, estava com medo de ficar aleijado, certo, então se a gente pode fazer algo tem que fazer. Se eu puder proporcionar a ele essa condição de operar e ele esteja lá bom eu vou ficar recompensado. No dia a dia, nós não temos muita noção do que acontece, você precisa conviver pra saber. Nós temos na comunidade portuguesa a Provedoria Portuguesa São Paulo, já ouviu falar?

A Provedoria foi fundada, em 1968, se eu não estou enganado, o diretor faz um jantar pra arrecadar fundos e toda renda reverte pra Provedoria. Um dia pensei “puxa, eu também posso fazer”. Eu tenho salões, tinha lá um buffet fixo, falei com um colega português que tem buffet e começamos a fazer jantar também. Nada se cria tudo se copia né?! E tem sido uma maravilha, porque agora fizemos no dia treze de maio. Eu às vezes levo um fotografo até a provedoria pra fazer reportagem de lá para passar nos jantares, assim as pessoas sabem o que e quem elas estão ajudando. Porque às vezes fala Provedoria, mas não sabe o que é.

Não é a religião que se diz o que se deve fazer, tem que estar no seu coração, se eu posso então ajudo. No dia treze de maio é o dia de Nossa Senhora de Fátima e coincidentemente no dia doze de maio chegou a São Paulo a imagem peregrina dela para turnê pelo mundo. E eu entrei em contato com os padres da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e falei “eu queria fazer o jantar amanhã” ele disse “olha, ela vai ter um programa bastante complicada, mas até onze horas da noite eu prometo que ela está lá”. E trouxeram!. Olha, dificilmente, a não ser lá em Fátima mesmo, eu já estive lá, a gente sabe como é que é lá, mas olha, aquele pessoal todo que estava no jantar que era aproximada trezentas pessoas todas elas foram lá no altazinho, se ajoelhavam, rezavam, passavam a mão, foi um negócio assim comovente sabe. Então é dessa forma que a gente ajuda.

A Provedoria antigamente só atendia portugueses. Hoje não, hoje ela atende qualquer pessoa que precise, que realmente seja constatado que ela precisa realmente daquilo. Porque tem gente que tem posses, leva pra lá o velhinho pra cuidar dele, promete mil coisas, deixa o velhinho lá e depois não aparece. Hoje isso praticamente não acontece mais porque nós hoje temos uma comissão de sindicância que vai lá na casa da pessoa ver como é que vivem, qual a relação de uns e outros, por exemplo pai e filho. E nós atendemos pessoas que realmente precisam e sem separação.

Morei em Portugal até os dezoito anos. Vim pra cá só conhecendo a ilusão de fortuna era muito grande. Quem viesse pro Brasil era certeza que ia ficar rico e não era bem assim viu?!

Tinha português que quando ia para Portugal tinha bons tostões, punha dente de ouro, mandava fazer um terno branco, era aquela coisa. E quando ia lá na aldeia realmente do jeito que apresentava mostrava pra nós pobres mortais que ele era um cara rico, teve sucesso, veio pro Brasil ficou rico. Vizinho lá, o tio do meu pai que veio para o Brasil, lá pra Manaus, e depois um dia resolveu ir embora, foi embora. Num momento da vida resolveu “ah, vou voltar pro

Brasil” e voltou. E voltou rico para Portugal. Então perguntaram “ô seu fulano, você foi primeira vez ficou lá, não conseguiu nada agora você foi a segunda vez ficou rico” disse que a resposta dele foi mais ou menos assim “se tivesse lava jato naquela altura possivelmente eu ia... olha quem vai sério pro Brasil volta sério”. Você vê a conotação? Ele viu a coisa, falou “se eu for por esse lado eu não vou sair... não tiro o pé da lama, mas seu eu for pra esse lado eu vou ficar bem, então vou por esse lado”.

Para mim sempre importou a honra e a honestidade. E sabe que felizmente nossa comunidade, evidente que sempre vai ter uma ovelha negra porque isso tem em qualquer lugar do mundo, mas felizmente o português é uma raça que trabalha muito, dia e noite.

Quando vim estava decidido, eu tive um tio que é irmão do meu avô que morava em Luanda, em Angola, e ele tinha uma concessionária de automóveis. Isso na época da Guerra que eles lutavam pela independência porque aquilo era de Portugal, e o meu tio queria me levar pra lá, ofereceu-me inclusive uma grande oportunidade de ficar bem de vida. Mas, o medo de ser convocado pra guerra, porque eles lá os negros lutavam pela independência e Portugal lutava pela não pela não independência.

A viagem de Portugal até o Brasil foi uma grande graça, tem gente que não gosta, mas eu sim. Tenho saudades. Olha eu tinha dezoito anos, tinha um monte de moças, muitas vezes até casadas que vinham ao encontro dos seus maridos que vieram antes. E no navio fazíamos baile toda a noite e fazíamos outras coisas também... os maridos estavam aqui, foram esperá-las no porto de Santos e abraço pra cá, beijinho pra lá e elas tinham feito o diabo na viagem. Isso foi muito bom, eu tenho uma saudade, modéstia à parte eu sempre fui um cara bem apessoado, estudado.

Pouquíssimos estudaram. Eu ia entregar pão no Mackenzie, na cantina do Mackenzie e eu via aquela gente lá, aquela molecada bonita, o Mackenzie sempre foi um celeiro de gente bonita né, mulher, jovem, as moças tal. E eu dizia “puxa um dia eu gostaria de estudar aqui”. E tive sorte, ou força de vontade, seja lá o quê, que me levou a fazer Direito.

Entrei na faculdade com quarenta anos. Depois de morar com minha tia, moramos na padaria e depois numa pensão. Eu nunca fui um cara acomodado. Acho que eu te contei inclusive que eu trabalhava na padaria Palmeiras, durou nove meses. Teve aquela briga com o moleque tal, dei um soco na cara e tal, fui mandado embora e talvez ali deve ter começado um pouco a minha vida porque possivelmente se eu não tivesse sido mandado embora talvez eu

ficasse lá, trabalhasse na padaria, um dia talvez eu fosse ser sócio de uma padaria, certo? Mas não era isso que eu queria, eu queria outras coisas. Eu fui ser vendedor numa empresa de vidros, logo depois da padaria. Uma loja de vidros, de molduras, eu andava com uma pasta na mão de ônibus e eu ia nas casas que normalmente utilizavam o material que vendia. Depois não deu certo, eu comecei em outras coisas... acho que eu fiquei desempregado uns dois, três dias.

Fui fazer um teste numa casa de materiais elétricos e quando eu ia passando eu na Estação da Luz, vi lá o Pires Fontoura, falei “caramba, Pires Fontoura é a empresa do seu Arthur”, Arthur Garrido. Eu conhecia porque num determinado momento eu não achava emprego, não sabia o que fazer e como era atrevido fui ser barbeiro. Afinal, meu pai lá em Portugal, e já te contei isso porque a minha memória é boa, cortava o cabelo e a barba daquele pessoalzinho em troca de um pouco de centeio ou milho. Era o tal do escambo. E eu de vez em quando ajudava meu pai fazer e um dia eu tava sem emprego então fui numa barbearia, hoje é cabeleireiro, mas naquele tempo barbearia mesmo, lá na Rua Líbero Badaró. Eles fizeram um anúncio que precisavam de barbeiro e eu fui. Era um salão de barbeiro de alto padrão.

Naquele tempo, hoje eu não sei como é que funciona, a primeira cadeira era sempre do considerado melhor, então eu entrei e fui pra última e a medida que a pessoa, o profissional, vai mostrando serviço bom ele vai aumentando. Até que eu cheguei na primeira cadeira, nunca previ, quer dizer, a única coisa que eu fazia era ajudar o meu pai lá e consegui ser reconhecido no salão de barbeiro na rua Líbero Badaró, centro da cidade, um salão de luxo. Mas eu fiz bem porque acharam que eu fiz bem. Conheci o Arthur Garrido porque eu fazia a barba dele.

Um dia outro português chegou assim lá no salão circunspecto, já numa idade avançada e perguntou se eu estava ocupado e se podia cortar seu cabelo, “claro” respondi e pedi pra chamar a manicure Rosinha. Falei “Rosinha, Como é o nome do senhor?” “Macedo, João Macedo. Cortei o cabelo, eu comecei a perceber que ele gostava de ficar bastante tempo sentado na cadeira, ele não era aquele cara que chegava e ia embora. Ele já sentou na minha cadeira, comecei a cortar o cabelo dele, a Rosinha veio, arrumou a unha e tal. O cabelo custava quinze cruzeiros, ele me deu uma nota de cinquenta e falou “o troco é seu”. Eu fiquei abismado, ele está me dando trinta e cinco reais de gorjeta, então fiquei meio abismado. Isso era uma sexta-feira. Na sexta-feira seguinte na mesma hora o senhor Macedo está entrando no salão e eu estava ocupado e um monte desocupado, até tremi porque não queria perder essa boca.

Ele chegou e pensei “ih agora perdi os trinta e cinco reais de gorjeta né?!” E todos os colegas profissionais se levantam pra ver quem é que ele escolhe. Ele chega pra mim e fala assim, eu trabalhando, eu era o único que estava trabalhando e chega pra mim e falou assim “o senhor vai demorar muito?” eu falei “não senhor Macedo, o senhor por favor vá fazendo a unha que eu já to terminando”. Puta eu me senti o tal porque pô todo mundo se levantou, todo mundo já tinha um uma vida de profissional na área e eu nunca tinha trabalhado no ramo. Um dia ele me perguntou se estava satisfeito trabalhando na barbearia e respondi que aquilo era um quebra galho, mas seu tiver proposta melhor para uma casa comercial eu vou correndo e aí ele me convidou para trabalhar com ele.

Então ele falou “você quer vir trabalhar comigo?” eu trabalhava naquilo de barbeiro pra não ficar parado e tal ganhar algum dinheiro. E eu fui trabalhar com ele. Aquele homem calmo que ia lá no salão, falava baixinho e me dava uma boa gorjeta, trabalhando com ele era um terror! Ele entrava na empresa gritando e saía gritando. Até que um dia eu disse “olha não posso ficar aqui”. E você sabe que ele me pediu pra ir eu ir aos sábados que eu não trabalhava pra cortar o cabelo dele na casa dele e me dava cinquenta pau. Bom, aí eu ia fazer um teste na casa Ferreira na... já faz tanto tempo que ainda lembro, lá na Florêncio de Abreu e no caminho identifiquei a empresa do Seu Garrido, então subi pra fazer uma visita que era o pai do Garrido.

Fui e falei “ah vim lhe fazer uma visita Seu Arthur” e ele me perguntou como estava com o Macedo, e eu falei “ah não sei. Como patrão não dá pra trabalhar com ele” e ele me chamou para trabalhar com ele e no dia seguinte às oito horas já estava lá. Fiquei trabalhando lá oito anos. Isso abriu meus horizontes sabe? Então montei uma firma de representações.

Comecei a representar algumas empresas de fora, então a partir dali eu vivia dentro da Volkswagen, General Motors, Mercedes Benz, Rhodia, Pirelli, enfim, aquelas grandes empresas. E passei a representar também uma empresa da Noruega que tinha uma fábrica em Guararema, lâ de rocha, é lâ feita de rocha. Tem a lâ de vidro e aquela era de rocha. E aí começou a mudar minha vida sabe. Casei em sessenta e um e eu fiz uma lua de mel de uma semana na Praia Grande, terminou o dinheiro vim embora, aquela ainda era uma época difícil.

Foi um lua de mel bem pobre. Nessa época ainda tinha uma vida então mais controlada. Eu era pobre, meu sogro era muito bem de vida, mas eu não era, eu não tinha dinheiro mesmo. Fomos morar em Santo André. Minha mulher morava no Jardim América, na rua Cônego Eugênio. E eu na Vila Leopoldina com meus pais e irmãos. Nessa época já estavam aqui, dois

anos depois, já tinham vindo. Bom, aí começou a vida. Então eu disse pra ela “um dia você vai ter uma lua de mel decente”. Aí quando foi em setenta e quatro aí falei “bom, agora dá, agora vamos realizar”. Fiquei sessenta dias na Europa. Aí a vida tava mais tranquila. E aí comecei a viajar porque eu nunca tinha ido a Portugal desde que eu vim de lá. Foi na volta que prestei vestibular.

Voltar pra Portugal foi uma decepção completa porque eu tava lá acostumado com aquela vila e tal então pra mim uma ruela era uma avenida. Quando eu vim pra cá que eu vi essas avenidas assim, quando eu cheguei lá uma avenida era uma ruela, quer dizer, tudo era pequeno, pra mim foi uma decepção voltar. Mas mesmo assim cada vez que eu vou a Portugal eu não deixo de ir a minha aldeia. Ah não deixo. Eu posso não ir a Lisboa, mas volto na minha aldeia.

Quando retornei também, praticamente não tinha ninguém da minha época. Alguns que tinha, que ainda existem foram pra Lisboa. Uns vieram aqui pro Brasil. Quando eu vim era uma leva de colegas meus vieram também. Então diz “ah a gente lá se encontra, vamos fazer baile ali” porque a gente fazia baile. Conclusão: nunca mais vi deles nunca mais se viram.

Quando cheguei aqui nem sabia que existia redutos portugueses. Eu conheci o Clube Português porque nessa empresa do Garrido que eu fui trabalhar eu tinha um colega meu que conhecia o Clube Português e ele um dia me falou “Rui vou te levar ao Clube Português” falei “o que é isso?” “ah é um clube”. E ele me levou lá. Lá conheci uma garota, que também já te contei isso, começamos a flertar. Ela me convidou pra ir no próximo baile que tinha, o de São Pedro. E lá eu vi as garotas lá sentadas e uma delas eu tirei pra dançar e to dançando até hoje¹⁶.

¹⁶ Rui sofreu um grave acidente e precisou ser hospitalizado às pressas. Mesmo internado conversamos mais uma vez. Contudo, durante sua recuperação seu quadro clínico oscilou bastante, não tornando possível que o mesmo finalizasse sua narrativa até a entrega desta dissertação.

7. DIMENSÕES DA MEMÓRIA DO SER IMIGRANTE

É tempo de nos debruçarmos sobre os olhares, gestos, sonoridade da voz, pausas, falas e esquecimentos. A análise é antes de tudo atravessada pelo sensível, instaurado nos modos de ser de cada depoente.

7.1 As Raízes da emigração

Com o término da Primeira Guerra Mundial, Portugal se viu em meio a grande instabilidade financeira, aumento dos simpatizantes do movimento anarquista, forte mobilização operária e, gradativamente, crescia um clima de insurreição em solo lusitano. Em maio de 1928, houve um golpe militar que colocou fim a jovem República. Mesmo que os militares utilizassem como pretexto a restauração da estabilidade econômica e política resultante dos anos da guerra, o intuito maior de tomarem a República foi uma iniciativa dos grandes latifundiários e capitalistas que não se encontravam contentes com um sistema de governo que privilegiava a pequena e média burguesia (Lobo, 2001).

Ao longo dos anos seguintes a este fato, Antônio de Oliveira Salazar fora então Ministro das Finanças, até que em 1932, tomado por tendências conservadoras e simpatia por algumas linhas do fascismo (Cf. Rosas, 2001), foi convidado a assumir o controle do Estado, dando início ao Salazarismo. Somente após décadas no poder, em 1968, é afastado por motivos de saúde sendo substituído pelo general Marcelo Caetano, dando seguimento ao que restava do Estado Novo.

Com a ascensão de Salazar, rapidamente foi possível equilibrar as contas e estabilizar a moeda, obtendo, inclusive, um superávit no orçamento, o que favoreceu uma política de grandes investimentos em infraestrutura como estradas, portos, hidrelétricas, entre outros.

Segundo o historiador português Fernando Rosas, em seu texto “O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo” (2001), as influências de Salazar concentravam-se num característico enlace “dos valores nacionalistas de matriz

integralista e católica conservadora com influências radicais e fascizantes recebidas da Guerra Civil Espanhola e da triunfal ascensão dos fascismos e do hitlerismo na Europa” (p.1033). Sua intenção propagandista encontrava-se pautada nos princípios de uma tradição contra-revolucionária da direita conservadora e contrária aos ideais socialistas e comunistas.

Lobo (2001) destaca que o custo para todo o expansionismo advindo de uma pretensa modernização de Portugal foi alto para a população, tanto do viés fiscal, quanto do ponto de vista social, dado ao fato da educação, da saúde e dos pequenos produtores agrícolas ficarem em um plano distante nesta nova forma de governar o país. Entre 1945 a 1949, as importações excederam as exportações e estima-se que a renda dos trabalhadores rurais, maioria entre a população, caiu cerca de 30%, fazendo com que trabalhassem mais e se alimentasse menos. As propriedades familiares só conseguiam resistir com o trabalho árduo dos membros da família, mas com um retorno de subsistência medíocre.

Então resolvemos vir para o Brasil porque para ir para Angola ou Moçambique nós tínhamos que comprar para ir e para voltar, entendeu? quer dizer, tinha que ter tutu para ir e voltar se a gente não se acostumasse lá, então viemos para o Brasil (Armindo).

Lá não tinha nada, não tinha recurso, não tinha nada. Meu pai ou vinha para o Brasil ou ia para África. África, Angola e Moçambique que era as duas províncias grandes. (Armindo)

A relação do governo com a política agrícola foi sempre complexa e os fatores de expulsão do campo cresciam a cada década.

As pequenas explorações rurais que usavam métodos de cultura tradicionais tinham baixa produtividade, ficando a exportação para o mercado externo, onde os preços eram mais elevados, como monopólio dos grandes produtores, que usufruíam de maior acesso ao crédito e pagavam impostos proporcionalmente menores do que os minifundistas. Em face dessas desvantagens, a pequena propriedade persistiu à custa excessiva de toda a família, incluindo mulheres e menores, e da redução extrema do consumo até de alimentos. (Lobo, 2001, p. 227)

Eu achava que Portugal era muito pequeno pra mim. Você sabe que o poeta disse que o migrante é o filho que não coube no berço. E eu acho que eu era um deles, acho que por isso queria sair de lá. Eu não me acostumava àquela vida na terra, porque era uma vida doída, era uma vida sacrificada. As mãos da gente.... eu era garoto, mas já trabalhava na terra lá, aquele negócio todo, minhas mãos era tudo calejada, sabe. (Rui)

Meu pai mexia com agricultura, nós tínhamos animais, tínhamos bois, tínhamos cavalos, o meu pai fazia muito vinho, muito azeite, batatas, milho, trigo, centeio. Naquela época era mais escambo do que outra coisa, certo? Você trocava. Eu me lembro que eu era garoto e

gostava muito de laranjas e na minha terra não se colhiam laranjas. Então tinha um sujeito que vinha com um cavalo, um burro, alguma coisa assim, com umas cestas assim em cima com cheio de laranjas. E uma laranja valia tantas batatas, certo? Era assim, ele dava laranjas e eu dava batatas. Então era uma vida realmente muito difícil. As pessoas tinham coisa pra comer enfim, mas não tinha dinheiro. Dinheiro mesmo não existia. (Rui)

A Segunda Guerra Mundial foi bastante útil para o país. Mesmo com Salazar tendo um grande flerte com os demais governos totalitários da Europa, a postura mantida era de neutralidade e assim Portugal se beneficiava com a exportação de produtos alimentícios e matérias-primas, como o tungstênio, abastecendo o arsenal bélico dos países dos dois blocos.

Já nos anos pós-guerra houve grande pressão interna e externa para que houvesse a redemocratização do país, o que provocou forte resistência Salazarista, que, em consequência, deu mais ênfase na posse das colônias africanas e ampliou os poderes da impiedosa PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado), que havia sido criada em 1933, substituindo-a pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), fazendo com que o clima de terror aumentasse para aqueles que se opunham frente ao modelo de governança de Salazar.

Entre as décadas de 30 até por volta do meio da de 40 a população passou a ser fortemente marcada pela censura a tudo aquilo que era encarado como resistência: livros, programas televisivos, rádio, jornais, revistas ou mesmo pessoas que se posicionavam de maneira contrária ao governo. Este foi, aos poucos, lançando diretrizes, a fim de aperfeiçoar os mecanismos de censura aos diversos meios de comunicação e artísticos.

Meu pai foi avisado que meu nome estava na PIDE. A PIDE era uma polícia tipo a Gestapo. Preso político na época, primeiro que não era julgado, era preso, conforme o grau de simpatia pela oposição. Portugal tinha na época um arquipélago Cabo Verde, tinha a Ilha do Sal, essa ilha não tinha água própria, era na zona da Linha do Equador, calor insuportável, mandavam os presos para lá. Eles ficavam num local... você imagina uma pirâmide ao contrário, a base menor e a boca, isso quer dizer que o dia inteiro não tinha sombra, as pessoas ficavam torrando. Você imaginou por a cabeça dentro de um sino e bater? e por aí fora. Não cheguei a ser preso. Estava na iminência de ser preso, então eu saí de lá. (José)

Com o propósito de traçar uma definição sobre o sistema de valores, a origem e as bases sustentadoras da pretensa ideológica do Estado Novo, Fernando Rosas (2001) nos apresentou esse “homem novo” do Salazarismo.

O autor expõe todo o esforço do Estado para implantar suas verdades indiscutíveis, pautadas no que Rosas (2001) definiu como míticas ideológicas, no intento de instaurar uma

nova ordem, como uma espécie de revisão purificadora e autolegitimadora da memória histórica do povo lusitano. Dentre elas, destacam-se aqui a mítica imperial, por exemplo, justificada como uma essência orgânica da nação e do novo homem português. Portanto o ato de possuir e colonizar domínios ultramarinos e civilizar populações indígenas buscou não somente a posse de colônias, mas a concretização de um Império pluricontinental, fazendo com que tanto Salazar como Caetano não se curvasse diante dos processos de descolonização que estavam ocorrendo no pós-guerra. Dessa forma, a Guerra Colonial portuguesa, cronologicamente, pode ser considerada o conflito militar mais longo que Portugal já se viu envolvido, nos séculos recentes, e mais um testemunho da barbárie humana.

Esse posicionamento de Portugal frente às colônias africanas acabou por estimular movimentos guerrilheiros de libertação. Assim, os anos de 1961 a 1974 foram marcados por diversos embates entre as Forças Armadas Portuguesa e os grupos armados de Moçambique, Angola e Guiné, causando a deserção de cerca de 8.000 soldados lusitanos e a migração de muitos jovens portugueses para outros países, uma vez que estes não desejavam compactuar, muito menos servir a uma sanguinária luta que mutilava seus homens e não expressava mais os propósitos de todo um povo.

Meu pai já tinha estado aqui no Brasil, e havia gostado. Foi quando eu era pequena que ele veio, acho que era um época que a situação estava muito ruim lá e aí ele veio com vários amigos, vieram todos, acho que ele não se adaptou e voltou. Quando depois os meus irmãos, naquele tempo em que os rapazes iam pras colônias, Angola, Moçambique, Guiné, todas as colônias portuguesas, aí meu pai achou que meus irmãos iam ter que ir pra lá, porque todos iam, muitos ficavam doentes, aleijados, outros não voltavam, era complicado. (Violeta)

Ah, era uma vida difícil... era uma vida muito difícil como era a de todo mundo. Por isso que a turma emigrou. Eu naquela época, eu deveria ter vindo... deveria ter ido pra África, porque eu tinha um tio lá que estava em Angola, lá em Luanda... e ele tava muito bem de vida porque visitou Portugal... foi aí que eu o conheci porque eu não conhecia e ele queria me levar pra Luanda, lá em Angola. Mas depois havia aquelas guerras que antecederam a independência das colônias. E eu fiquei com medo de ir pra lá então resolvi... tinha um tio aqui, escrevi pra ele, naquele tempo precisava carta de chamada né?!, então pedi a carta de chamada. (Rui)

No dia 25 de abril de 1974, após mais de uma década de conflitos armados, o governo de Caetano é deposto por um golpe militar, com tendências esquerdistas, que iniciaram um governo de transição em Portugal rumo a um processo mais libertário.

A primeira senha para o início do movimento foi dada através da canção de intervenção¹⁷ transmitida às tropas revolucionárias às 22h55 do dia 24 de abril pelos Emissores Associados de Lisboa, com a canção “E depois do adeus”, interpretada por Paulo de Carvalho. Podendo a revolução ser cancelada caso os líderes do Movimento das Forças Armadas julgassem o momento impertinente, esta primeira música não continha teor político, diferente da segunda, último sinal, que foi emitido às 00h30 do dia 25 pela Rádio Renascença, com a canção “Grândola, vila morena” de José Afonso (Corte-Real, 1996).

E depois do adeus

Quis saber quem sou
 O que faço aqui
 Quem me abandonou
 De quem me esqueci
 Perguntei por mim
 Quis saber de nós
 Mas o mar
 Não me traz
 Tua voz.

Em silêncio, amor
 Em tristeza e fim
 Eu te sinto, em flor
 Eu te sofro, em mim
 Eu te lembro, assim
 Partir é morrer
 Como amar
 É ganhar
 E perder.

Grândola¹⁸, vila morena

Terra da fraternidade
 O povo é quem mais ordena
 Dentro de ti, ó cidade
 Dentro de ti, ó cidade
 O povo é quem mais ordena
 Terra da fraternidade
 Grândola, vila morena

Em cada esquina um amigo
 Em cada rosto igualdade
 Grândola, vila morena
 Terra da fraternidade
 Terra da fraternidade
 Grândola, vila morena
 Em cada rosto igualdade
 O povo é quem mais ordena
 À sombra duma azinheira
 Que já não sabia a idade

¹⁷ Definição dada para qualificar um dos campos da música popular portuguesa caracterizado pela utilização de poesia e música de ação, descrito também como música de protesto (Cf. Corte-Real, 1996).

¹⁸ Vila portuguesa localizada no distrito de Setúbal.

Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

Tu vieste em flor
Eu te desfolhei
Tu te deste em amor
Eu nada te dei
Em teu corpo, amor
Eu adormeci
Morri nele
E ao morrer
Renasci.

E depois do amor
E depois de nós
O dizer adeus
O ficarmos sós
Teu lugar a mais
Tua ausência em mim
Tua paz
Que perdi
Minha dor
Que aprendi.
De novo vieste em flor
Te desfolhei...
E depois do amor
E depois de nós
O adeus
O ficarmos sós.

A guerra colonial onerou cerca de 50% das despesas públicas, fazendo com que toda a vida nacional, nesses quase 13 anos, girasse em torno do conflito. Cerca de 2% da população, o equivalente a 200.000 soldados/ano, lutaram do lado português para defender a posse do país

frente às colônias africanas, número que nenhum outro país registrou em nenhuma guerra colonial. Diante desta conjuntura, não é de estranhar que Portugal, segundo observa Barreto (2002, p. 26)

exibia vários títulos que o distinguiam da maior parte dos países ocidentais europeus. O mais antigo e durável império colonial ultramarino, o único, aliás, ainda existente. A mais longa ditadura pessoal moderna. O país onde eram mais elevadas as taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil. A mais jovem população, com a mais elevada natalidade e a mais baixa esperança de vida. O menor número de médicos e de enfermeiros por habitante. O mais baixo rendimento por habitante. A menor produtividade. O menor número de alunos no ensino básico e de estudantes no ensino superior. O menor número de pessoas abrangidas pelo sistema de segurança nacional.

Com o processo de democratização da nação, houve diversas mudanças estruturais, econômicas e sociais (Cf. Barreto, 2002) e foi necessário Portugal rever uma série de situações, como: retorno dos nacionais, segurança dos portugueses que optaram por continuar nas terras africanas, interesses econômicos e financeiros no propósito de não onerar ainda mais o povo lusitano com sequelas da organização e da guerra, diversificação dos mercados tradicionais de abastecimento, como café, algodão, açúcar e petróleo (Ferreira, 2000).

Frente a este cenário e em detrimento da guerra, muitas famílias portuguesas, evitando a ida de seus filhos para o confronto, emigraram. Houve, ainda, aqueles que vieram em função das precárias condições de vida que acuados pela ausência de perspectivas desistiam do país e que com grande sofrimento se colocaram no mundo. Estima-se, pelos dados legais, que nos fins da década de 1960 e início da de 1970, a comunidade lusitana em solo brasileiro dobrou (Venâncio, 2000).

Além do mais, a descolonização promoveu o retorno de mais de meio milhão dos residentes das colônias, ficando conhecidos como os “retornados”.

7.2 Memória política

Por mais que seja frequente a concessão a nós mesmos dos méritos da origem de pensamentos e reflexões, a memória não se configura como uma memória genuína do nosso íntimo, pois ela é, por excelência, uma memória engendrada e alimentada pelos grupos de nossa convivência.

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham a nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. (Bosi, 1994, p. 407)

Assim, “o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais” (Halbwachs, 1950/2003, p. 21), podendo estas serem representadas pelas instituições formadoras básicas, como família, escola e igreja. Logo, grande parte de nossas opiniões, não dizem respeito a nós, mas a um teor de tendências externas, ideológicas ou não, que interfere na forma como produzimos juízos.

Evidente que ao buscar refletir sobre os conteúdos que nos são ofertados e realizar tentativas de ultrapassar as concepções comuns advindas do entorno suponho ser possível, em alguma medida, se desvincular das influências coletivas presentes. Inclusive, trata-se de buscar um sentido de conhecimento próprio.

Com frequência, podemos cair na acomodação de “colher os aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura” (Bosi, 2003, p. 115), na qual a estereotipia cada vez mais presente em nossa sociedade representa perigo quando submete os indivíduos ao engessamento das ideias e a uma posição de ventrílocos, carregando consigo a ilusória noção da expressão autônoma.

Com a ingenuidade de quem nunca passou por uma ditadura, questionei aos depoentes se havia sido possível acompanhar no cotidiano pessoal e familiar de cada um as questões políticas de Portugal. Esperei colher os mais ricos detalhes de uma memória política atrelada

ao regime despótico ocorrido, mas para minha surpresa obtive praticamente nulas memórias políticas, tampouco memórias históricas¹⁹.

Esse fato chamou-me atenção, pois mesmo considerando a mais tenra infância, como no caso de Antônio que emigrou aos 5 anos, o indivíduo, como já visto, é constantemente bombardeado com as conjecturas dos mais velhos, assim espanta-me que as recordações sobre conversas, comentários e explicações acerca dos motivos que causaram a emigração se estrangule apenas a uma vida difícil em terra lusitana, ainda mais se considerarmos que mudar de país com toda a família não é um episódio corriqueiro.

Aliado ao fato de relatarem que as aldeias viviam mundos à parte em relação às localidades mais urbanizadas, difícil, é a palavra predominante para justificar a vida e, como consequência, argumento principal da emigração. Mas essa dificuldade de viver vem de onde? O que acarreta essa vida custosa onde o sonho das oportunidades precisa ser encontrado fora da pátria que guarda arraigadas histórias?

A impressão que fica é que não se trata, necessariamente, da não existência de memória para com os acontecimentos políticos e para as complexidades sociais que esses depoentes estão inseridos, até porque como já disse Carlos Drummond de Andrade no seu poema “Ausência” (2015), “Por muito tempo achei que a ausência é falta/E lastimava, ignorante a falta/Hoje não a lastimo/Não há falta na ausência/A ausência é um estar em mim”. Desse modo, parece-me mais se configurar como se eles, exceto José, vivessem em suspensão, alheios ao regime autoritário implantado e às consequências que ecoaram em suas vidas.

Eu não tenho nada para falar do Salazar, vivenciei bastante a época dele, pra mim é indiferente, politicamente nunca me incomodou, sempre trabalhei para comer, sempre tive minhas coisinhas, todo mundo era contra, politicamente eu não entendo, não sei como era a coisa. (Felisbela)

Como visto, para Felisbela, Salazar era uma figura afastada, por conseguinte todos os seus feitos também, até porque como falar de política com tamanha carência de afeto? Assim também o foi para Violeta, esta nota a presença mais próxima de Salazar quando há a

¹⁹ Ressalto que quando me atento a memória histórica, refiro à concepção trazida por Halbwachs (1950/2003) à medida que coloca a memória história como complemento da memória autobiográfica e vice-versa. A primeira representada por acontecimentos, por uma cronologia de tempos marcados, por uma história oficial regida pelo calendário, não necessariamente vivida, mas, ao menos, aprendida e a segunda, embora autobiográfica, também coletiva em sua essência e carregada do individual e amparada pelos elementos do entorno.

possibilidade de seus irmãos se aleijarem em nome dele, mas também não estabelece grandes relações sobre o sofrimento enfrentado por ela quando emigrou ao fato do governante travar embates sangrentos com as colônias. Com um sorriso de graça, lembra a frase de sua meninice: *Produzir e poupar, manda Salazar!*

Já para Antônio, mesmo retornando aos 18 anos para Portugal, em 1944, o Salazarismo foi um período nulo. Neste momento, a preocupação que a Segunda Guerra trazia no seio das famílias europeias se sobressaía. Rui, por sua vez, pontua a vida custosa dele e de todos, sem a oportunidade do estudo grande parte era analfabeta e relata que não tinham percepção política. Para Armindo, há ainda um pequeno recordar de que alguma coisa política ocorria por lá, mas não se lembra ao certo se era sobre o comando de Salazar ou de Caetano e refere que sua família sempre foi contra a política, são apolíticos, até hoje ele não dá importância. Mas enfatiza:

Portugal, graças ao Salazar, vamos dizer, se manteve por causa do Salazar, porque Portugal é um país, vamos supor, assim... (começa desenhar um mapa) Vamos supor que aqui é a Espanha, que ocupa todo esse pedaço de terra. Entendeu? E Portugal não tem recurso, Portugal é nem isso aqui, é menor ainda (desenha Portugal menor ainda). Então Portugal não tem recurso. Agora (Armindo chora copiosamente), Portugal hoje, é graças ao estudo, Portugal não é o Brasil não, é uma faixa de terra, não tem agricultura, não tem barcos pesqueiros igual os japoneses, eles tem barcos, mas tal coisa é bem pequeno. Como vou falar bem de Portugal se lá não tem nada, foi meu pai que veio, não fui eu, eu acompanhei meu pai. Meu pai teve a percepção de vir e me trouxe porque meu pai tinha visão de tudo, sabia que Portugal não tinha nada e Portugal hoje (se acalma novamente) está um pouquinho mais adiantado graças ao estudo que a turma estuda.

Portugal, na fala de Armindo, parece se corporificar na figura de um humano que com seus defeitos, ausência de recursos e pequenez impossibilita aqueles que o amam de permanecer. Ele nos passa a impressão de um Salazar guerreiro por assumir o país, mas as insuficiências da terra são tantas, segundo ele, que nem o mais imponente homem consegue recuperá-la. Assim, só resta deixá-la.

Nota-se uma constante naturalização de não incumbir o Estado pelas agruras de um povo, cada vez mais o mesmo se encarrega de produzir a ilusão de que a responsabilidade da pobreza é individual: se você é pobre, a culpa é sua. Dessa forma, o difícil aparece como um acaso da vida, como um fardo pessoal que cada um precisa carregar e, se der sorte, sobreviver. Não há presente na fala dos depoentes uma demonstração de argumentação e consciência que justifique o difícil como carência de direitos, oriunda, como se sabe, da produção e relação de poder que marginaliza e exclui uma boa parte da população.

É nesse aspecto que as contribuições de Hannah Arendt, filósofa alemã, podem ser válidas. A autora funda seu pensamento pautada nos episódios reais que vão acontecendo no século XX e que passam pelos movimentos ideológicos totalitários, em especial com o avanço dos regimes Nazista e Fascista.

Arendt (2012), em “As Origens do Totalitarismo”, apresenta uma ideia interessante sobre o papel das pessoas que vivem de maneira vulnerável e, como consequência, distantes das questões políticas e das reflexões sociais que atravessam suas vidas. Para essas pessoas há um desejo forte de fugirem da realidade,

porque privadas de um lugar no mundo, já não podem suportar os aspectos acidentais e incompreensíveis dessa situação, também é verdade que a sua ânsia pela ficção tem algo a ver com aquelas faculdades do espírito humano cuja coerência estrutural transcende a mera ocorrência. Fugindo à realidade, as massas pronunciam um veredicto contra o mundo no qual são forçadas a viver e onde não podem existir, uma vez que o acaso é o senhor supremo deste mundo e os seres humanos necessitam transformar constantemente as condições de caos e do acidente num padrão humano de relativa coerência. (p. 486)

Assim, o domínio praticado através das propagandas que agregam uma aparente normalidade sobre o modo de vida, por vezes, caótico, faz com que os indivíduos sejam inseridos em um meio de coerências dissimuladas. Atrelado a isso, com o fato das inexistentes informações que chegavam as aldeias, causa e/ou consequência de uma política ditatorial, não é de se estranhar em nossos depoentes a escassez quase total de recursos memorialísticos críticos sobre o momento político que Portugal passou e que eles, mesmos que de maneira passiva, participaram.

No livro supracitado, a autora destaca a onda antidemocrática e pró-ditatorial que surgiu na Europa após a Primeira Guerra Mundial, realiza uma diferenciação cuidadosa sobre movimento e regime totalitário, ressaltando que apenas os movimentos nazistas e bolchevistas consolidaram-se como legítimos regimes totalitários. Nesta lógica, para ela, nem mesmo Mussolini conseguiu estabelecer um Estado totalmente totalizante, aproximando-se mais de uma ditadura unipartidária.

Em alguns países menores da Europa, como Romênia, Polônia, Hungria, Espanha, Letônia e o próprio Portugal, o que se vê antes da Segunda Guerra são movimentos totalitários que precederam ditaduras não totalitárias. Isso ocorria, segundo a autora, muito mais por uma deficiência de material humano dentro da fronteira, pois “sem muita possibilidade de conquistar

territórios, os ditadores desses pequenos países eram obrigados à moderação, sem a qual corriam o risco de perder os poucos súditos que dispunham” (Arendt, 2012, p. 437).

Logo, a parcimônia nos métodos de controle dava-se muito mais por um receio de despovoamento populacional do que necessariamente com a probabilidade de uma revolta popular. Afinal, para passar de movimento totalitário à solidez de um governo totalitário viável era necessário um contingente significativo de pessoas formadoras da massa para sacrificar e, ainda assim, manter uma força numérica com capacidade de manter o regime.

O fato do terror ditatorial diferir do terror totalitário, pensando que o primeiro intimida e agride seus adversários, enquanto o segundo provoca ameaças diretas em todas as frentes da população, como foi possível de ver com as propagandas nazistas, não impediu Portugal de disseminar o temor e aumentar a vulnerabilidade de seu povo através do gozo que possuía com um modelo de governo pautado na doutrinação através da propaganda política, na limitação da liberdade e na violência como forma de punir quem do governo discordasse. Aspectos que por muitas vezes se apresentaram como desmedidos e encobertos com a falácia de estabilidade e progresso (Arendt, 2012).

A obediência, afirma Simone Weil (2001), é uma das necessidades vitais da alma humana, mas que esta jamais pode vir em forma de pavor, punições ou como barganha, pois já passaríamos à condição da servidão. Acrescenta que caso uma hierarquia não seja direcionada para um sentido único e benéfico para todos corre-se grande risco de que uma coletividade caia em mãos doentes. Afinal, de que vale uma coletividade que não fornece contento para seus membros?

No propósito de recriar um novo modelo de homem a ser seguido, Salazar, segundo Fernando Rosas (2001), disseminou, além do mito imperialista já exposto, o mito do novo nacionalismo, da ruralidade, da pobreza honrada, da ordem corporativa e o da essência católica da identidade nacional. Toda essa fundamentação foi construída na incumbência de tornar esse “novo homem” um humano renovado, com suas virtudes características da raça portuguesa, ligado fielmente a terra e com uma vida regada da dedicação ao trabalho.

Próximo dos regimes fascistas, esse formato buscou elaborar e executar um projeto totalizante de reeducação do espírito, ou seja, da criação de uma nova forma do ser português ou portuguesa, recuperados pelo ideário nacional e conservador. Com isso, o momento do

Estado Novo assentou na tentativa de difundir essa noção, que implicava no resgate da alma e das raízes portuguesas

sem os vícios do liberalismo, do racionalismo ou da contaminação marxista, esse ser reintegrado, por acção tutelar condutora do Estado, no verdadeiro espírito da nação, haveria de ser temente a Deus, respeitador da ordem estabelecida e das hierarquias sociais e política como decorrência do organicismo natural e imutável das sociedades, pronto a servir a pátria e o império, cumpridor dos seus deveres na família e no trabalho, destituído de ambições doentias e antinaturais e satisfeito com a sua honrada modéstia. (Rosas, 2001, p. 1037)

Almejar mais do que se possuía fazia dos portugueses homens ambiciosos, ou seja, portugueses distante de suas raízes, visto que podiam ser acusados de não aceitar a honrada modéstia em ser simples, mesmo que o simples significasse a pouca comida sobre a mesa. Dessa forma e como consequência dessa premissa impositiva, grande parte de sua população se viu inserida numa violência social resultando em miséria e em migrações.

Entretanto, podemos notar na fala de nossos depoentes certo encantamento com aqueles portugueses que prosperaram. Demonstraram uma significativa honra, observada em quase todos, de terem, em algum momento, encontrado ou convivido com esses portugueses, que ganharam mais do que dinheiro, ganharam prestígio da comunidade lusitana no Brasil.

Vemos em Weil (2001, p. 23) a honra estabelecendo

relação com um ser humano considerado, não simplesmente como tal, mas em seu meio social. Essa necessidade é plenamente satisfeita, se cada uma das coletividades das quais um ser humano é membro lhe oferecer uma participação em uma tradição de grandeza encerrada em seu passado e publicamente reconhecida fora.

Na história narrada por Rui, ele deixa claro que o fascínio que sentia em participar das assembleias, em estar presente no mesmo lugar e com o mesmo poder de palavra dos homens que as presidiam, caracterizava um momento de satisfação em ter uma posição de notoriedade e igualdade com os demais. Não se tratava de dinheiro, quem era mais ou menos rico, ou por caprichos, por exemplo, mas era viver o reverso da invisibilidade que permeou sua vida em Portugal, assim era sentir-se reconhecido.

Era o nome sabe?! O nome da pessoa, a história. (Rui)

Rui não queria ser mais um agricultor invisível de vida sofrida, ao contrário, ele saiu de Portugal, sabendo que queria mais, queria crescer e assim o fez.

O nome! Aquilo que nos marca já no nascimento, aquilo que se perpetua com nossa história e transcende a própria morte. Na maioria das vezes destacam-se mais aqueles nomes que nada tinham e depois tudo conquistaram. José, por exemplo, fez questão de sublinhar o surgimento da Votorantim como responsabilidade do trabalho árduo de Pereira Inácio. Violeta, por sua vez, comenta do contato que teve com Valentin Diniz e sua família, frisando que no início ele próprio entregava pão com cavalo, de porta em porta e que, posteriormente, quando já havia prosperado, sua esposa se afligia por conta de tantas etiquetas.

O que dizer, então, do projeto educacional de Salazar? Para ele, as competências suficientes para preparar os jovens para a vida futura concentravam-se exclusivamente na capacidade de ler, escrever e contar, utilizando-se do argumento de combater o analfabetismo vigente. Há ainda um olhar prejudicial na pluralidade das disciplinas tão importantes para o enriquecimento da vida reflexiva, desse modo a formação das massas visava uma educação voltada para os aspectos morais e espirituais, sobretudo sobre os novos valores da identidade nacional, protegendo o povo dos perigos e das inconveniências que poderia desvirtuá-los da nova ideologia (Rosas, 2001).

Portanto, a resignação e o entregar-se por completo a família e a terra eram qualidades altamente estimadas, pois nesse movimento de modéstia e docilidade, menor seriam os recursos de rebater as políticas do regime, mantendo assim um clima de conformação e até mesmo de débito para com o Estado. Contudo, não sendo possível limitar o ensino a uma “burguesia bem comportada”, ao passo que ocorreu a redução do ensino no tempo e nos currículos, ampliou-se a atitude doutrinadora católica, realizando, por conseguinte, uma parceria entre educação e igreja.

Na concepção de Weil (1996, 2001), à medida que os homens passaram a ser submetidos ao poder da sociedade que eles mesmos formaram e formam em conjunto com seus semelhantes, inaugurou-se um período de embate do homem contra outros homens, em um movimento ora de submissão ora de tentativas de poder, processo que ocasiona o que ela denominou de opressão.

Para a autora (1996, 2001), em alguma medida, a sujeição a uma figura de autoridade é importante, mas pode rapidamente tornar-se nociva quando gera uma extrema obediência e uma

cisão entre pensamento e mundo. Nesse contexto, o Estado possui papel crucial quando é capaz de exercer influência em todos os domínios, mantendo o controle de privilégios, enaltecendo a dicotomia formada entre pensamento e ação, inviabilizando o resgate da capacidade de pensar, até porque o tempo e estudo são roubados do trabalhador. Com isso, infelizmente, o pensamento também tem sido reduzido a um papel subalterno.

Deste modo, a memória enquanto construção social abrange dimensões individuais e coletivas, sendo a memória individual um ponto de vista consolidado a partir da memória coletiva difundida pelos grupos que nos rodeiam. Similarmente é a memória política. Esta também é resultante de uma visão de mundo própria de quem nos influencia e, em consequência, proporcional aos papéis que estes membros próximos desempenham em sociedade: profissão exercida, grupos de inserção e classe social.

Com isso, a produção de memória não se faz por meio de uma percepção ontológica da realidade, mas em grande parte por uma assimilação da ideologia dominante, por meio dos mecanismos de controle do Estado. Isso nos auxilia a compreender porque, por vezes, muitos indivíduos parecem estar alheios aos acontecimentos ao seu redor, ora reproduzindo e compartilhando das mesmas perspectivas das camadas influentes da sociedade, ora se excluindo do contato com qualquer movimento que desperte uma visão contestadora sobre os fatos.

Portanto, o que observamos é que o distanciamento do pensamento crítico, a naturalização do não acesso aos direitos básicos e o trabalho como foco único na garantia da sobrevivência isolam o indivíduo, não o isentando da companhia de outros, mas colocando-o numa posição de prostração, uma espécie de inatividade subjetiva.

Sou um menino bem mandado, já dizia Armindo.

7.3 Sofrimento social migratório

Quando abordamos o aspecto do sofrimento para fazer referência ao processo migratório, caracterizado por uma ação coletiva na qual estão presentes diversas variáveis, foi por considerarmos e ter indicação na fala de nossos depoentes que escolher partir implica em

se distanciar de praticamente tudo o que até então vinha sendo construído. Decerto, não podemos desconsiderar que isso acarreta um custo emocional que é necessário ser observado.

Mesmo levando em consideração a familiaridade já exposta que une Portugal e Brasil e que, mediante a isso, a transição entre o lugar de partida e de chegada pode ser considerada menos impactante, é preciso considerar que se trata de um processo entremeado por conflitos, podendo estes serem causa e/ou consequência do sofrimento social e de outros tormentos.

Há sofrimentos da alma oriundos de eventos sociais tão profundos que encontram nos esquecimentos, nas patologias e na própria morte a única forma de libertação. Aqui, recordo do pedido de clemência das mulheres de Aleppo, que estão encontrando no suicídio a saída para cessarem com as violências e violações, alegando não temer o inferno, porque já ardem nele e nada que virá após a morte poderá ser pior do que estão vivendo em vida.

Portanto, trabalharemos aqui com o sofrimento acrescido do adjetivo social, por acreditar que este sofrimento resulte de uma opressão estabelecida na própria estrutura social que abraçou a vida desses portugueses, no caso desta dissertação, e dos grupos aos quais fizeram e fazem parte. Englobando a influência direta dos poderes políticos e econômicos que detém meios suficientes de controle sobre a vida daqueles que encontram-se subordinados a eles.

O que dizer do choro copioso de Armindo? Mesmo passado mais de meio século, ainda sente como se Portugal o tivesse expulsado, como se a pátria tivesse traído um filho teu, como se Armindo fosse um intruso em sua própria terra. Interessante observar como isso influenciou sua relação com tudo o que se refere a Portugal depois da partida e ao longo de sua vida no Brasil. Na ausência de palavras, foi tomado por uma dor que parece doer no corpo, extravasada por um choro soluçante e uma história rememorada com grandes hiatos.

Com as dicotomias lançadas entre o antigo e o moderno em conjunto com as transformações no contexto trágico de guerras, o filósofo alemão Walter Benjamin, em seu ensaio “O Narrador” (1936/2012), buscou discorrer sobre o período de transição em voga e as consequências do mesmo na sociedade. Dito isso, não podemos negligenciar quando o autor, em certo momento do ensaio, nos fornece um dado importante ao mencionar que com o fim da guerra os soldados “voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (p. 214).

A partir desta percepção de Benjamin, podemos pensar no silêncio como resultante de alguma circunstância perturbadora, que, por sua vez, pode invocar, nas pessoas, sentimentos conflituosos. Tal situação acaba por tornar o silêncio um modo de preservação e resistência frente às aflições de quem não consegue lidar com as consequências das difíceis rupturas e por isso se cala ou é tomado por um empobrecimento psíquico.

Muitas são as maneiras de compreender esse empobrecimento psíquico mencionado. Para Weil (2001), é primordial que todo indivíduo possa usufruir de um equilíbrio entre as necessidades de ordem física que abrange moradia, calor e recursos de saúde e as necessidades de ordem moral, como liberdade, honra e segurança. De toda forma, há um consenso que há males que atingem diretamente as pessoas, sem que necessariamente encontrem o corpo como alvo. Assim, um indivíduo que é desprovido dessas necessidades, seja do corpo ou da alma, como gosta de referenciar a filósofa, cai pouco a pouco, como uma aproximação gradativa a caminho da morte, em uma vida, nos casos extremos, puramente vegetativa.

Conforme Armindo vai nos contando sobre sua vida, vamos percebendo mais conteúdos nos intervalos mudos de sua história, quando não nas manifestações corporais, do que propriamente em sua fala.

Na análise das funções do dizível e do indizível, Michael Pollak (1989), inspirado pelo estudo do psiquiatra francês Claude Olievenstein (1933-2008) sobre os aspectos não-ditos das emoções, marca que todos temos nossos lugares sombrios, grifados por um silêncio mortífero, mas que todos esses conteúdos podem vir à tona.

As fronteiras desses silêncios e não-ditos com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta. (Pollak, 1989, p. 8)

É justamente por não ser ouvido que Armindo revive novamente uma situação de abandono relacionada à pátria de origem, quando já reside no Brasil. Mais uma vez renegado a não pertencer, decide uma vez por todas abandonar esse laço e com um tom de voz ríspido, carregado de amargura e olhos marejados relata:

Quando comprei o título da Portuguesa, todo domingo ia lá cortar o cabelo, fazer a barba, sei lá, saía da Avenida Pompéia e ia até lá, até tinha lugar mais perto, mas me acostumei lá, para ajudar ia lá. Um dia cheguei lá e tinha uns barricanas, aquelas lutas livre, queria ver

e não me deixaram, aí falei que a pessoa podia conferir na secretaria porque eu era sócio, falaram que não podia entrar, depois disso nunca mais entrei lá. Fiquei magoado, já que não me deixaram entrar, então nunca mais fui lá, no barbeiro e na portuguesa, nunca fui muito chegado em esportes. Não fui reclamar, deixei pra lá, depois soube que o barbeiro faleceu, mas também não ia mais lá.

Seguindo um movimento interpretativo, partimos de uma percepção. Porém, o relato de Armindo, bem como a maneira como constrói sua narrativa e encadeia os fatos indica-nos caminhos de que parece ter existido grande dificuldade de lidar com o partir de Portugal e com o tornar-se estrangeiro. Tomado pelo sentimento de ser intruso, sente o apelido de *portuga* como um palavrão, tratamento que, para ele, demonstrava desprezo dos outros em relação a sua identidade.

Nunca pôde voltar a Portugal, mas manteve o sotaque preservado, resguardando para si, por meio da fala, uma identidade que não mais podia se respaldar na comunidade. Assim, o pesar de conviver com as lembranças de medo, insegurança e exclusão, que rodearam essa perda de lugar atrelado a necessidade de vencer os imperativos que a realidade nos coloca quando assumimos responsabilidades ou consolidamos uma família parece que apagou de Armindo a vivacidade de quem ganhava a vida a braçadas na piscina do vizinho. Sobra nele a ternura de quem se sente grato por ter sido ouvido frente ao que conseguiu rememorar.

De maneira simplista, Pollak (1992) vai considerar a identidade como a imagem que temos de nós, para nós e para os outros, ou seja, a imagem que vamos construindo aos nossos olhos e que também vai sendo percebida pelos demais. Para o autor, a memória é um elemento fundante da identidade, “tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (1992, p. 5), mas também reveladora com seu trabalho de organização, ora recalcado, silenciado, ora lembrado, contado. Um constante trabalho.

Já na obra de Simone Weil (1996, 2001), a identidade acaba não adquirindo um valor crucial, não por ser menos importante para a autora, mas por considerar que pouco se desfruta da identidade se o indivíduo não estiver enraizado numa coletividade que agrega valores e que permite o trânsito de pensamentos e ações, detentoras de propósito. Afinal, somente pela construção de um vínculo com o passado e sua consequente projeção para o futuro que se extrai a força da construção de uma identidade (Bosi, 2003).

Assim, possuir uma identidade, mas estar desenraizado, não viabilizaria sentido à interação com o entorno, tal como não enriqueceria as práticas comunitárias que fortalecem raízes e ancoram relações. Ao contrário, a consolidação de pontes, responsáveis por propagar uma atmosfera de amparo que, por sua vez, poderia produzir transformações atemporais em si e no outro, ficam impossibilitadas.

Será que se Armindo tivesse um elo de maior interação com a comunidade portuguesa se ofenderia tão profundamente por ter sua identidade de intruso exposta ao ser chamado de *portuga*? Será que esse sentimento de ser a exceção permaneceria se pudesse compartilhar esse lugar comum com outros e assim fazer parte?

A condição de enraizar-se ultrapassa a noção de identidade por considerar que a primeira só se consolidará mediante ao acesso do indivíduo às necessidades vitais citadas por Weil. De que vale uma árvore parecer vistosa se suas raízes encontram-se corroídas? Cai ao primeiro vento. Sem a presença dessas premissas sustentadoras, conseqüentemente enraizadoras, o indivíduo fica submetido às fragilidades decorrentes de movimentos opressores e a identidade passa a ser constantemente bombardeada pelas intempéries do meio societário.

Os incômodos sociais derivam da violência que limita o cotidiano das pessoas, colocando-as em situações de necessidades, privação da dignidade, de perspectivas futuras e humilhações. Desse modo, se vêm imersos nas contradições de negociarem sua própria existência e modificando seu modo de ser.

Que vida Feslisbela nos conta! Quanta doçura ainda é capaz de guardar dentro dela e ofertar aos outros! Após responsabilizar-se por tanta gente desconhecida ao longo da vida, que dor imensa a invade por não poder cuidar do único membro restante de sua família. Justo ela que sempre fora tão apegada à família, mesmo quando a agressividade no trato não dava espaço para um acalento na ainda menina Felisbela.

De qualquer maneira, é isso que quero explicar, eu sempre fui mal-tratada pela minha família, mas eu sempre tenho aquela coisa de não perdê-los, não perder minha família.

A pequena irmã nunca saiu de seu radar, dividiram juntas a alegria tranquila da figura da mãe por perto, enfrentaram caminhos tortuosos com a perda dos pais e que triste foi para nossa depoente perder a irmã poucos meses depois de dividir comigo sua história. Era o único elo restante que a ligava à família e ao seu tão amado Portugal.

Felisbela nunca conseguiu responder por que deixou o emprego que a acolheu e por qual motivo decidiu vir para o Brasil. Será que vislumbrava no Brasil a oportunidade de construir um espaço que foi tirado dela ainda criança? Seria a possibilidade de deixar as lembranças penosas e se abrir para o sonho de construir uma família ao lado do noivo, em uma terra aonde as promessas de prosperidade vinham se consolidando? Quem sabe um dia ela descubra e nos conte.

Porque que aceitei vir para o Brasil? Isso é um ponto que sempre reclamo, tenho um conflito muito grande com isso, porque realmente estava bem empregada, estudando, sozinha, tinha namorado, tava... se o meu namorado tivesse dado para trás eu não tinha vindo, só que ele disse que queria vir por causa do Salazar, os rapazes queriam muito sair de lá pra não ir pra guerra, aí eu vim, tive primeiro a oportunidade e ele ainda precisava fazer o exército, mas ele não cumpriu com a palavra dele. Ele foi filha da mãe pra não dizer outra coisa, coitado, já morreu, ano passado.

Tudo foi muito doloroso de deixar em Portugal, depois que ele terminou o namoro foi tudo, até hoje!

Mais angustiante parece ter sido o embate interno travado por ela ao ter se arrependido drasticamente de ter emigrado em 1958. Em contrapartida, após visitar Portugal em 1966 e não querendo retornar ao Brasil, decide voltar, como se optar permanecer em sua terra de origem fosse um segundo ato de emigrar.

Se voltar para Portugal agora, vou ter que arrancar tudo de novo da minha casinha.

E nessa contradição ela vive até hoje. Sem nunca ter tido um lar após a morte dos pais parece também impossibilitada de ter uma morada. Afinal

Vim para cá aos 23 anos, eu sempre me lembro daquela gente toda lá, se despedindo, com família e eu não tinha ninguém, nem na minha espera, nem em nada.

A que terra Felisbela pertence? Sobra a ela se agarrar com suas *coisinhas* e a certeza de que quando morrer tudo vai para o lixo, encerrando uma história que só vai se perpetuar na memória de quem pode tê-la em suas lembranças.

Não é possível ignorar os dissabores que a emigração causa mesmo para aqueles que tiveram a possibilidade de viver uma vida com menos percalços. Vide o caso de Violeta que provém de uma família abastada, com uma formação tradicional e detentora de posses.

Por ser mulher em uma época onde mulheres não podiam exercer qualquer profissão, Violeta encontrou no magistério toda a liberdade que podia ter. Foi por assumir uma profissão que pode desabrochar. Apaixonada por ser útil, foi conquistando um novo momento de vida, relações mais maduras e um modo de ser particular, mais autêntico.

Não queria vir de jeito nenhum, porque tinha minha vida lá, mas tive que deixar... acho que o mais complicado foi pra mim, porque eu tinha um emprego público, pedi demissão, pedi exoneração e fui embora.

Eu não queria vir, porque já estava arrumada, acostumada, mas aí não iam me deixar ficar lá, aí tive que vir. Filha mulher, a única mulher, eles não iam deixar. Foi muito difícil, muito sofrimento, porque é uma idade... eu tinha 21 anos, vim fazer 22 aqui, é uma idade muito ruim, porque é uma idade que tem jovens iguais a gente, que brinca junto, que fazem tudo junto, amizades, namoradinhos, essas coisas todas.

Com a decisão tomada por seus pais de deixar Portugal em benefício dos filhos homens, Violeta precisou abandonar o que tinha obtido de mais especial: sua independência. De acordo com seu relato, foi tomada por uma grande apatia, quando, no Brasil, viu-se o tempo todo destinada apenas a atividades como bordados e arrumações. Que agonia sentia!

Acho que o mais complicado foi pra mim, porque eu tinha um emprego público, pedi demissão, pedi exoneração e fui embora. Fiquei cinco anos sem trabalhar.

Impossibilitada da única atividade profissional que sabia desempenhar com esmero, conseguiu encontrar esperança na presença de sua mãe e com um segredo bem guardado pelas duas: Violeta passou a cursar datilografia. Destituída de ensinar, impedida, por seu pai, de trabalhar em locais que não fossem da comunidade portuguesa, aproveitou rapidamente a chance que surgiu na Casa de Portugal. Assim, a jovem pode ser resgatada das prendas domésticas e consolidar uma ocupação no mercado de trabalho formal e um mundo novo se abria a ela pela janela do bonde.

É fato, se retornarmos aos depoimentos, que a forma como cada um dos narradores assimilou a experiência da viagem de navio, entre Portugal e Brasil, também nos fornece indicativos, mediante seus pontos de vista, do grau de infelicidade que, mesmo em alto-mar, já estavam vivendo ao enfrentarem o ato de emigrar.

A própria Violeta rememora uma viagem horrível! Sob sua perspectiva, acompanhamos uma travessia extremamente penosa em vários aspectos. Mesmo o navio sendo muito grande, não evitava que os passageiros sofressem de enjôos pela bravura do mar, ou ainda, a origem

italiana da embarcação fazia com que a tripulação fornecesse uma alimentação baseada em macarronadas com molho de tomate, justamente o que Violeta não se dava bem. Que sacrifício relata! Sorte que seu pai não se esqueceu de levar a típica comida portuguesa: bacalhau e azeitonas!

A odisséia da viagem de José, por exemplo, nos proporciona um reflexo de sua fala, quando menciona que não pretendia voltar a morar em Portugal. Isso, muito provavelmente, em virtude da consciência que nos apresenta quando enxerga que a mudança de Portugal para o Brasil, acompanhado de toda a família, representou a ele um esteio, que em consonância, teve o poder de neutralizar as dores da imigração.

O que nos chama é a família, claro que voltei lá. Tudo que diz alguma coisa que seja de Portugal me interessa, apesar dos anos.

Para mim não foi muito traumatizante... se a minha família tivesse ficado lá, aí era mais traumático. Tanto é que acabei indo à Portugal muitos anos depois, demorou bastante para retornar.

Assim, com esse suporte familiar, em meio ao caos político, foi capaz de experimentar essa transição e os contratempos com certo ar de aventura, de desbravador.

Bem como Rui. Este certo de que não conseguiria encontrar uma vida em Portugal que fosse ao encontro de suas pretensões: ter mais acesso ao estudo e com isso, viver com mais conforto, decidiu por conta própria vir para o Brasil.

Eu escolhi vir. Meu pai veio comigo pensando que eu mudava de opinião e voltávamos. Dois anos depois que ele percebeu que eu não voltaria e montou um salão de cabeleireiro, lá ele já fazia no fim de semana, a turma cortava o cabelo, cortava a barba no fim de semana. Dinheiro não, se pagava com centeio ou milho. Falar barbeiro é depreciativo hoje em dia, né?! Mas, não tem importância. Quando ele percebeu que realmente não ia me convencer a voltar ele mandou vir a minha mãe e os meus irmãos pra cá.

Logo, vemos uma viagem de navio em uma perspectiva de euforia e novas experiências, do jovem Rui.

A viagem de Portugal até o Brasil foi uma grande graça, tem gente que não gosta, mas eu sim, tenho saudades. Olha, eu tinha dezoito anos, tinha um monte de moças, muitas vezes até casadas que vinham ao encontro dos seus maridos que vieram antes. E no navio fazíamos baile toda a noite e fazíamos outras coisas também... os maridos estavam aqui, foram esperá-las no porto de Santos e abraço pra cá, beijinho pra lá e elas tinham feito o diabo na viagem. Isso foi muito bom, eu tenho uma saudade...

Entretanto, tal certeza não o isentou de ser ferido com a distância de sua terra, com as saudades dos demais familiares que lá havia deixado e com o preconceito direcionado ao cidadão português em terras brasileiras.

Eu queria voltar para Portugal em determinado momento porque era muito doído.

Eu me lembro que tinha um sujeito lá, até hoje não me esqueci o nome dele, chamava Laerte e estávamos sentados na mesa pra comer e ele não perdia a oportunidade de meter o pau nos portugueses. Por pura gozação, por pura maldade. Poxa tinha saudade de lá! tinha chegado, tinha aqui ninguém praticamente... um dia eu falei assim “Laerte, se você voltar” ele falou lá umas besteiras eu falei “se você voltar a falar isso que você falou você vai engolir a minha comida, o meu prato”. “Ah você não vai fazer isso” ele disse e voltou. Peguei o prato de comida e meti na cara dele. Não almocei, mas nem ele. Depois daí nunca mais falou nada. Mas assim uma mania de falar mal de português sabe?!

Vemos que os impedimentos que nossos depoentes viveram aqui no Brasil revelam um lado da imigração bastante penoso. Por mais que os mesmos tenham, de certa forma, optado por deixar sua terra natal, e estabelecer residência em solo brasileiro, não ficaram isentos de viver situações que os marcaram negativamente. O trecho de Violeta retrata bem a sensação de desalojamento vivido,

se você for pra outra cidade, por exemplo, você chega lá e se acha estranha, que aquele lá não é o seu lugar, que não tem direito a isso ou aquilo, a pessoa sente. Quando vim de Portugal, talvez porque vim no melhor da minha juventude, talvez isso acontecesse mais comigo, porque eu tinha a impressão que qualquer pessoa podia chegar em mim e me mandar sair daquele lugar porque aquele lugar era dela. Quando cheguei aqui era assim, eu sentia isso, e isso não é bom, mas... não sei... sentia isso. (Violeta)

Portanto, a produção nefasta que as relações desiguais de poder podem promover, impossibilitou que a maioria deles passassem por essa transição de maneira ilesa. Submetidos a um encadeamento de conflitos internos decorrentes das fissuras que uma configuração social não igualitária produz, tiveram de encontrar modos de inserção nessa nova vida, tentando, gradativamente se afastarem do sentimento e do lugar de exclusão.

7.4 O aporte da comunidade

Conforme acompanhado pelo leitor ao longo do texto e exposto no capítulo 3 desta dissertação, há muito conteúdo da obra da filósofa Simone Weil que ampara a reflexão e auxilia no pensamento a respeito da inserção de nossos depoentes nas quatro organizações associativas estudadas.

Simone Weil não fazia questão em assumir o posto de filósofa pertencente da elite intelectual de sua época. Aversa a ideia de restringir o estudo da filosofia a constantes divagações verbais entre os acadêmicos, buscou para si um conhecimento que só poderia ser conquistado e apreendido, comunicando-se com pessoas de diferentes classes sociais e buscando no trabalho físico o verdadeiro contato com aqueles que, de fato, poderiam lhe apresentar as situações de opressão e para as formas de resistências possíveis.

Após ter reunido um vasto conhecimento na prática sobre as condições desagregadoras do trabalho braçal, seja no campo ou na fábrica, refletir acerca da miséria de povos marginalizados, das questões políticas contraditórias que se apresentavam, do avanço consentido do Nazismo e Fascismo em toda a Europa, consolidou, mesmo acamada, uma espécie de manual que guiaria as próximas gerações a delinear um mundo onde todos poderiam usufruir da condição do enraizamento.

Podemos conceber que “O Enraizamento” (2001) é uma coletânea do pensamento de Weil decorrente de situações vividas pela autora que fez com que ela ampliasse a noção de identidade e pertencimento para um campo de conhecimento que incorporou a dimensão política da vida social e a incorporou como um dos fatores determinantes para a condição do enraizamento.

Como ser perturbado pela fome e se sentir ancorado? A privação do alimento, para Weil, é a primeira condição a ser sanada para que se possa estar no mundo com integridade. A necessidade da propriedade privada é outro requisito interessante a ser considerado, pois onde um sentimento de posse não coincidir com a apropriação jurídica, o indivíduo é constantemente atravessado pela insegurança da separação. O que podemos esperar quando não se tem um lugar para firmar memória e segurança?

Quando a filósofa embarcou na vida cotidiana dos operários, seja lecionando aos mineiros ou, posteriormente, atuando em fábricas, deparou-se com a contramão do enraizamento. Aliás, foi somente a partir de explorar a profunda experiência do desenraizamento que pode nos ofertar a construção do seu pensamento sobre a importância do enraizar-se.

Nessa vivência com os trabalhadores pode percebê-los imersos em uma lógica de tempos roubados e inseridos em lugares onde são destituídos de valor, perdiam gradativamente a oportunidade de manterem a tradição do trabalho manual que fora ensinado pelas gerações passadas. O distanciamento da terra que ofertava o alimento, o afastamento do pensamento que buscava uma estratégia para confeccionar um artefato necessário, a exposição aos trabalhos extenuantes, mas nunca suficientes para poderem usufruir de uma vida com um pouco de conforto, propiciava que esses indivíduos vivessem cada vez mais uma vida de insatisfações, onde “o esgotamento nervoso causado por uma desgraça recente impede de se instalar o bem-estar” (Weil, 2001, p. 91).

Observando e debruçando-se sobre as causas e consequências das relações deterioradas dessas pessoas com os outros, com o trabalho exercido e com eles mesmos, Simone Weil dedicou-se, justamente, em apurar a imensa necessidade de repensarmos as práticas políticas, jurídicas e, inclusive, técnicas que estavam em voga. Para ela, somente um novo arranjo desses aspectos, poderia auxiliar os indivíduos a não mais serem “estrangeiros à cultura de espírito que lhe é oferecida” (2001, p. 82). Isso contribuiria na retomada de uma vida com acesso às necessidades vitais, fazendo com que ele reencontrasse a dignidade e os laços com suas histórias.

Mesmo que o objetivo desta dissertação não se concentre sobre as questões do meio fabril e camponês, mas sim no contexto das contingências da emigração, noto o recorrente sinal de desalojamento presente da vida dos nossos narradores, frente ao ato de emigrar e que dialogam com os observados por Weil outrora. Por conseguinte, cada vez mais sufocados e banidos por uma atmosfera que parece estar sempre dificultando a vida em Portugal, os depoentes foram introduzidos gradativamente numa morte social, fruto de uma ruptura societária que minou os grupos aos quais eles pertenciam.

Não foi ao acaso que Simone Weil detectou a apatia que tomava conta de seus colegas de fábrica. Sabe-se que o ser humano possui raízes pela sua participação na sociedade quando

se mantém preservados valores herdados do passado, por meio das memórias e por pressentimentos para o futuro. Desta forma, um indivíduo que é constantemente tolhido das necessidades vitais, encontra no embotamento o sintoma dessa doença que é o desenraizamento.

Por isto, nossos emigrantes, sujeitos às artimanhas de uma sociedade que se apresenta cada vez mais alimentando os desencontros pela necessidade de poder, enfrentaram no afastamento de suas histórias a possibilidade de refazerem uma nova vida. Fragmentados entre encerrar uma história e recomeçar outra em terra brasileira, o que restou a eles foi a tentativa de conciliação com o enraizamento nas associações estudadas nesta pesquisa.

Sousa (2007) destaca alguns papéis exercidos por estas instituições da comunidade portuguesa que vão ao encontro das proposições levantadas. O autor vai apontar que, para o português recém-chegado, esses lugares eram propícios para o encontro e o contato social, fornecendo o reavivamento de laços de amizade ou até mesmo contribuindo para a formação de novos grupos de amizade entre pessoas com uma trajetória próxima.

Privados do respaldo identitário, lidando com o desconhecido e muitas vezes sofrendo de humilhações sociais pela origem portuguesa conseguiam, nesses locais, referenciais importantes no amparo da sua identidade lusitana, cultivando viva a memória das tradições e consolidando um processo de reconstituição da memória social amparada pela saudade da terra natal.

Talvez os portugueses busquem tanto esses lugares para se entrosarem, porque você é aqui de São Paulo, suponha que você vai morar no Rio, ou então em Lisboa, você chega e você procura aquelas coisas que mais te tocam, não é?! É um modo de diminuir um pouco o sofrimento, porque, pra mim, quando vim foi muito difícil de me adaptar. (Violeta)

Quase em uma analogia à definição biológica do termo, o uso trivial da palavra enraizamento é constantemente associado com a criação de raízes. Porém, neste caso, ele não se apresenta no sentido de fixação em determinado local geográfico, ao contrário, propõe a multiplicação dos contatos e a troca de influências que alimentam a alma e respaldam uma participação comunitária (Weil, 2001), sem relação à priori com o lugar de nascimento.

Portanto, e como já vimos com Pierre Nora (1993), um grupo não obrigatoriamente é composto apenas por materialidades, assim como o sentimento de pertença, para Weil (2001), não necessariamente pressupõe a presença física de seus membros, embora isso também seja importante.

A participação dos bens coletivos, participação que consiste não em usufruto de materialidades, mas em um sentimento de propriedade, é uma necessidade não menos importante. Trata-se de um estado de espírito mais do que de uma disposição jurídica. Onde há verdadeiramente uma vida cívica, cada qual se sente pessoalmente proprietário dos monumentos públicos, dos jardins, da magnificência ostentada nas cerimônias, e o luxo que todos os seres humanos desejam é assim concedido mesmo aos mais pobres. (Weil, 2001, p. 37-38)

Acredito que o que move seus componentes é algo que não se limita aos elementos concretos, pois uma coletividade que imprimiu sua marca dentro de um grupo consolida-se pelas amarrações em um passado já vivido, que perdura por meio das lembranças de quem herdou essas histórias e fica incumbido de transmitir a importância do que há de simbólico em estar inserido neste grupo, com valores, causas e relevâncias de pertencer a uma experiência compartilhada.

Pergunto-me o que iria pensar Simone Weil ao saber que Felisbela encontrou um amor dentro de um hospital?

Essas são as peculiaridades que as entidades associativas, independente se forem um clube recreativo, um centro cultural ou um lugar destinado a tratar doenças, provocam na biografia de quem está inserido. “O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo?” (Bosi, 1994, p. 74). O fato de que são locais que transcendem a materialidade fez com que consolidassem uma atmosfera própria. A partir disso, puderam apresentar-se na vida dos nossos depoentes como uma extensão da família, mesmo quando essa não se encontrava presente.

Frequentava bastante as associações portuguesas, ia muito a Casa de Portugal e depois aí eu casei, com 52 anos com um senhor viúvo. Ele me viu na Beneficência, na sala de espera de uma médica, ia passar em consulta porque tinha engordado um pouquinho para fazer um tratamentinho. Um dia estou lá e tinha aquele senhor do lado, nem olhava para ele, estava envergonhada. E ele não me largou mais, eu não queria, tinha 50 anos, o que ia fazer? Aí fiquei com ele 15 anos.

Ao ressaltar a destruição do passado como um crime e que defendê-lo precisa tornar-se uma ideia fixa, Simone Weil (2001) também pontua que a multiplicação dos contatos e o enraizamento são complementares. Entretanto, alerta

As trocas de influências entre meios muito diferentes não são menos indispensáveis do que o enraizamento no entorno natural. Mas um meio determinado deve receber uma influência

externa não como uma contribuição, mas como um estimulante que torne sua própria vida mais intensa. Não deve alimentar-se das contribuições externas senão depois de as ter digerido, e os indivíduos que o compõem não devem recebê-las senão através dele. (Weil, 2001, p. 43)

Neste sentido, essa informação caminha bem próximo do que nossos depoentes relataram. Por isto suponho que estes tomaram a participação nas organizações como um local no qual puderam reafirmar uma identidade. Somente, após sentirem, essa certeza de ainda existirem como indivíduos derivados de um passado marcado na herança portuguesa, conseguiram, pouco a pouco, ocupar novos lugares de inserção dentro da sociedade desse novo país. Desta maneira, as entidades, incumbidas de realizar uma interface entre culturas configuraram-se, também, como um dispositivo de adaptação frente a cisão vivenciada.

Conforme consegui constatar, a separação física da terra natal evocava a ânsia pela continuidade com o que haviam deixado do outro lado do oceano. Logo, acredito que tudo que fazia e faz referência àquela vida interrompida podia novamente encontrar espaço de rememoração e, em alguma medida, junto com os patrícios, conferia a oportunidade de também perpetuá-la.

Portanto, vemos na História e nas histórias que a comunidade portuguesa com suas entidades e ações, surgiram como resposta a uma demanda de necessidades desses imigrantes e ficaram encarregadas de fornecerem auxílios, suprimindo carências culturais, sociais, econômicas e afetivas para que fosse possível que esses indivíduos reconstruíssem a vida, conforme também aponta Sousa (2007).

De acordo com os depoimentos, a busca unânime de nossos depoentes, assim que chegaram, pelas organizações associativas, na medida em que estas polinizavam recursos de conservação memorialística e de suporte e manutenção da identidade, explicita a urgência de acolhimento e resistência frente ao desenraizamento cultural.

Vide o caso de José, quando este menciona que ao chegar a São Paulo não conhecia ninguém e sabendo do Clube Português, foi lá, bateu na porta e se inscreveu. Ou, quando justifica os motivos por se associar pelo fato de que *era minha gente*.

Lembremos a ampliação de laços que Violeta conseguiu ao iniciar seu trabalho dentro da Casa de Portugal. Mesmo sócia da Casa, não possuía o hábito de frequentar as reuniões sociais, bailes, entre outros, pois seu pai vivia em volta apenas com o trabalho. Somente após o

falecimento do mesmo, adquiriu a oportunidade do maior convívio com os demais patrícios, inclusive conhecendo seu marido em uma das festas que a entidade fornecia.

Todos nós íamos bastante até a Casa de Portugal, mas não muito nas festas, era bom, era muito bom. Meu pai gostava das coisas de Portugal, gostava de participar, assim como nós. Nós mantínhamos nossa cultura muito através da família e da convivência com outros portugueses, ou filhos de portugueses. Sempre buscamos nos cercar de pessoas parecidas com a gente. (Violeta)

Em todas essas associações acho que é uma espécie de continuidade do lugar onde nasceu, um pouco de sentimentalismo talvez, ou as lembranças, acho que pode ser um pouco de necessidade também, chega aqui muito isolada das suas origens, dos costumes, tudo isso faz falta. (Violeta)

Quando a greve de 1936 foi para Simone Weil uma revelação ao se deparar com a fábrica tomada pelos operários e suas famílias, foi porque pela primeira vez presenciava o orgulho nos olhos dos operários pela apropriação do espaço de trabalho. Infelizmente, o lugar onde deveria ser uma segunda casa quase sempre não favorecia o encontro entre as pessoas, mesmo estas estando lado a lado e compartilhando de atividades comuns. Por isso, a autora destaca a importância fundante no amparo da coletividade e dos grupos que nos rodeiam.

Logo, percebemos que as organizações associativas foram centros de transmissão de valores, com propensões maciças de troca e do cultivar de interesses vinculados à diversos aspectos, carregando significados pela via da prática social e permitindo uma ligação afetiva que caracterizava o lugar como um porto seguro ou, ainda, como uma extensão do ambiente familiar.

Conheci no Clube Português um amigo, um outro português que trabalhava numa outra empresa de construção e disse a ele que estava precisando trabalhar e ele me conseguiu uma colocação na empresa dele e assim comecei minha vida profissional aqui no Brasil. (José)

Conheci minha mulher no Clube Português, num baile. (José)

Foi no Clube Português que conheci minha mulher, num baile. Me casei e nunca mais abandonei o Clube. (Rui)

Fui sócio da Casa de Portugal, quando eu ia dançar lá, muitos anos, adorava! Sabe o que acontece: nesses lugares você encontra os patrícios e conversa com portugueses, estar com portugueses é mais fácil que estar com estrangeiro e vai tocando barco. Onde eu ia encontrar um lugar tão carinhoso como me sentia lá, aqui é um acolhimento de alma com alma, é um entrosamento de alma. (Antônio)

Mesmo, se pensarmos, no caso de Armindo, que fez uma tentativa de inserção, mas, por desdobramentos que acompanhamos no seu relato, não manteve a relação com as entidades na mesma paixão que os demais, observamos a necessidade, mesmo que tímida, dele buscar, inicialmente, esse vínculo com Portugal.

Lamentavelmente, José, Antônio, Felisbela, Violeta e Rui encontram dificuldades em se manterem presentes na Casa de Portugal, no Clube Português e na Portuguesa, do mesmo modo como antes. Embora esses lugares da memória foram e continuam sendo importantes, há uma redução crescente dos encontros com outros patrícios e com os eventos dessas entidades que permearam suas vidas por décadas. Aliás, nenhuma entidade conseguiu acompanhar as transformações sociais e econômicas sem que perdessem muito das características iniciais.

Meu time era a Portuguesa, hoje aquilo acabou, não tem mais recuperação. Portuguesa não tem mais recuperação. Ela deve mais do que tem. Olha imagina você... Má administração, pessoas desonestas. Eu cheguei a ser diretor da portuguesa, quando eu percebi o que aquilo era... eu me demiti porque eu não coaduno com essas coisas. Então me demiti enfim tudo isso. A Portuguesa acabou. Fui conselheiro, fui diretor. Uma tristeza! (Rui)

A casa de Portugal é uma entidade cultura e de assistência, então tinha muito curso, agora parece que não fazem quase nada, antes tinha cursos, até Portugal providenciava palestrantes que vinha para cá e de cá para lá. (Violeta)

José e Rui, por exemplo, são incansáveis na luta de preservarem o Clube Português, mas trazem um lamento em suas falas por ele ter precisado se desprender da exclusiva personalidade portuguesa no intuito de viabilizar recursos financeiros. Assim, tornou-se também um espaço de locação para as festividades de outras culturas. Mesmo levando em consideração que a relação intercultural seja importante, noto, hoje, que ela se configura em sua totalidade muito mais por imperativo de necessidade econômica do que por uma troca de influências.

Naquela época os clubes eram clubes sociais, hoje não existe mais isso, o clube existe, mas não do modo cultural. Até que sexta feira que vêm tem o jantar de Natal, mas a atividade é muito pouca, talvez porque houve uma época de baixa imigração portuguesa para o Brasil, então muitos portugueses foram morrendo. Hoje não tem esse tipo de clube, antigamente era o tipo de clube que tinha baile quase todo mês, era outra época, essa época a localização também era em frente aos Correios, bem em frente, um bom bairro, tinha baile de carnaval, bailes comemorativos, sempre tinha uma atividade, grupo folclórico, com danças folclóricas portuguesa, hoje não existe mais nada disso. (José)

O Clube sobrevive da renda do aluguel de salão de festas, sócios acho que não tem nem 50 sócios pagantes, existe porque tem uma meia dúzia de gatos pingados que não deixam a

coisa morrer, eu sou um dos bobões. Por uma tradição não deixo aquilo morrer, tem uma biblioteca que às vezes uns estudantes universitários consultam livros de literatura portuguesa, mas a vida mudou muito. (José)

Antônio parou de frequentar a Casa de Portugal, pois relata que não é mais a mesma.

Felisbela, pelo medo, não consegue sair como antes para ir às festividades das casas associativas, porém permanece em constante busca pelas informações da comunidade e de Portugal, seja no rádio, na televisão ou no jornal. Resiste o quanto pode para não se abater por tantas mudanças que diminuíram suas idas à Portuguesa, à Casa de Portugal, ao Clube Português e que reduziram os programas lusos exibidos em maior quantidade antigamente.

Não saio muito porque hoje tenho um pouco de medo, mas ia tanto na Casa de Portugal. Conheci um padre aqui, filho de português, não é português, é filho. E ele tem programa de música portuguesa no rádio, todo sábado às 9 horas da noite.

Antes eu tinha muitas amizades, mas a vida é assim: todas foram casando, então fica difícil de se encontrar, mas antes íamos em turma lá, assistir show, danças, tudo que havia eu ia. Hoje é muito diferente, antes tinha os ranchos, em Portugal eu fazia parte de um rancho. O rancho tem até uma comida que se chama, mas tem rancho que é um grupo de pessoas que canta e dança folclórica. Todas as casas tem rancho. E eu ia muito, agora que não vou, tenho medo de ir à noite.

Apesar de todos esses obstáculos, é uma daquelas que acredita que esses redutos não irão acabar, pois refere que quando as coisas começam ir mal, sempre aparecem alguns para tentar reergue-las

Até mesmo o Hospital Beneficência Portuguesa da cidade de São Paulo, vem angariando papel de destaque frente a outros hospitais, apresentando certo descompasso quando o assunto são os seus associados. Por muito tempo, o associado desta instituição ficou marginalizado, pois acarretava um custo imenso, visto que a quantia paga por eles por meio dos títulos vitalícios de saúde se esgotou rapidamente com o advento das tecnologias médicas.

Eles perderam a importância, o espaço e ainda foram vistos com maus olhos durante muito tempo, tanto pelos funcionários que não entendiam suas reivindicações de atenção e de respeito, quanto de quem se responsabilizava pelo financeiro. Mesmo que hoje haja toda uma política de resgate da história coletiva destas pessoas e de melhorar a assistência das mesmas, o símbolo da Cruz de Malta foi retirado da logomarca em detrimento de uma reposição

institucional no mercado, que tem dado origem a nova BP. É provável que um dia esses associados fiquem apenas na linha do tempo da instituição.

Logo, nossos depoentes dividem-se entre o sentimento de esperança de que as entidades permanecerão vivas e o sentimento de tristeza de que elas desaparecerão junto com suas histórias e geração.

8 ALÉM DE IMIGRANTE, O VELHO: A DUPLA CONDIÇÃO DO DESENRAIZAR-SE

A sociedade ainda não compreendeu o idoso. Muito se estuda o desenvolvimento da criança e o desenvolvimento do adulto, mas se debruçar sobre a velhice considerando-a, também, um estágio de desenvolvimento é bastante recente. Encaminharmo-nos para a condição de velho é um destino, mas parece que esse destino é um verdadeiro desafio.

Na colhida dos depoimentos em nenhum momento foi realizada alguma pergunta proposital direcionada para a temática do envelhecimento. Entretanto, não é possível não nos implicarmos em pensar o velho enquanto categoria social, ainda mais quando isso envolve a vida atual de nossos depoentes e coloca em questão a condição do enraizamento e do desenraizamento na vida deles pela segunda vez.

Com isso, nesta última parte, não poderia me isentar de levantar alguns apontamentos e refletir o lugar que os narradores desta dissertação ocupam na sociedade atual. Isso é para eles, mas também para todos os outros idosos com os quais eu possuo contato e que, na prática cotidiana do meu trabalho, me transmitem ao seu modo o que é estar velho.

Já nos anos 70, a filósofa Simone de Beauvoir (1970/1990) rompe com a conspiração do silêncio em relação à velhice e nos expõe a solidão e o desespero dos idosos, relatando que mais do que qualquer outro grupo são eles os que padecem das mazelas sociais e culturais de nossa sociedade.

É verdade que atualmente é possível notar uma crescente atenção para os aspectos do envelhecimento, em diversos prismas, mas é verdade também que quando nos atentamos a estes aspectos, ao menos no Brasil, observamos uma perspectiva muito mais direcionada a estimulá-los ao consumo do que para propiciar políticas de direito que assegure uma vida digna a esse grupo crescente.

Abrir espaço para o idoso enquanto detentor de uma função social de extrema relevância, ao passo que as verdadeiras riquezas são vividas e não compradas, deveria tornar-se meta. Seu excesso de saber demanda um tempo, tempo este que as novas gerações são cada vez mais impedidas de vivenciar e, assim, ambos, perdem, um pouco mais a cada ano, o profundo contato com o outro (Bosi, 1994).

Para a filósofa Marilena Chauí (1994), nessa vida de tempos roubados, a opressão na velhice acontece de múltiplas formas

Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho). (Chauí, 1994, p. 18)

Trago aqui o caso de Luisa Severo. Mesmo não sendo depoente da pesquisa, mais do que ninguém ela tem vivido o árduo trabalho de preservação da sua identidade e enfrenta uma batalha cotidiana para manter-se enraizada.

Associada do Hospital Beneficência Portuguesa da cidade de São Paulo, neta de Ricardo Severo, nome já conhecido nesta pesquisa, e sobrinha-neta de Santos Dumont, atualmente reside no que conhecemos por asilo. Por uma história de vida pautada em conflitos familiares e dificuldades individuais de lidar com os afetos, após a morte de seu marido não pode contar com ninguém da família e sem condição financeira precisou ser institucionalizada. Acompanhando com ela essa fase, fomos - eu e ela - constatando o que é ter setenta e poucos anos sem estar devidamente amparada.

Luisa descobre uma solidão antes nunca imaginada e como modo de não ser engolida pela angústia de uma possível demência, encontra na lavanderia da instituição que reside a função de “dobradora de roupas”. Contra a vontade de quem administra o local, persiste e tenta buscar nesta atividade um movimento individualizante. Imprime no ato de dobrar aspectos da sua subjetividade: arruma por cores, é minuciosa nos detalhes, faz distinções entre as peças para que cada uma tenha o seu lugar e, assim, resgata a profissão de decoradora de interiores que um dia possuiu.

Recentemente, a mesma me relata uma frase dita pela funcionária formal da lavanderia, onde esta solicita que sejam jogadas fora algumas roupas furadas. Luisa, ao questionar se o dono da peça não poderia ficar chateado, ouve que isso não traria problemas, pois “aqui nada é de ninguém”. Que dóido foi para ela ouvir isso. O morador do asilo, dono da roupa furada, não teve o poder de escolha entre ficar ou se desfazer das peças poídas. Luisa, então, questionou-se: quando seria sua vez de perceber que jogaram suas coisas fora?

O velho parece ser tratado constantemente como um indivíduo sem identidade, “as pessoas pensam que estamos lá esperando a morte”, disse ela. Albino, seu único amigo lúcido nesse asilo resalta que a melhor forma de não sofrer com isso “é deixando as lembranças lá fora”. Nesta lógica, parece que só há a possibilidade de evitar o sofrimento ocasionado pelas negligências que experimentam durante a velhice, se deixarem de existir como seres históricos! Justamente eles que são carregados de tantas histórias.

Ecléa Bosi (1994) já nos alertou a respeito da tirania da sociedade industrial sobre o idoso. Não sendo ele nem produtor, nem reprodutor, é desautorizado a ser alguém e passa a caracterizar um fardo.

Sabendo que o emigrante é atravessado por cortes sociais, culturais e psicológicos, conforme vimos no decorrer da dissertação, questiono-me se o idoso não se depara com a mesma condição de ruptura quando é destituído do seu lugar de pertencer a uma sociedade que parece fazer de tudo para torná-lo invisível e, por conseguinte, no caso de nossos depoentes, correndo o risco de enfrentar uma dupla condição de desenraizamento.

Deparar-se com essa realidade e conviver diariamente com pessoas que estão submetidas a essa situação não se faz uma tarefa fácil. Afinal, o que resta ao velho se ele é constantemente convidado a ocupar um lugar marginal?

É interessante a postura de Antônio durante sua narrativa. Por todo seu relato deixa claro o quanto ainda é alegre, ativo e sedutor, como se utilizasse dessas características como um artifício de autopreservação. Resiste a ser esquecido: trabalha, usufrui dos espaços do bairro, dos esportes que exigem do corpo e da sexualidade constantemente renegada ao idoso. Marca que ainda está ativo num verdadeiro apelo para que também possa ser considerado vivo. Este, sem dúvida, foi o modo encontrado por ele para resguardar seus 94 anos de história como um homem de direitos.

A sexualidade, aliás, é um tema caro aos idosos. Constrangidos por manifestarem desejo sexual, acabam optando pela desinformação e colocando-se em práticas sexuais pouco seguras. Tal situação tem acarretado um preço alto na saúde dos mesmos, pois observamos que as doenças sexualmente transmissíveis têm afetado a vida deste grupo em grande escala, independente do gênero.

De acordo com o Boletim Epidemiológico de 2016, do Ministério da Saúde do Brasil, foram notificados, em 2007, 145 casos de HIV (Human Immunodeficiency Virus)²⁰ de pessoas com mais de 60 anos, contra 437 notificações em 2016. Fica a impressão que

Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória. Devem dar o exemplo de todas as virtudes. Antes de tudo, exige-se deles a serenidade; afirma-se que possuem essa serenidade, o que autoriza o desinteresse por sua infelicidade. (Beauvoir, 1970/1990, p. 10)

Seguido da sexualidade, o trabalho é outro tema gerador de conflitos para os idosos. Encontram-se no impasse em se aposentarem e “suportar uma diminuição consternadora de recursos e de nível de vida”, o que na maioria dos casos torna-se “um drama que acarreta graves consequências psicológicas e morais” (Beauvoir, 1990, p. 324), ou continuar trabalhando mesmo quando o corpo e a mente já dão sérios indícios de fadiga. Essa ambiguidade é refletida na aposentadoria, que pode ser entendida como férias ou como uma marginalização.

Em meio ao atual cenário da política brasileira e sua progressiva instabilidade vemos a iniciativa por parte do atual governo de alterar algumas regras do benefício da aposentadoria. A proposta para um novo modelo previdenciário torna como regra igualar a idade mínima de aposentadoria feminina e masculina nos 65 anos e que o tempo de contribuição para que uma pessoa possa retirar seu benefício integral seja de 40 anos.

Assim, se um trabalhador contribuir com uma média de 2.000 reais durante 25 anos, ele receberá uma aposentadoria de apenas 1.520 reais quando chegar aos 65 anos de idade. Caso este queira receber o valor integral de sua aposentadoria, deverá continuar no mercado formal após os 65 anos ou começar a trabalhar aos 25 anos e torcer para que nunca fique desempregado.

É sabido que reformas são importantes para acompanhar e atender as transformações da sociedade e do Estado, assim como se sabe que pessoas acima de 60 anos possuem capacidade e potencial a ser aproveitado. Tanto que José e Rui são bem atuantes dentro dos seus respectivos ramos de atuação, Antônio um pouco menos, mas os três vivem diariamente a rotina do trabalho.

²⁰ Em português corresponde à Vírus da Imunodeficiência Humana, o vírus causador da Aids.

Contudo, atualmente, eles se utilizam do trabalho mais como uma realização de si, e por isso abandoná-lo seria equivalente a morte, movimento totalmente diferente daqueles que precisam do trabalho como uma obrigação, e encontram no ato de se aposentar certo alívio. Posto isso, parece que o idoso terá sempre que escolher entre descansar ou viver decentemente.

Teria um operário, um agricultor, uma faxineira o mesmo vigor físico e mental de um advogado, de um farmacêutico ou de uma psicóloga? Será que nossos depoentes continuariam trabalhando se tivessem se relacionado com o trabalho apenas como um modo de suprir necessidades básicas? Não podemos permitir que nos afastem desses questionamentos.

O dinheiro é um fator bastante importante na velhice, pois como já pudemos constatar o fator previdenciário e as políticas públicas deixam a desejar quando o assunto é a assistência e direitos aos idosos. Porém, mesmo para aqueles que vivem do lado privilegiado do corte de classe e assim, aparentemente, podem ter uma circulação social mais favorável, na prática o que se observa é que isso nem sempre se faz tão preponderante assim.

Seja o idoso pobre ou rico encontra-se na luta constante de manter e afirmar sua existência, com sorte terá alguém da mesma idade com quem compartilhar. A própria Violeta nos relata que hoje está praticamente isolada. Mesmo tendo sobrinhos próximos e atenciosos, menciona que não participa de muita coisa e quase não tem saído de casa, pois não há pessoas que podem acompanhá-la. Hoje suas saídas concentram-se mais em idas ao hospital, para realizar consultas, exceto quando retorna para sua antiga aldeia, em Portugal, o ambiente de lá parece facilitar os encontros, as lembranças e a permite novamente estar em trânsito com o mundo.

Encontramos espaço para a velhice associado principalmente à doença. Parece que o único lugar que os idosos não incomodam é tratando de problemas físicos ou dentro de casa. Quem nunca ouviu ou mesmo fez reclamações da quantidade de idosos em horário de pico no transporte público? Quem nunca ouviu ou mesmo fez uma reclamação do tempo que demoram nas filas ou para subir e descer do ônibus? Quem nunca presenciou jovens fingindo dormir para não dar lugar à idosos? Quem nunca contestou ao ver uma pessoa idosa na direção?

Essa dissertação se respaldou o tempo todo na hipótese de que o elo comunitário, a participação em uma organização coletiva, pode ser considerado um ponto favorável para que o sofrimento da ruptura biográfica não esfacle a memória do passado. Assim, é possível

preservar vínculos e lembranças destes portugueses. Pensando, ainda, a inserção deles nas organizações com um enfrentamento do sofrimento psicossocial gerado pela emigração.

Até o momento, o leitor já pode acompanhar a comprovação da importância destes laços com a comunidade, visto que em conjunto com os depoentes deflagramos sua relevância.

Entretanto, se as alianças comunitárias foram as grandes responsáveis por auxiliar nossos depoentes a enfrentarem o desenraizamento na condição de emigrantes, quais alianças comunitárias esses emigrantes vão se valer para enfrentarem o desenraizamento na condição de velhos?

Confesso que é uma pergunta sem resposta. Afinal, em qual organização comunitária pode se respaldar o idoso?

A presença dos nossos depoentes nas organizações passou por uma diminuição profunda. Como idosos precisam reagir o tempo todo para não serem engolidos novamente por uma morte social. A família que sempre foi incumbida do papel de conexão é praticamente nula. Segundo Weil, “aquilo que hoje se dá esse nome, é um grupo minúsculo de seres humanos à volta de cada um; pai e mãe, marido e mulher, filhos; irmãos e irmãs já mais longe (Weil, 2001, p. 93). O vizinho não existe, a família também não, quando existe é distante, reduzida. Amigos são raros, quando há alguns, os deslocamentos se tornam um empecilho, a doença, pode ser outro. As novas gerações parecem não cultivar as datas festivas, ritos ou os cultos familiares e os mecanismos sociais e comunitários que poderiam proporcionar atividades são escassos.

Hoje ninguém pensa nos antepassados que morreram cinquenta anos, ou mesmo vinte ou dez anos, antes de seu nascimento, nem nos descendentes que nascerão cinquenta anos, até mesmo vinte ou dez anos após sua morte. Por consequência, do ponto de vista da coletividade a família não conta. (Weil, 2001, p. 93)

Muito se fala da teimosia dos idosos, por exemplo. No curso de cuidadores, que leciono no Hospital da Beneficência Portuguesa, os alunos quase que em sua maioria trazem esse comportamento como se isso fosse uma condição biológica da velhice. Há, no entanto, de se pensar se a teimosia, não acaba sendo a única forma de resistência do idoso frente a toda destituição de autonomia, lugar e poder decisório concedido a ele, ainda mais quando acometido por alguma doença.

Ecléa Bosi (1994) nos aponta uma contradição. À medida que o capitalismo foi se disseminando e se instaurou um crescente e contínuo avanço nos aspectos científicos e tecnológicos, houve um retrocesso sobre os vínculos, em especial os que remetiam sabedoria à velhice. Embora, nos dias de hoje, tenhamos solução para quase tudo, inclusive no que concerne ao prolongamento da vida, estamos todos cada vez mais impossibilitados de experimentar uma vida mais rica, mesmo que mais simples.

Não tinha lazer realmente, às vezes, era uma coisa muito simplória, por exemplo, no centro da cidade tem ainda um jardim muito bonito, então de fim de semana tinha uma orquestra, ou banda que tocava nos domingos a tarde, assistia orquestra, naquela época era muito ingênuo, mas também as coisas eram tão diferentes. (José)

José conhece bem o que é isso. Remete-nos a todo o momento de seu relato a outro tempo. Próprio de uma época, este não mais existe, mas demarca todas as transformações que separa a geração dele da minha, como se estivesse acostumado em ser incompreendido pela distância que as décadas provocaram. Inclusive, que sensível a percepção dele quando se coloca a defender seu amigo, considerado, já naquela época, como um velho pelos demais. José sabia que o que vale é o ânimo de espírito.

A mais de um século, frente ao surgimento das cidades, Simmel (1903/2005) já vislumbrava o cenário que estava por vir. Atenta-se que no campo predominam-se os costumes, o ritmo lento, a emotividade e o sentimento, enquanto que na cidade a mutação constante e a intensificação da vida nervosa, impunha às pessoas uma capa protetora.

Essas interações sociais, antes comuns, foram, segundo o autor, sendo gradativamente pouco suportadas. A velocidade que hoje atravessa todas as nossas relações imprime uma frequência que gera exclusão.

Frente às consequências desse ritmo, tal como apontado em Simmel (1903/2005), do individualismo crescente, visto em Simone Weil (2001) e da espoliação das lembranças como descrito por Ecléa Bosi (1994), precisamos recobrar o respeito pelo outro, pois a consideração do indivíduo como um ser isolado, desintegrado da vida comunitária, da consciência grupal e da ausência de uma experiência comum compartilhada semeiam o desenraizamento.

Logo, apresentar resistência a essas violações saindo de casa, misturando-se entre as pessoas e marcando presença nos espaços do bairro e da cidade pode ser uma saída contra o banimento que os assombra os idosos constantemente.

É provável que para muitos uma ida ao supermercado possa caracterizar um dos poucos momentos onde encontre interação, bem como ir ao banco pode significar desfrutar desse mundo acelerado da produção. Rejeitar de forma ríspida quando o mais jovem cede o lugar no transporte pode ser compreendido como uma reivindicação de que ainda é capaz, bem como a crescente inserção nas redes sociais.

Mais do que qualquer outro grupo pertencente ao nosso meio, os idosos são os grandes resistentes dessa sociedade. Acordam e dormem na luta incessante de manter sua identidade, sua lucidez e sua memória, numa tentativa heróica de preservação quando tudo é direcionado para o contrário. Cabe a nós sermos os facilitadores desse movimento.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das lembranças de idosos portugueses, percorremos suas histórias de vida no intento de acompanhar qual o sentido que atribuíram às organizações associativas estudadas nesta pesquisa. A inserção desses seis emigrantes e os desdobramentos de suas vidas, em solo brasileiro, deflagrou todas as dores vividas provenientes do ato de emigrar.

Mudar-se em definitivo causou desalojamentos de diversas ordens, como pudemos acompanhar em seus relatos, e apresentou-se na vida de José, Antônio, Felisbela, Violeta, Armindo e Rui como um obstáculo, colocando em cheque suas identidades. Fragilizados por estarem imersos em um universo desconhecido, por vezes, hostil e sem o ancoramento da cultura familiar e dos entes queridos, recorreram como elemento sustentador, ao chegar à cidade de São Paulo, ir ao encontro com o que existia de mais próximo das suas raízes.

Assim, a Casa de Portugal, o Clube Português, o Hospital Beneficência Portuguesa e o Clube de Desportos da Portuguesa ficaram incumbidos de representar uma continuidade do que tiveram que deixar em Portugal. Nesses lugares, todos os narradores com exceção de Armindo, puderam reafirmar, em uma nova comunidade, sua origem lusitana, conseguindo recompor a biografia que fora interrompida, criando novas articulações entre passado e presente e desenrolando uma nova vida rumo ao futuro. Mais amparados pelos vínculos e pelas memórias que compartilhavam, sem dúvida, pudemos confirmar que essas organizações tornaram-se agentes facilitadores para o re-enraizamento de nossos depoentes.

Diante da capacidade que existe nos encontros entre pessoas, preenchidas por uma biografia própria e herdada, podendo dividir experiências, recorrer a essas instituições foi um modo de resistência encontrado por eles frente ao desenraizamento. Com um legado consolidado, elas favoreceram o alimento da memória e propiciaram a eles o estabelecimento de um lugar no mundo quando tudo parecia estranho.

Ademais, essas entidades concretizaram-se como dispositivos sociais de adaptação intercultural de grande relevância, visto que seguros de quem eram, puderam se abrir para serem acrescidos de influências externas e realizarem um intercâmbio de experiências.

Constatamos que a noção do coletivo é um fator preponderante para enraizar-se e, conseqüentemente, para viabilizar processos de inclusão social e de saúde, visto que quando

arraigados em grupos de cooperação, a tristeza, a solidão e a angústia encontram pouco espaço de propagação, como pudemos observar nos relatos.

Quando Simone Weil ressaltou o desenraizamento como uma doença perigosa, trouxe à tona para a nossa realidade um grande alerta. A princípio tomamos a inserção de nossos depoentes portugueses nas entidades como uma forma de luta contra o sofrimento social gerado pela saída da terra natal. Encontrando, como já mencionado, a importância da comunidade. Entretanto, se notarmos cada vez mais a noção do coletivo corrompida e a diminuição do amparo no outro e/ou nos grupos, o que faz o indivíduo velho para se manter vivo e saudável em nossa sociedade atual?

Dito isto, ao fim da pesquisa foi possível ampliar o objetivo inicial desta dissertação para incorporarmos uma reflexão sobre o conceito da autora e sua provável e possível relação com a noção de saúde, principalmente no que concerne a idosos. Mesmo que não coube aqui nos debruçarmos sobre esta relação deixamos o questionamento para *a posteriori* ser trabalhado. Lembrando que para além de um corpo que funcione é necessário uma subjetividade que encontre um campo pessoal e comunitário de expressão.

REFERÊNCIAS²¹

- Andrade, C. D. (2015). *Nova reunião de 23 livros de poesia* (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, H. (2012). Totalitarismo. In: *Origens do Totalitarismo* (4ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Arroteia, C. J. (1983). *A Emigração Portuguesa: suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- Barreto, A. (2002). Mudança Social em Portugal, 1960/2000. Working Paper 6-02, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, www.ics.ul.pt.
- Benjamin, W. (2012). O narrador. In: *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (8ª ed. Revista). São Paulo: Brasiliense.
- Beauvoir, S. (2017). *Memórias de uma moça bem-comportada* (5ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. (M. H. Martins trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1970 em francês).
- Bosi, A. (1992). *A Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, A. (2009). Simone Weil: a inteligência libertadora e suas formas. In: Bingemer, M. C (Org.) *Simone Weil e o encontro das culturas*. PUC-Rio: Paulinas.
- Bosi, E. (1982). *Simone Weil e a Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense.
- Bosi, E. (1987). Cultura e Desenraizamento. In: Bosi, A. (Org.) *Cultura Brasileira: Temas e Situações* (1ª ed.). São Paulo: Editora Ática.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos* (17ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). *O tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Brasil. (2016). *Boletim Epidemiológico HIV e AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, e AIDS, Ano V, n. 1, 1ª à 26ª semanas epidemiológicas, jan./jun.
- Campos, G. B. (2015). *Dois séculos de imigração no Brasil: A construção da imagem e do papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

²¹ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Cardoso, D. M. (2012). *O retorno*. Rio de Janeiro: Tinta da China.
- Castellani, J. (1975). *São Paulo na década de trinta*. São Paulo: Policor.
- Chauí, M.. (2002). *Experiência do Pensamento. Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes.
- Chauí, M. (1994). Os trabalhos da memória. In: Bosi, E. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos* (17ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Comte-Sponville. A. (1995). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. (E. Brandão trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Corte-Real, M. (1996). Sons de Abril: Estilos Musicais e Movimentos de Intervenção Político-Cultural na Revolução de 1974. *Revista Portuguesa de Musicologia*, 6, 141-171.
- Duarte, O. (2000). *Lusa: uma história de amor*. São Paulo: Livraria Teixeira.
- Fausto, B. (1991). *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré.
- Fausto, B. (2013). *História do Brasil* (14ª ed. rev. ampl.). São Paulo: Edusp.
- Ferreira, L. T. (1959). *História da Beneficência Portuguesa de São Paulo*. São Paulo: Saraiva.
- Ferreira, J. M. (2000). Após o 25 de abril. In: Tengarrinha, J. (Org.) *História de Portugal*. São Paulo: Edusc.
- Freitas, S. M. (2006). *Presença portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial.
- Fronchtengarten, F. (2005). *Memórias de Vida, Memórias de Guerra: um estudo psicossocial sobre o enraizamento*. São Paulo: Perspectiva.
- Gonçalves Filho, J. M. (1998). Humilhação social: um problema político em Psicologia. [versão eletrônica]. *Psicologia USP*, 9(2), 11-67.
- Gonçalves Filho, J. M. (2009). Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In: Bock, M. (Org.) *Psicologia e o Compromisso Social*. São Paulo: Cortez.
- Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva* (B. Sidou trad.). São Paulo: Centauro. (Trabalho original publicado em 1950).
- Le Goff, J. (2013). *História e Memória* (7ª ed. revista). Campinas: Editora da Unicamp. (Trabalho original publicada em 1977)
- Lobo, E. M. L. (2001). *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- Marcílio, M. L. (2014). *A cidade de São Paulo: povoamento e população 1750-1850* (2ª ed.). São Paulo: Edusp.
- Neves, J. (2000). História. In: *90 anos do Clube Português*. São Paulo: Clube Português.

- Nobre, A. G. (1919a). *Esboço Histórico da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência em São Paulo*. São Paulo: Cia Paulista de “Papeis e artes graphicas”. v. 1.
- Nobre, A. G. (1919b) *Esboço Histórico da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência em São Paulo*. São Paulo: Cia Paulista de “Papeis e artes graphicas”. v. 2.
- Nora, P. (1993). Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, 07-28.
- Nunan, C & Peixoto, J. (2012). Crise econômica e retorno dos imigrantes brasileiros e Portugal. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, XX(38), 233-250.
- Pascal, M. A. M. (2004) *Trajetórias e Memórias de Portugueses: gênero, trabalho e cotidiano. São Paulo 1890-1930*. Tese de Doutorado. FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pétrément, S. (1997). *Vida de Simone Weil*. Madrid: Trotta. (Trabalho original publicado em 1973 em francês).
- Pollak, M. (1989). Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, PP.3 – 15.
- Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200 – 212.
- Ribeiro. D. (2015). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (3ª ed.). São Paulo: Global.
- Rocha-Trindade, M. B. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rosas, F. (2001). O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo, *Análise social*, XXXV(157), 1031-1054.
- Santos, J. L. (2004). *O que é cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Schutz, A. (1944/2010). O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social. *Revista Espaço Acadêmico*, 113.
- Serrão, J. (1982). *Emigração Portuguesa: Sondagem Histórica* (4ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Severo, R. (1937). A casa de Portugal prefação sobre respingos de história. *Boletim da Casa de Portugal*. Ano 1, Fasc. 7º.
- Simmel. (2005). As grandes cidades e a vida do espírito. *MANA* 11(2), 577-591. (Trabalho original publicado em 1903 em alemão)
- Simões, N. (1934). *O Brasil e a emigração portuguesa: notas para um estudo*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Sousa, R. (2007). Imigração Portuguesa, Identidade e Representação Geográfica: o lugar da casa regional no movimento associativo luso-brasileiro. *Espaço e Cultura*. 22, 54-66.

- Svartman, B. P. (2004). *Trabalho e Reificação: um estudo participante de Psicologia Social em uma metalúrgica da região do ABC*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Svartman, B. P. (2010). *Trabalho e Desenraizamento operário: um estudo de depoimentos sobre a experiência da vida na fábrica*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Thompson, P. (1992). *A Voz do Passado. História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Valente, L. (2015). *Uma Praça em Antuérpia*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Venâncio, R. P. (2000). Presença portuguesa: de colonizadores a imigrantes. In R, Vainfas (Org.), *Brasil: 500 anos de povoamento*. 61 – 77. Rio de Janeiro: IBGE.
- Verdasca, J. (1993). *A casa de Portugal e a comunidade*. São Paulo: Graphium Public.
- Weil, S. (1996) A condição operária e outros estudos sobre a opressão (2ª ed. rev.) *Antologia organizada por E. Bosi*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1979).
- Weil, S. (2001). *O enraizamento*. (M. L. Loureiro trad.). Bauru: EDUSC. (Trabalho original publicado em 1949 em francês).